



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Letras

Hércules Santos da Silva

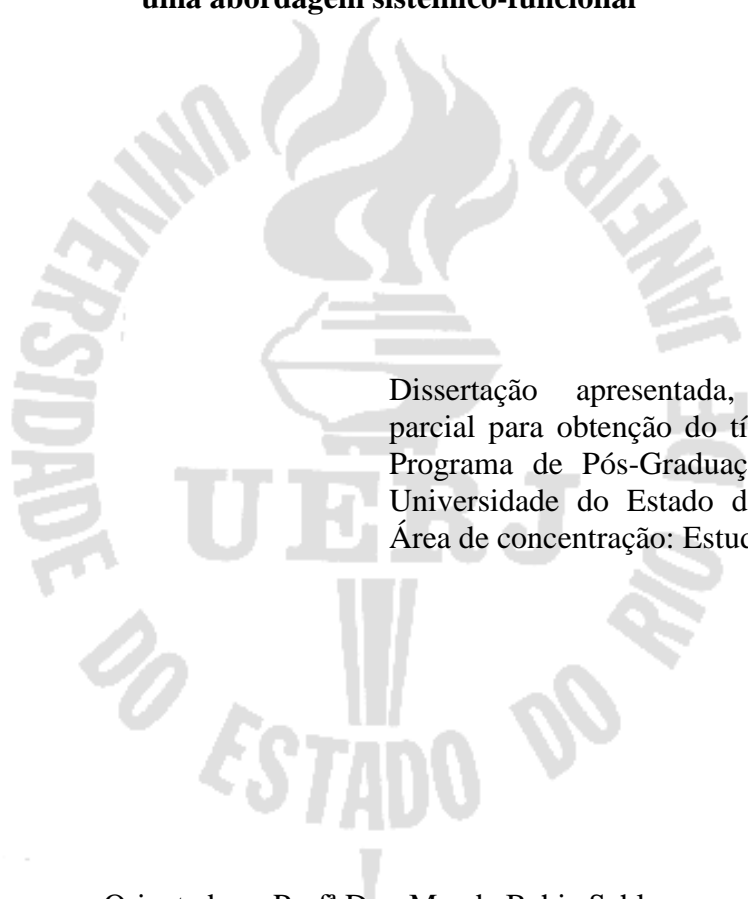
**Orações complexas, potencial de significado para a concretização de vozes
discursivas em editoriais: uma abordagem sistêmico-funcional**

Rio de Janeiro

2022

Hércules Santos da Silva

**Orações complexas, potencial de significado para
a concretização de vozes discursivas em editoriais:
uma abordagem sistêmico-funcional**



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos de Língua.

Orientadora: Prof^ª Dra. Magda Bahia Schlee

Rio de Janeiro

2022

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/B

S586

Silva, Hércules Santos da.

Orações complexas, potencial de significado para a concretização de vozes discursivas em editoriais: uma abordagem sistêmico-funcional / Hércules Santos da Silva. – 2022.

182 f.: il.

Orientadora: Magda Bahia Schlee.

Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Letras.

1. Linguística - Teses. 2. Língua portuguesa - Orações – Teses. 3. Editoriais – Teses. 4. Linguística de corpus – Teses. 5. Funcionalismo (Linguística) – Teses. I. Fernandes, Magda Bahia Schlee de Brito. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Letras. III. Título.

CDU 801:806.90-561.51

Bibliotecária: Mirna Lindenbaum. CRB7 4916

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Hércules Santos da Silva

**Orações complexas, potencial de significado para a concretização de vozes discursivas
em editoriais: uma abordagem sistêmico-funcional**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos de Língua.

Aprovada em 02 de fevereiro de 2022.

Banca Examinadora

Prof.^a Dra. Magda Bahia Schlee (Orientadora)

Instituto de Letras – UERJ

Prof.^a Dra. Denise Salim Santos

Instituto de Letras – UERJ

Prof.^a Dra. Adriana Nogueira Accioly Nobrega

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

2022

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus alunos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço inicialmente à Prof^a. Dra. Denise Salim Santos por ter me incentivado a dar continuidade aos estudos após concluir a Especialização em Língua Portuguesa. Durante esse curso, pude estudar com as Profas. Dras. Magda Bahia Schlee e Vania Lúcia Rodrigues Dutra, que despertaram em mim a vontade de conhecer uma nova teoria, a Linguística Sistêmico-Funcional. Ampliando os estudos, tive aulas na PUC-RJ, com a Profa. Dra. Adriana Nogueira Accioly Nóbrega, de LSF e Avaliação no Discurso e então fui apresentado a um outro universo de estudos, o grupo de trabalho ASFAD — *Grupo de Pesquisa Análise Sistêmico-Funcional e Avaliação no Discurso*.

A perspectiva do Halliday e de seus seguidores é de fato um tema extremamente apaixonante, por isso sou muito grato por toda a dedicação dessas queridas Professoras, que têm paixão por este conteúdo, pelos ensinamentos e pelo acolhimento durante todo o percurso do curso de Mestrado para a construção deste trabalho e em plena pandemia!

Ao tomar conhecimento de uma compreensão diferente da tradição gramatical com relação à combinação de orações, fui guiado por minha Orientadora a pesquisar e analisar o tema, que hoje agrego com muita segurança às minhas aulas de Língua Portuguesa no Ensino Médio da rede pública, com as adaptações necessárias.

Agradeço também a minha filha, Luíza, e aos meus familiares e amigos por terem compreendido minhas ausências neste período. Não posso me esquecer de nosso grande mestre o Professor Doutor José Carlos de Azeredo por nos apresentar uma proposta de estudo gramatical moderno e funcional. Agradeço ainda aos amigos que fiz na Especialização, Pablo Barbosa, Rafaela Chaves e Fernanda Marisco, pelo grande companheirismo, por dividirmos as nossas ansiedades e por construirmos uma amizade durante essa caminhada.

Por fim, agradeço a toda equipe da Secretaria da Pós-Graduação de Letras da UERJ, sempre prontos a nos atender e a nos auxiliar, e todas as pessoas que, de modo direto ou indireto, contribuíram para a conclusão desta dissertação.

RESUMO

SILVA, Hércules Santos da. *Orações complexas, potencial de significado para a concretização de vozes discursivas em editoriais: uma abordagem sistêmico-funcional*. 2022. 182 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

O objetivo desta pesquisa é investigar o complexo oracional, por meio da abordagem sistêmico-funcional (Halliday, 1994), como um potencial de significados para a construção de diferentes vozes externas em editoriais de jornal. Este estudo se baseou por um *corpus* de editorial de jornal (O Globo, Folha de São Paulo, Estado de São Paulo e Valor Econômico), que analisou as medidas do governo federal no combate ao coronavírus durante o período de pandemia da covid-19. O cotejo confirmou a hipótese exposta no início da dissertação de que as vozes externas realizadas por meio das relações lógico-semânticas de projeção de locução seriam de maior incidência e apresentariam um grande potencial argumentativo nos editoriais de jornal. Baseado em um método dedutivo de pesquisa bibliográfica nas teorias de Halliday (1994), de Halliday e Matthiessen (2014), de Matthiessen (2002) e de Martin e Rose (2008), busca-se relacionar a incidência de vozes discursivas ao propósito social do gênero editorial.

Palavras-chave: Complexo oracional. Relações lógico-semânticas. Gênero editorial

ABSTRACT

SILVA, Hércules Santos da. *Clause complex, meaning potential to discursive voices instantiation in editorials genre: a systemic functional approach*. 2022. 182 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

The objective of this research is to investigate the clause complex through a Systemic-Functional approach (Halliday, 1994), as a meaning potential for the different external voices instantiation in newspaper editorials. This study was based on a *corpus* of newspapers editorial (O Globo, Folha de São Paulo, Estado de São Paulo and Valor Econômico) that analyzed the measures taken by the federal government to combat the coronavirus during the Brazilian covid-19 pandemic. The result confirmed the hypothesis exposed at the beginning of the dissertation that the external voices realized through the logical-semantic relations of projection of locution would be of greater incidence and would present a great argumentative potential in the newspaper editorials. Based on a deductive method of bibliographic research on theories of Halliday (1994), by Halliday and Matthiessen (2014), by Matthiessen (2002) and by Martin and Rose (2008), we seek to relate the incidence of discursive voices to the social purpose of the genre editorial.

Keywords: Clause complex. Logical-semantic relations. Editorial genre.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Realização dos estratos do sistema da linguagem.....	21
Figura 2 - Linguagem como sistema de estratos.....	33
Figura 3 - Representação básica de relações entre orações por coesão.....	42
Figura 4 - Representação básica de relações entre orações por encaixamento.....	43
Figura 5 - Representação básica de relações entre orações por interdependência (hipotaxe)..	43
Figura 6 - Representação básica de relações entre orações por interdependência (parataxe)..	43
Figura 7 - Realização típica de sequências, figuras e elementos.....	50
Figura 8 - Sistema de Complexo Oracional.....	53
Figura 9 - Representação de projeção e expansão por convenções de histórias em quadrinhos	63
Figura 10 - Opções básicas para o Complexo Oracional.....	64

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Marcadores de “condição” e padrões de agnação.....	20
Quadro 2 - Modelo de Longacre (1992) e a constituição do discurso exortativo.....	22
Quadro 3 - O editorial e seus estágios internos.....	25
Quadro 4 - Diferenças entre paradigma formal e paradigma funcional.....	31
Quadro 5 - Variáveis do contexto situacional e metafunções da linguagem.....	34
Quadro 6 - Descrição dos componentes do MODO oracional.....	36
Quadro 7 - Exemplo de descrição do MODO e resíduo.....	36
Quadro 8 - Descrição dos componentes da transitividade na oração.....	38
Quadro 9 - Exemplo de transitividade: oração material.....	39
Quadro 10 - Exemplo de transitividade: oração mental.....	39
Quadro 11 - Exemplo de transitividade: oração relacional.....	40
Quadro 12 - Exemplo de transitividade: oração verbal.....	40
Quadro 13 - Exemplo de transitividade: oração existencial.....	40
Quadro 14 - Exemplo de transitividade: oração comportamental.....	40
Quadro 15 - Exemplo de análise da estrutura temática em orações.....	45
Quadro 16 - Exemplo de Tema múltiplo.....	45
Quadro 17 - Exemplo de Tema não marcado.....	45
Quadro 18 - Exemplo de Tema marcado.....	46
Quadro 19 - Tipos básicos de orações complexas.....	55
Quadro 20 - Alguns conectivos e seus diferentes sentidos lógico-semânticos: elaboração.....	56
Quadro 21 - Alguns conectivos e seus diferentes sentidos lógicos-semânticos: extensão.....	58
Quadro 22 - Principais conjunções e adjuntos conjuntivos de relação lógico-semântica de intensificação.....	61
Quadro 23 - Análise da estrutura de transitividade oracional com oração encaixada.....	71
Quadro 24 - Seleção do complexo oracional do editorial 1.....	83
Quadro 25 - Seleção do complexo oracional do editorial 2.....	86
Quadro 26 - Seleção do complexo oracional do editorial 3.....	90
Quadro 27 - Seleção do complexo oracional do editorial 4.....	96
Quadro 28 - Seleção do complexo oracional do editorial 5.....	100
Quadro 29 - Seleção do complexo oracional do editorial 6.....	105
Quadro 30 - Seleção do complexo oracional do editorial 7.....	113
Quadro 31 - Seleção do complexo oracional do editorial 8.....	116

Quadro 32 - Seleção do complexo oracional do editorial 9.....	121
Quadro 33 - Seleção do complexo oracional do editorial 10.....	125
Quadro 34 - Seleção do complexo oracional do editorial 11.....	128
Quadro 35 - Seleção do complexo oracional do editorial 12.....	137
Quadro 36 - Seleção do complexo oracional do editorial 13.....	141
Quadro 37 - Seleção do complexo oracional do editorial 14.....	144
Quadro 38 - Seleção do complexo oracional do editorial 15.....	147
Quadro 39 - Seleção do complexo oracional do editorial 16.....	150

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 — Quantificação dos tipos de combinações de orações no <i>corpus</i> da pesquisa.....	157
Tabela 2 — Quantificação percentual dos tipos de combinações de orações no <i>corpus</i> da pesquisa.....	158
Tabela 3 — Detalhamento dos tipos de combinações de orações no <i>corpus</i> da pesquisa.....	159

LISTA DE ABREVIACOES

- GSF Gramática Sistêmico-Funcional
- GT Gramática Tradicional
- LSF Linguística Sistêmico-Funcional

Sumário

	INTRODUÇÃO	14
1.1	A noção de texto	17
1.2	Editoriais	21
1.3	Noções de Gênero e a perspectiva de análise de Martin	23
1.3.1	Registro concretizando o gênero	24
2	LINGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL	30
2.1	Formalismo x funcionalismo	30
2.2	Linguística Sistêmico-Funcional e Gramática Sistêmico-Funcional	32
2.3	Metafunção interpessoal	35
2.4	Metafunção ideacional	36
2.4.1	Experiencial	37
2.4.1.1	Lógica	40
2.5	Metafunção Textual	44
2.6	Combinação de orações — Complexo oracional	46
2.6.1	O Complexo oracional na perspectiva da LSF	49
2.6.2	Relações táticas e relações lógico-semânticas	53
2.6.2.1	Expansão	56
2.6.2.2	Projeção	63
2.6.3	Encaixamento	69
3	RELEVÂNCIA DAS VOZES EXTERNAS PARA A ARGUMENTAÇÃO	73
4	METODOLOGIA	77
4.1	Corpus	77
4.2	Ocorrência de vozes externas	78
4.3	Procedimento de análise	79
5	ANÁLISE DO CORPUS	81
5.1	Editorial 1	81
5.1.1	Análise das ocorrências	83
5.2	Editorial 2	84
5.2.1	Análise das ocorrências editorial 2	87
5.3	Editorial 3	89
5.3.1	Análise das ocorrências no editorial 3	91
5.4	Editorial 4	94

5.4.1	Análise das ocorrências do editorial 4.....	97
5.5	Editorial 5	99
5.5.1	Análise das ocorrências no editorial 5.....	101
5.6	Editorial 6	103
5.6.1	Análise das ocorrências no editorial 6.....	107
5.7	Editorial 7	111
5.7.1	Análise das ocorrências no editorial 7.....	114
5.8	Editorial 8	115
5.8.1	Análise das ocorrências no editorial 8.....	118
5.9	Editorial 9	119
5.9.1	Análise das ocorrências no editorial 9.....	122
5.10	Editorial 10	123
5.10.1	Análise das ocorrências no editorial 10.....	125
5.11	Editorial 11	126
5.11.1	Análise das ocorrências no editorial 11.....	130
5.12	Editorial 12	135
5.12.1	Análise das ocorrências no editorial 12.....	137
5.13	Editorial 13	139
5.13.1	Análise das ocorrências no editorial do editorial 13.....	141
5.14	Editorial 14	142
5.14.1.	Análise das ocorrências no editorial 14.....	144
5.15	Editorial 15	146
5.15.1	Análise das ocorrências no editorial 15.....	148
5.16	Editorial 16	149
5.16.1	Análise das ocorrências no editorial 16.....	151
5.17	Tabulação das ocorrências e resultados	153
5.18	Análise dos resultados	153
5.19	Lista dos tipos de relações lógico-semânticas que possibilitaram a inserção de vozes externas	155
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	160
	REFERÊNCIAS	162
	ANEXO	166

INTRODUÇÃO

Segundo Bakhtin, toda interação verbal é dialógica (polifônica), e as vozes discursivas encontradas nos textos, explícitas ou implícitas, podem ser realizadas por meio de grupos em orações ou de orações em complexos oracionais na fala e na escrita. Interessa-nos nesta pesquisa as vozes explícitas encontradas em certos gêneros textuais como os opinativos, em especial, o editorial.

Encontramos em editoriais várias formas de inserção de vozes discursivas que podem ser expressas por meio do discurso direto e discurso indireto. Esses conceitos propostos pela gramática tradicional se manifestam por meio de orações subordinadas adverbiais conformativas, orações subordinadas adjetivas explicativas, por exemplo, ou, ainda, por meio de outros recursos linguísticos para o engajamento do leitor no texto.

Nos estudos de Bakhtin, toda enunciação é polifônica, pois há nos textos diferentes vozes que se articulam. Nos editoriais, o autor vale-se delas para apresentar, explícita ou implicitamente, pontos de vista diferentes ou para persuadir seus leitores.

Os recursos da gramática tradicional não são suficientes para nos aprofundarmos no estudo das demais vozes discursivas em textos opinativos, como os editoriais. Precisamos, pois, de uma teoria que ultrapasse a dicotomia “coordenação x subordinação” proposta pelas gramáticas tradicionais e que possibilite que vejamos, em determinadas estruturas, potenciais de significado que possam concretizar relações lógico-semânticas diversas.

A Linguística Sistêmico-Funcional — LSF — permite-nos entender a funcionalidade das estruturas linguísticas e a motivação dos usuários ao empregá-las, já que a língua, nessa perspectiva, é funcional e a sua função é produzir significados por meio de escolhas influenciadas por contextos sociais e culturais nos quais os significados são trocados (EGGINS, 2004, p.3). Analisar editoriais sob o ângulo da LSF possibilita a observação dos contextos em que foram produzidos os textos dos editoriais, do objetivo desse gênero, das escolhas realizadas, dos potenciais de significado encontrados e da forma léxico-gramatical que concede a veiculação de vozes externas nesse gênero.

Minha primeira oportunidade de acesso a novas teorias ocorreu de forma indireta, por meio de sua abordagem em livros didáticos. Após a retomada dos estudos, venho tendo contato direto com a Teoria da LSF, pesquisando a forma como a conexão de orações pode potencializar significados diversos.

É irrefutável a afirmação de que o estudo de um texto exclusivamente sob a perspectiva formalista limita o campo de investigação do pesquisador; portanto, ampliarei o estudo para o âmbito da teoria funcionalista, lançando mão da LSF e da sua Gramática Sistêmico-Funcional — GSF —, que compreendem a língua como um instrumento de comunicação que recebe influência direta do contexto, determinante para as escolhas realizadas pelos falantes/escritores, escolhas essas que se manifestam por meio da léxico-gramática para produzir significados.

Sob a perspectiva da Linguística Sistêmico-Funcional, será possível identificar quais vozes são reveladas por meio da linguagem nos editoriais e em quais contextos de cultura e de situação esses textos foram produzidos. Esse exame é norteado pelo propósito de esclarecer o problema desta pesquisa: quais as formas — mais ou menos evidentes — de que a língua dispõe para veicular vozes, em textos de opinião, por meio de escolhas léxico-gramaticais e semântico-discursivas?

A hipótese inicial a ser comprovada durante esta pesquisa é a de que as vozes externas realizadas por meio das relações lógico-semânticas de projeção de locução, por intermédio do eixo tático hipotático ou paratático sejam de maior incidência. Entretanto, a relação de expansão também permitirá a inclusão de vozes discursivas nos editoriais.

O objetivo desta dissertação é identificar os recursos léxico-gramaticais no âmbito do complexo oracional responsáveis pela veiculação de vozes em editoriais de jornal. Para isso, será descrita a configuração contextual dos textos que compõem o *corpus*, relacionando a incidência de vozes ao propósito comunicativo do gênero editorial. Serão exibidas as evidências linguísticas de vozes do discurso a partir do complexo oracional, por meio das relações lógico-semânticas de projeção (de ideias e de locução), da expansão dos complexos oracionais (elaboração, extensão e intensificação) e do encaixamento de orações.

A primeira parte deste trabalho é dedicada à fundamentação teórica e à apresentação dos conceitos de texto e de gênero editorial. Destacaremos, também, o conceito de gênero pela ótica de Martin (1992, 2008), cuja teoria utiliza conceitos oriundos da LSF. Na sequência, antes de lançarmos mão das bases da teoria da LSF, apontaremos as diferenças entre as perspectivas do formalismo e do funcionalismo para tratar do aporte teórico escolhido a fim de embasar este trabalho: as metafunções da linguagem, as formas como a Gramática Tradicional (GT) e a Gramática Sistêmico-Funcional (GSF) abordam a combinação de orações, dando mais ênfase aos conceitos da GSF, corroborando a discussão sobre a relevância das vozes externas para a argumentação.

Na segunda parte, serão apresentados a metodologia da pesquisa, o *corpus*, as ocorrências de vozes e os procedimentos de análise. A terceira seção é dedicada à análise dos dados e à discussão dos resultados. Por fim, serão apresentadas as possíveis conclusões e resultados sobre a pesquisa.

1 O EDITORIAL E O CONCEITO DE GÊNERO DE MARTIN

1.1 A noção de texto

O termo “texto”, como categoria de análise linguística, apresenta diversos significados de acordo com a teoria linguística usada para defini-lo. Na teoria da Linguística Sistêmico-Funcional — LSF —, por exemplo, texto “se refere a toda instância linguística, em qualquer meio, que faça sentido para alguém que conheça a língua”, pois, “quando as pessoas falam ou escrevem, produzem texto” (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 3).

A partir da explanação acima, devemos entender por “instância linguística” não só a concretização das escolhas léxico-gramaticais, tanto na fala quanto na escrita, como também o uso de outros códigos expressivos realizados em um dado contexto. Logo, por “qualquer meio”, devemos ter em conta a forma com a qual o texto se materializa para o interlocutor: escrito, falado, gravado etc.; e aquele “que conhece a língua” diz respeito a qualquer um que, ainda que não tenha tido estudos formais, consiga entender os falantes de sua língua, pois, sendo nativo, compreendeu a estrutura (gramatical) desde a infância e com ela se comunica. Portanto, texto e gramática andam juntos, porque são elementos necessários para estabelecermos comunicação.

Halliday e Hasan diferenciam “texto” de “não texto”, introduzindo o conceito de textualidade, que é o que mantém as frases e orações (orais e verbais) atadas, conferindo-lhes uma unidade (EGGINS, 2004, p. 23-24), como, por exemplo, a relação denominada como textualidade pelos autores que envolve a interação de dois componentes, coerência e coesão. A coerência está ligada ao relacionamento do texto com seu contexto (social e cultural e a sua ocorrência), e a coesão dialoga com a forma com a qual certos elementos dentro do texto o mantêm unido. Para Eggins (2004), na LSF, “texto” é um termo técnico para qualquer trecho unificado da linguagem que tenha as propriedades da textualidade. Os mecanismos de coerência e coesão são, portanto, dependentes da gramática de uma língua, pois a organização das frases obedece a uma estrutura gramatical que prevê elementos gramaticais e lexicais que servem para unir as palavras e frases e garantir a unidade. Halliday (1994) entende que

O texto é pleno de significado porque ele é uma atualização do potencial que constitui o sistema linguístico; e é por isso que o estudo do discurso (a ‘linguística do texto’) não pode ser propriamente separado do estudo da gramática que está por trás dele.

Halliday e Hasan também definem “texto” de uma forma bem simples, identificando-o como “a linguagem que é funcional” (HALLIDAY e HASAN, 1985, p. 10). Os linguistas consideram o fato de a linguagem ter alguma relação com o contexto, em oposição a palavras ou a frases soltas que poderiam exemplificar um conteúdo gramatical ou estarem escritas num quadro de sala de aula. Para eles, texto é qualquer instância linguística (concretização oral ou escrita) de uma língua viva que reproduz alguma parte de um dado contexto de situação.

Os autores ainda compreendem “texto” como produtor de significados, ou seja, uma unidade semântica, não sendo cabível referenciá-lo como apenas um conjunto de palavras ou frases. A partir de sua entidade semântica, um texto deve ser considerado, simultaneamente, como dois estágios de produção: produto e processo. O texto é visto como produto porque pode ser estudado, gravado e sua organização tem capacidade de ser representada em termos sistêmicos; e pelo dever de ser compreendido como um recurso contínuo de escolhas semânticas o texto também é um processo.

Por fim, Halliday e Matthiessen (2014) relatam a dificuldade de explicar como a linguagem é organizada e qual função esta linguagem cumpre em nossas vidas. Isso se deve ao fato de essa explanação conter duas perspectivas em uma: a língua como sistema e a língua como texto. Para facilitar a explicação, os autores recorrem ao conceito de instanciação dentro de um *cline*¹ que é formado por um contínuo de graus entre dois polos, ou seja, de um lado o texto; do outro, o sistema.

O sistema e o texto não são fenômenos diferentes, são simplesmente fases complementares de um mesmo fenômeno. Quando visto de perto, esse fenômeno nos parece como texto; mas, quando adotamos uma perspectiva de observação mais distante, podemos construir uma imagem dele como sistema. O sistema e o texto formam mais um contínuo do que uma dicotomia, porque entre esses dois polos há uma região semiótica de padrões intermediários (concebidos como tipos de instância — **como tipos de texto** —, ou como subsistemas — como **registros**). O texto é, pois, o **processo de instanciação** e podemos caracterizá-lo, por referência ao **sistema**, como a seleção de opções sistêmicas desenrolando-se no tempo (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 27, grifos dos autores).

Batista (2016, p.104), por sua vez complementa a explicação com a definição de Halliday e Matthiessen (2014) que abriu esta seção: “o termo ‘texto’ se refere a toda e a qualquer instância da linguagem, em qualquer meio, que faça sentido para alguém que conhece a língua.”

¹ Contínuo, de acordo com a lista de termos da linguística sistêmico-funcional em português brasileiro: léxico-gramática (2021).

Dada a aridez que o assunto pode ter à primeira vista, podemos também nos basear em Fawcett (2010) e Gouveia (2020) para analisar o tema sob outros ângulos de interpretação. Na LSF, a distinção entre língua e texto é descrita a partir de dois termos de conceitos abstratos: língua como potencial (sistêmico) e língua como instância (concretização do texto), porém, esclarecendo que uma instância é parte do potencial atualmente ativo da língua (sistema). A relação entre “o potencial” e “uma instância” desse potencial é “uma instanciação”, sendo, por exemplo, o texto o potencial de significados, já que uma única oração dele extraída é uma instância desse potencial. Portanto, essa oração é uma instanciação, pois, além de a oração estar associada a um contexto, tem sistemas próprios (FAWCET, 2010, p.36).

Para Gouveia (2020), palestrante do Webnário do SAL,² não há tradução para “*instantiation*” e o equivalente à “*instance*” em português que atendam à teoria em questão. Gouveia sugere o termo “concretização” para “*instantiation*”; e indica que o termo “*instance*” deve ser compreendido como “unidade”, “exemplo”, “texto” (concretizada/concretizado[s]).

Halliday (1994) ilustra a natureza dicotômica da definição de texto com base na relação entre os conceitos “clima” e “tempo”, que funcionam como o potencial (sistema) e a instância (texto), como são conferidas à língua na LSF. Nesta associação de diferentes perspectivas do observador sobre o mesmo fenômeno meteorológico, o clima seria a condição climática numa abrangência maior (estação do ano) e tempo seria a condição climática local (chuva, frio, quente). Gouveia (2020) traz outra metáfora: o supermercado e o carrinho (sacola) de compras. O supermercado (todo o seu estoque) é o nosso potencial de compras e o nosso carrinho (ou sacolas) de compras é a concretização das escolhas que fizemos no mercado. Desta maneira, entre o sistema linguístico e o texto há uma escala de concretização que vai do mais abstrato (higiene e limpeza, padaria e confeitaria, etc.) ao mais concreto (sabão X, pão Y). Em uma situação muito específica (contexto), o falante/escritor faz escolhas no sistema para refletir o sentido que pretende expressar.

De acordo com o exemplo prático e gramatical proposto por Matthiessen (2002), se pensarmos no campo das ideias ou no sentido de uma construção condicional, sabemos que uma oração condicional diz respeito às relações lógico-semânticas expressas, que assim se anunciam (nomeando-se p à primeira oração e q à segunda): “se p, q”, que equivale a “p verdadeiro e q verdadeiro”. Portanto, estamos no campo da retórica que é expressa por uma

² Webnário promovido pelo Grupo de Pesquisa SAL — Sistêmica, Ambientes e Linguagens — e pela Universidade Federal de Santa Maria (RS) no YouTube, em 17/9/2020.

³ O termo *instatiation* não consta da Lista de Termos da LSF em português brasileiro: léxico-gramática (em anexo). Gouveia tem proposto aos grupos de estudos uma revisão da tradução para *concretização*.

estrutura sintática de dois membros correlacionados, aquele que, subordinante ou condicionante (apódose), encerra o enunciado que satisfaz a expectativa criada pelo primeiro, chamado prótase. No campo das formas, temos as seguintes possibilidades:

Quadro 1- Marcadores de “condição” e padrões de agnação

Textual	Lógica	Experiential	Interpessoal
Conjunção lexical <i>Status</i> textual: Tematicidade (topicalização) <i>Dado isso</i>	<p>causa condição <i>se, caso...</i> tempo <i>uma vez que</i></p>	Transitividade: Sintagmas preposicionais <i>Em caso de</i> Transitividade de processos mental & verbal – orações projetadas. <i>Supondo, assumindo, dizendo (que)</i>	Modo e modalidade: interrogativo subjuntivo <i>tivesse sido seria...</i>

Fonte: Quadro adaptado de Matthiessen sobre marcadores de condição, em Bybee e Noonan, 2002, p. 241)

O quadro 2 mostra não só as várias formas de conjunções estruturais condicionais e marcadores, da mesma forma que apresenta, sob a forma de uma escala de concretização dentre as escolhas possíveis para o falante/escritor realizar, a intenção de condição na fala ou na escrita. Esta ideia pode ser observada neste exemplo extraído de um editorial:

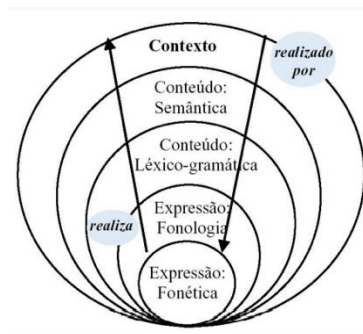
A medida, se bem conduzida, pode até mostrar-se compensadora para seus mantenedores, que teriam aí uma fonte de receita alternativa — dado que seria abusivo confiscar leitos sem remunerá-los (Editorial: *Público e privado*, de 8/5/2020, Folha de São Paulo).

A oração destacada poderia ser substituída pelas seguintes construções:

- *Dado que fosse bem conduzida, a medida poderia...*
- *Em caso de ser bem conduzida, a medida poderá...*
- *Uma vez que fosse bem conduzida, a medida poderia...*
- *Supondo-se bem conduzida, a medida poderia...*
- *Tivesse sido bem conduzida, a medida poderia...*
- *Tendo sido bem conduzida, a medida pode...*

Cumpre-nos alertar que os exemplos hipotéticos construídos não totalizam a potencialidade de significados, bem como as formas léxico-gramaticais para representá-los, existem muitas outras possíveis, já que se trata da língua em uso. Para se chegar ao texto, devemos considerar que a linguagem é organizada em quatro estratos: semântica, léxico-gramatical, fonologia e fonética. Esses quatro estratos são agrupados em dois planos: os dois primeiros no plano do conteúdo e os dois últimos no plano da expressão. Entendemos que os estratos estão relacionados por meio da realização (interestatal); por exemplo, a semântica é realizada por meio da léxico-gramática, e a léxico-gramática é realizada por meio da fonologia, conforme pode ser visto na figura 1, seta da direita. Para o ouvinte ou leitor, as etapas são invertidas, conforme se vê na figura 1, seta da esquerda. Em outras palavras, a realização é uma espécie de recodificação — como o mapeamento do *hardware* por um *software* por meio de imagens e palavras na tela de um computador. Também podemos refletir esse processo partir da simbolização, este conceito incorpora os significados de “simbolizar”, “codificar”, “expressar”, “manifestar” e assim por diante (MARTIN; ROSE, 2003).

Figura 1 – Realização dos estratos do sistema da linguagem



Fonte: adaptado de FUZER, 2018.

1.2 Editoriais

Dentro da perspectiva de gênero de Martin (1992), os editoriais se constituem como processos sociais — dada a característica de convivência em sociedade que permite a comunicação entre as pessoas —, orientados por um propósito — tendo como objetivo a discussão/reflexão sobre assuntos de maior relevância para a sociedade — e organizados por

etapas — haja vista a necessidade de mais um estágio para alcançar o propósito do texto. Os conteúdos escritos ou falados, por circularem em nossa sociedade, podem ser agrupados por “famílias de gêneros de textual”. E o gênero editorial, que aqui nos interessa, pertence à “família” dos textos cuja estrutura organizacional tem por intenção a persuasão do leitor. Segundo Longacren (1992), as fases de sua organização não são fixas, e ele sugere as seguintes etapas, ou “movimentos como chama o autor, para sua constituição (*apud* SOARES, 2016):

Quadro 2 – Modelo de Longacre (1992) e a constituição do discurso exortativo

Movimento 1	Estabelece autoridade e credibilidade para o produtor do texto.
Movimento 2	Apresenta a situação e ou o problema que será discutido.
Movimento 3	Apresenta comandos que podem estar dissimulados em ser sugestões.
Movimento 4	Propõe resultados desejáveis ou não.

Fonte: SOARES, 2016, p. 58.

Devemos partir da premissa de Soares (2016, p. 23) que afirma que os textos dos editoriais são produzidos em momentos sociais específicos para abordar determinado fato ocorrido em certa ocasião — local, nacional ou internacional — em conformidade com o interesse do veículo jornalístico e com o seu papel no mercado.

Os editoriais podem ser vistos como produto de um processo, pois o seu foco está no argumento exposto no editorial a partir do qual a instituição emissora tenta persuadir o leitor. Para isso, o editorialista formula opiniões baseando-se na ideologia do veículo que representa, em consonância com o assunto que está em voga no momento, o qual o veículo e o editorialista julgam ser mais importante mencionar.

Para Martin (*apud* SOARES, 2016, p. 46), os textos dos editoriais trazem um discurso exortivo por meio do qual procuram advertir, chamar a atenção ou aconselhar os seus leitores a decidirem algum tópico. Os editoriais levam em conta que os leitores possuem consciências, valores morais e concepções de justiça próprios com o intuito de persuadi-los a fazer, ou a deixar de fazer algo, ou mesmo opinar sobre algum assunto em questão. Essa orientação guiada pelos editoriais, deve, necessariamente, apresentar uma situação e/ou problema que evoque elementos de comando e que represente o momento de maior tensão, seguido por uma solução.

Nas palavras de Schlee (2008), a característica essencial do texto dos editoriais é ser argumentativo, natureza que põe em evidência a sua função interpessoal:

é ali o espaço onde se cobram responsabilidades e providências, onde se criticam as políticas públicas ou se defendem ideais políticos. Desse caráter persuasivo, decorrem, naturalmente, diferentes escolhas léxico-gramaticais, que caracterizam esse gênero textual (SCHLEE, 2008, p. 86).

Dentre as escolhas léxico-gramaticais caracterizadoras do gênero em questão está a inclusão de vozes externas, de autoridades ou testemunhos, realizadas por meio dos complexos oracionais. O editorialista se vale dessas vozes para a construção de sua argumentação direcionando-a aos seus leitores.

Cumpra-nos lembrar que o editorial é “um gênero jornalístico que expressa a opinião oficial do órgão de imprensa, seja ele escrito, falado ou televisionado, diante de fatos de maior representatividade no momento” (SOARES, 2016, p. 56), não sendo, dessa forma, assinado. Para a autora, o editorial busca a defesa dos interesses de um grupo, seu discurso caracteriza-se por ser pretensamente construído em nome dessa coletividade e do compromisso público. O editorial pode exercer, também, o papel de mediador entre a população — ou parte dela — e os governantes; este gênero também é visto como um narrador que atua como porta-voz dessa comunidade.

Soares (2016) informa-nos que, ao opinar em defesa da sociedade e a levar o leitor a ver suas críticas ali expressas, o veículo jornalístico pode, implicitamente, defender seus próprios interesses e, logo, manter sua boa imagem perante seu público.

O editorial apresenta um estilo impessoal, e geralmente circula na página nobre do jornal, chamada página editorial, às vezes ele pode se manifestar acompanhado de outros gêneros (charge, artigos de opinião ou a seção de créditos do jornal). Existem veículos que apresentam mais de um texto diário: o texto principal e outro, menos extenso, abordando com maior frequência assuntos políticos, econômicos e sociais (SOARES, 2016).

Os editoriais têm como público-alvo leitores mais cultos e com certa proficiência de leitura, por conta do seu maior grau abstração (por meio de nominalizações) e do seu vocabulário formal. Considerando os assuntos nele abordados, a faixa etária de interessados nesse gênero é composta por leitores de mais idade.

1.3 Noções de Gênero e a perspectiva de análise de Martin

O termo “gênero” na LSF refere-se a diferentes tipos (modelos) de textos que promovem vários tipos (representações) de contextos sociais. Martin e Rose (2007, p.8)

afirmam que aprendemos a reconhecer e distinguir os gêneros típicos de nossa cultura, e a atender a padrões consistentes de significado desde a infância quando interagimos com outras pessoas em vários contextos ou situações mais específicas. Os gêneros podem ser estudados sob a luz de diversas teorias, porém terão sempre um denominador comum, isto é, são textos materiais, escritos ou orais, que circulam na sociedade cumprindo uma determinada função social.

Os gêneros na LSF são padrões previsíveis de significado que podem variar em um intervalo relativamente simples de recursos de linguagem. Martin e Rose afirmam que fazemos uso desses padrões previsíveis desde o cumprimento que fazemos aos nossos vizinhos, ou para comprar mercadorias em uma loja, e até nos significados mais complexos que podemos encontrar em relatórios científicos ou debates políticos (MARTIN; ROSE, 2007, p. 8). Os autores alertam-nos sobre a ideia polêmica de que a vida social seria delimitada por gêneros, já que outros pesquisadores levam em consideração, por exemplo, a escolha pessoal, o individualismo, a espontaneidade, a criatividade, a liberdade e a liberação quando os indivíduos interagem formal ou casualmente (MARTIN; ROSE, 2008, p. 258).

Há alguns pesquisadores que estudam o gênero pelo prisma da LSF, como Ruqayia Hasan (1989) que propõe uma estrutura potencial de gênero (EPG) que, resumidamente, determina a obrigatoriedade da presença de cinco elementos que conferem identidade ao gênero. Nesta dissertação, optamos pela interpretação de gênero defendida por J. R. Martin (1992, 2008), também fundamentada na teoria da LSF. Sendo assim, os gêneros passam a ser descritos em termos de sua estrutura esquemática e em fases que realizam os propósitos sociais dos textos. Dentro da perspectiva de Martin, os gêneros constituem um sistema acima do registro. O editorial é permeado por elementos argumentativos, o seu propósito é defender um ou mais pontos de vistas, e suas etapas são divididas em tese, argumentos e reiteração da tese.

1.3.1 Registro concretizando o gênero

O contexto cultural presente nos textos pode ser entendido, na visão de Halliday e Hasan (MEURER, 2005, p. 35), como pano de fundo que insere a interação e disponibiliza um potencial semiótico de realização, pois o contexto de cultura trata de elementos abstratos, o gênero e o registro. A proposta alternativa de Martin para o estudo de gênero tem base em

uma perspectiva teleológica que, nas palavras de Meurer, define o gênero como um sistema estruturado em partes, com meios específicos para fins específicos (MEURER, 2005, p.39). No modelo de Martin, a referida estrutura é denominada como estrutura esquemática dos textos já que para este pesquisador há nas sociedades um sistema de gêneros formulado com base em semelhanças e diferenças entre as estruturas esquemáticas que, por sua vez, definem os tipos de texto existentes. Como parte do processo de realização desse sistema de gêneros, as escolhas genéricas realizadas pré-selecionariam as variáveis de registro, associando as variáveis a elementos da estrutura esquemática do modelo de Martin. Para Martin, existe uma rede de relações subjacentes ao registro que compara os tipos de texto uns com os outros, de maneira que eles não expressem correspondência se considerados a partir da perspectiva de qualquer variável de registro (MARTIN, 1992, p. 505).

Martin argumenta que o registro funciona como uma instanciação do gênero baseada na solução por ele encontrada ao posicionar o gênero no estrato da cultura, acima do estrato do registro, reconstruindo assim estratos sociais semióticos — registro e gênero. A estratificação do registro e do gênero permitiu desenvolver uma perspectiva multifuncional integrada ao gênero, excluindo as variáveis de registro, sem se prender a nenhum de seus elementos. As culturas parecem envolver um grande conjunto definível de gêneros, potencialmente falando, que são reconhecíveis pelos membros de uma cultura mais do que situações sociais imprevisíveis (MARTIN; ROSE, 2008, p. 16-17).

Martin (1992) apresenta-nos cinco fundamentações que corroboram que o ponto de partida no nível acima do estrato semântico deve ser o nível em que se localiza o gênero e não o registro, como defendem outros estudiosos. A base para essa análise é o resumo de Meurer (2005) sobre as cinco justificativas e os complementos necessários à ampliação dos motivos originalmente propostos por Martin. Para ilustrarmos as motivações, apresentaremos um editorial publicado pelo *Jornal Estado de São Paulo*, no dia 1 de março de 2021, “A decepção com Bolsonaro”, cujo contexto retrata as repercussões negativas no mercado financeiro brasileiro quando o presidente da república se intrometeu na mudança de comando da estatal Petrobrás e como essa ação repercutiu na bolsa de valores.

Quadro 3 – O editorial e seus estágios internos

Título	A decepção com Bolsonaro
Declaração de posição	Por diferentes motivos, mesmo os crédulos que confiaram nas promessas liberais e modernizantes de Bolsonaro começam a suspeitar que foram enganados
Contextualização	O desapontamento com o governo Bolsonaro não é um fato novo. Há quem tenha se desencantado com Jair Bolsonaro em razão, por exemplo, da saída de Sérgio Moro do Ministério da Justiça em abril de 2020. Na ocasião, o ex-juiz da Lava Jato relatou

	tentativas de interferência por parte do presidente na condução da Polícia Federal. O episódio levou a que muita gente revisse sua ideia sobre a suposta carta branca que Jair Bolsonaro teria dado a Sérgio Moro para o combate à corrupção.
Contextualização	Na semana passada, a interferência de Jair Bolsonaro na presidência da Petrobrás produziu uma nova onda de decepção. Além dos efeitos devastadores sobre a empresa, com prejuízos muito concretos para as centenas de milhares de acionistas minoritários, a ordem para mudar a chefia da empresa consolidou a percepção de que Jair Bolsonaro não tem nenhum compromisso com a agenda liberal proposta na campanha de 2018. Não há mais nem mesmo o cuidado de manter as aparências.
Elaboração do argumento	Sempre houve bons motivos para desconfiar da adesão de Jair Bolsonaro a uma pauta de reformas. Basta pensar, por exemplo, que, por mais de duas décadas, a atuação do ex-capitão na Câmara dos Deputados foi oposta a todo o conjunto de reformas anunciado por Paulo Guedes na campanha eleitoral do então candidato do PSL à Presidência da República.
Elaboração do argumento	O fato, no entanto, é que muita gente confiou em Jair Bolsonaro: em sua disposição e capacidade de promover uma profunda mudança liberal no Estado brasileiro. A ideia era a de que, sob a batuta de Paulo Guedes, haveria um choque de gestão. O déficit fiscal acabaria, muitas privatizações seriam feitas, o poder público seria mais eficiente e o ambiente de negócios sofreria uma revolução.
Argumento de autoridade	<p>“Quando candidato, Bolsonaro falava em privatização, e o ministro Guedes, que é liberal, defendia a tese da redução do tamanho do Estado. Me senti motivado a deixar meus negócios para contribuir com isso”, disse o empresário Salim Mattar ao Estado. De janeiro de 2019 até agosto de 2020, Salim Mattar foi o secretário especial de Desestatização e Privatização do Ministério da Economia.</p> <p>Hoje, ao falar daquele sonho liberal, Salim Mattar não esconde sua decepção. “O ministro Guedes é resiliente, obstinado e determinado, mas não percebeu que foi vencido. Por exemplo, há quanto tempo a história da Eletrobrás está no Congresso e não consegue autorização?” Como se sabe, a resistência à venda da Eletrobrás não vem apenas do Legislativo. Até a edição da MP 1.031/21, Jair Bolsonaro tinha colocado mais condições do que defendido sua privatização.</p> <p>Ao avaliar o panorama atual do País, citando, entre outros pontos, o episódio do deputado bolsonarista Daniel Silveira (PSL-RJ) e a mudança no comando da Petrobrás, Salim Mattar não é otimista. “Nós perdemos o foco como país, não vai dar certo, não tem jeito de dar certo. O País precisa de foco para aquilo que é importante para o cidadão”, disse.</p> <p>Paulo Uebel também não esconde sua decepção com os rumos do governo federal. Segundo o ex-secretário especial de Desburocratização, Gestão e Governo Digital do Ministério da Economia, mais do que simplesmente não promover as reformas, o presidente Jair Bolsonaro segue o caminho das administrações petistas. “Isso (a interferência na política de preços da Petrobrás) é uma mudança que vai contra o que foi aprovado nas urnas e aproxima Bolsonaro de práticas que o PT fazia. E isso é o oposto do que o eleitor de Bolsonaro gostaria de ver”, disse Paulo Uebel ao Estado. Em sua avaliação, o resultado da interferência pode ser a “destruição de valor muito grande da empresa, como vimos durante a gestão do PT”.</p>
Reforço da declaração de posição	O abandono de qualquer imagem de governo reformista se dá num momento em que a aprovação de Jair Bolsonaro caiu para 44%, uma queda de oito pontos em quatro meses, de acordo com a pesquisa realizada pela Confederação Nacional do Transporte (CNT) em parceria com o Instituto MDA. No período, também diminuiu a avaliação positiva do governo (ótimo e bom) de 41% para 33%. Por diferentes motivos – a irresponsável atuação do governo federal na pandemia é apenas um deles –, mesmo os crédulos que confiaram nas promessas liberais e modernizantes de Bolsonaro começam a suspeitar, ora vejam, que foram enganados.

Para a teoria de gênero de Martin, o editorial, como texto em si, teve sua motivação relacionada a uma situação contextual que o antecedeu e que está presente no texto. Voltemos, então, às cinco justificativas de Martin para defender o gênero como ponto de partida:

- 1) Se partimos de um nível que não se origina com base nas metafunções, é possível fazer análises que abarquem vários tipos de significados e que não associem o gênero a uma função de linguagem específica. (MEURER, 2005, p. 36)

No campo da estratificação defendida por Martin (1992) — gênero acima do registro, estamos no nível da semiose e da abstração, cujos significados sociais da interação no texto 1 são a necessidade de criticar a política do governo federal, de cobrar responsabilidade e exigir providências do poder público, e estabelecer o veículo jornalístico como um mediador entre uma parcela da população (atingida pelas perdas no mercado financeiro) e o governante (cuja eleição se deve ao apoio recebido por essa fração da população). Assim, segundo Martin, fortalece-se o entendimento de que as variáveis de contexto são previsíveis, sem que precisemos nos preocupar com um gênero específico em si ao fazer uma análise, pois a situação contextual, esmiuçada anteriormente, poderia ser instanciadora de outros gêneros como uma carta do leitor, artigo de opinião, reportagens (MARTIN, 1992, p. 505).

- 2) Ao partimos do gênero como definidor do registro, torna-se possível explicar por que nem todas as combinações entre campo, relações e modo ocorrem. (MEURER, 2005, p. 36)

Há no texto 1 uma definição clara sobre o assunto (campo), ou seja, a intromissão do presidente da República em assuntos financeiros que geraram prejuízos aos investidores da Petrobrás. As pessoas lesadas financeiramente reclamaram por sua perda e ameaçaram retirar o apoio ao presidente, e, por ser considerado um assunto de relevância econômica para o público do jornal, o veículo de comunicação coloca-se na posição de porta-voz de um grupo de investidores, estabelecendo, dessa forma, uma relação entre participantes da situação: o editorialista e os leitores que fazem parte do mencionado grupo (relações). A escolha para canalizar a queixa de investidores deu-se, também, por meio da manifestação de um editorial em um veículo jornalístico de peso na sociedade (modo). Esses três elementos fazem parte de um contexto mais amplo, e devemos considerar que o prejuízo financeiro não ocorreu na mesma proporção para todos, que nem todos os envolvidos se conhecem, tampouco que todos podem/querem retirar o apoio ao presidente.

Considerando todas as situações apresentadas, é possível concordar com elas ou não, e apoiar ou não os envolvidos por meio de novos potenciais de significados que estão sendo

continuamente elaborados nas sociedades e que combinam novas e velhas variáveis e que, desse modo, acabam produzindo novas variáveis de combinação (MARTIN, 1992, p. 506).

- 3) Ao tomar o gênero como responsável pela estrutura esquemática, torna-se mais prático analisar as mudanças ocorridas nos estágios de um gênero. (MEURER, 2005, p. 36)

Os editoriais geralmente mostram a seguinte estrutura esquemática: exposição do fato (a defesa de um ponto de vista), discussão (de mais pontos de vistas) e recomendação (reiteração da tese). Conforme o modelo sugerido por Longacre (SOARES, 2016, p. 58-59), há quatro *movimentos* (esquemas) para a construção de editoriais. O primeiro diz respeito ao estabelecimento da credibilidade do produtor do texto; no exemplo aqui ancorado, refere-se à credibilidade do veículo *Estadão*, jornal de repercussão nacional e internacional. O segundo movimento refere-se à introdução da situação ou do problema ao leitor, que será o assunto a ser discutido. O terceiro movimento são certos comandos que, dissimuladamente, podem se manifestar como sugestões para o leitor. Por último, propõem-se resultados desejáveis ou não.

O editorial em análise é iniciado pela apresentação da situação, ou seja, o desapontamento da classe média alta e de investidores causado pelas pautas do governo que eles apoiam; em seguida, o problema: o prejuízo financeiro sofrido pela interferência do presidente na governança da Petrobrás e a falta de compromisso do governo no andamento da agenda liberal que o ajudou a ser eleito. Em sequência, são apresentados argumentos de autoridade de pessoas ligadas ao governo, as quais expõem suas descrenças na implementação da política econômica. Em vez de finalizar o texto com a proposta de algum resultado esperado, o editorialista muda o esquema tradicional e põe o veículo jornalístico no papel de mediador entre a classe prejudicada e o governo, sugerindo a ideia de que o apoio, ainda mantido, poderá ser retirado caso ocorram mais perdas financeiras.

Estamos perante uma sutil mudança no esquema habitual dos editoriais que, de alguma forma, altera o significado experiencial, interpessoal e textual desse estágio no texto. O editorialista passa a exercer o papel de “conselheiro” do governo, criticando-o disfarçadamente ao empregar a seguinte nominalização: (“o abandono de qualquer imagem de governo reformista se dá num momento em que a aprovação de Jair Bolsonaro caiu para 44% [...] (último parágrafo do editorial), ou seja, retirando o governo do foco (significado experiencial). O editorialista se dirigiu à equipe do governo amparado por uma voz avaliativa de uma pesquisa externa sobre a sua popularidade (significado interpessoal) e, por fim, organizou o parágrafo final de modo a dar evidência às informações novas: queda na

aprovação e diminuição da avaliação positiva do governo atreladas à atuação do presidente contra a pandemia que também não colabora para alterar o quadro atual.

- 4) Ao distinguirmos gênero e registro, tomando-os como dois planos diferentes, podemos dar conta mais efetivamente das diferentes formas de desenvolvimento que um texto pode apresentar, pela realização de elementos tanto do contexto de cultura quanto do contexto de situação no qual foi produzido (MEURER, 2005, p. 36).

O assunto depreendido do registro, aliado a uma dada cultura, pode suscitar outros gêneros. Por exemplo, ao invés de fazer uso de um editorial, os envolvidos poderiam se expressar por meio de artigo de opinião, carta aberta de empresários ou de outras classes, nota de repúdio, reportagem, entre outras possibilidades com relação aos temas dos editoriais.

- 5) Ao observarmos um texto a partir do contexto de cultura, estamos complementando os significados que podem ser alcançados na análise de registro. Essa proposta sugere que gênero e registro devem ser analisados conjuntamente, proposta que será ampliada por Martin mais tarde (MEURER, 2005, p. 36).

O importante papel desenvolvido pelo editorial na sociedade, principalmente por conta de suas características e poder da influência, faz desse gênero uma ferramenta cultural útil em certos contextos, nos quais se almeja alcançar objetivos específicos (MEURER, 2005, p. 37).

2 LINGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL

2.1 Formalismo x funcionalismo

Conduzir uma pesquisa linguística requer definir não só o objeto, mas também o aporte teórico que dará base à investigação a ser realizada. No caso específico desta dissertação, o foco são as estruturas oracionais responsáveis pela veiculação de vozes externas no gênero textual editorial. Tendo em vista que o objetivo desta pesquisa é relacionar a frequência de determinadas estruturas linguísticas ao propósito comunicativo do gênero em análise, fez-se necessária a adoção de uma abordagem teórica de base funcional, a Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), pois essa vertente possibilita um olhar diferenciado sobre o texto e a gramática.

Neves afirma que a gramática funcional considera o conceito de competência comunicativa como “a capacidade que os indivíduos têm não apenas de codificar e decodificar expressões, mas também de usar e interpretar essas expressões de uma maneira interacionalmente satisfatória” (NEVES, 1997, p. 15).

Desse modo, por meio da competência comunicativa somos capazes de privilegiar a funcionalidade linguística e fazer uso da gramática como um potencial para a construção dos significados. Neves (1997) distingue essas duas referências de relevância no pensamento linguístico: funcionalismo e formalismo. Para a primeira, a função das formas linguísticas parece desempenhar papel predominante, enquanto no formalismo a análise da forma sobressai em detrimento das funções, que são deixadas em segundo plano.

Percebemos, então, que a gramática funcionalista contribui para o pensamento de que o falante nativo de uma língua é competente em seu idioma mesmo que não conheça, por exemplo, todas as regras da gramática normativa, pois o mais importante é a sua habilidade de adequar os usos linguísticos às situações por ele vivenciadas

Como forma de contextualizar a LSF no quadro das duas grandes correntes do pensamento linguístico, será feita nesta seção uma breve caracterização das abordagens formalista e funcionalista da linguagem, para apresentarmos, posteriormente, os princípios básicos da LSF.

No formalismo, a língua é vista como expressão do pensamento e sua gramática pode se apresentar apenas como um mecanismo regulador da língua, que é regida por regras

sintáticas. Já os funcionalistas consideram a língua como um instrumento de comunicação cuja interação social está baseada em seu uso real, e esse uso é o objeto de estudo desta vertente.

A abordagem formalista prega que a língua é um objeto autônomo, uma expressão do pensamento e, dessa forma, as funções externas da linguagem não influenciam a sua organização interna. Portanto, estabelecemos comunicação porque conhecemos as regras da gramática de uma determinada língua. Trata-se de um conhecimento adquirido no social, na relação que mantemos com o grupo de falantes do qual fazemos parte. (MARTELOTTA, 2017).

Há, na perspectiva formalista, diversas correntes teóricas para explicar o funcionamento da linguagem humana, entretanto, nenhuma delas se importa em observar a língua em uso. Esse desinteresse pelo uso não ocorre no funcionalismo, que “se preocupa em estudar a relação entre a estrutura gramatical das línguas e os diferentes contextos comunicativos em que elas são usadas” (MARTELOTTA, 2017, p. 157). O funcionalismo incorpora elementos extralinguísticos nas análises linguísticas realizadas, enquanto o formalismo limita-se a analisar somente o que está transparente na forma.

Diante dos estudos que vêm sendo realizados sobre o tema, há uma base sintetizada proposta por Dik (1978), na qual são apresentadas, resumidamente, as características do paradigma formal e do paradigma funcional são apresentadas por Neves na tabela abaixo.

Quadro 4 – Diferenças entre paradigma formal e paradigma funcional

	PARADIGMA FORMAL	PARADIGMA FUNCIONAL
a. Como definir a língua	Conjunto de orações	Instrumento de interação social
b. Principal função da língua	Expressão do pensamento	Comunicação
c. Correlato psicológico	Competências: capacidade de produzir, interpretar e julgar orações	Competência comunicativa: habilidade de interagir socialmente com a língua
d. O sistema e seu uso	O estudo da competência tem prioridade sobre o da atuação	O estudo do sistema deve fazer-se dentro do quadro do uso
e. Língua e contexto / situação	As orações da língua devem ser descritas independentemente do contexto / situação	A descrição das expressões deve fornecer dados para a descrição de seu funcionamento num dado contexto
f. Aquisição da linguagem	Faz-se com o uso de propriedades inatas, com base em um <i>input</i> restrito e não estruturado de dados	Faz-se com a ajuda de um <i>input</i> extenso e estruturado de dados apresentado no contexto natural
g. Universais linguísticos	Propriedades inatas do organismo humano	Explicados em função de restrições: comunicativas, biológicas ou psicológicas, contextuais
h. Relação entre a sintaxe, a semântica e a pragmática	A sintaxe é autônoma em relação à semântica; as duas são autônomas em relação à	A pragmática é o quadro dentro do qual a semântica e a sintaxe devem ser estudadas; as prioridades vão da

	pragmática; as prioridades vão da sintaxe à pragmática, via semântica	pragmática à sintaxe, via semântica
--	---	-------------------------------------

Fonte: DIK, 1978, p. 5, retomado e explicitado em 1989, p. 2-7. Adaptação de M. H. M. Neves.

Com o propósito de desenvolver esta pesquisa, optamos pela perspectiva funcionalista por entender que os seus objetivos, gerais e específicos, quando relacionados aos complexos oracionais, decorrem de uma visão de língua como instrumento de interação social, haja vista a interface realizada entre o estudo do complexo oracional, a veiculação de vozes e o gênero editorial de jornal.

A Linguística Sistêmico-Funcional, como poderá ser constatado mais à frente, oferece uma descrição científica da natureza e da função da linguagem para se compreender “como a linguagem funciona na vida social” (FUZER, 2018). Dessa forma, para um dos objetivos específicos desta dissertação buscaremos apresentar evidências linguísticas de vozes do discurso a partir do sistema do complexo oracional, das relações lógico-semânticas de projeção (de ideias e de locução), da expansão dos complexos oracionais (elaboração, extensão e intensificação) e do encaixamento de orações.

Podemos comprovar que a abordagem funcionalista é o enfoque certo para amparar quaisquer pesquisas que tenham como objeto a linguagem em uso, por considerar que as diferentes situações comunicativas ajudam a determinar a estrutura gramatical.

2.2 Linguística Sistêmico-Funcional e Gramática Sistêmico-Funcional

As concepções sobre linguagem aprofundadas por Firth (1890-1960) no início do século XX ganharam projeção na década de 1960 quando Michael Alexander Kirkwood Halliday (1925-2018) desenvolveu as ideias de seu mestre Firth e de outros linguistas e deu início à teoria sistêmico-funcional. A Linguística Sistêmico-Funcional é uma corrente linguística que concebe a linguagem como um recurso sócio-semiótico capaz de criar significados por meio de escolhas feitas em diversos contextos sociais.

Segundo Nóbrega (2009), existe uma forte relação de interdependência entre a linguagem e a esfera social que pode ser investigada a partir do uso que as pessoas fazem da linguagem quando elas têm por objetivo a criação de variados significados à medida que realizam suas atividades sociais. Nessa perspectiva, como sugere Nóbrega, chega-se a outro

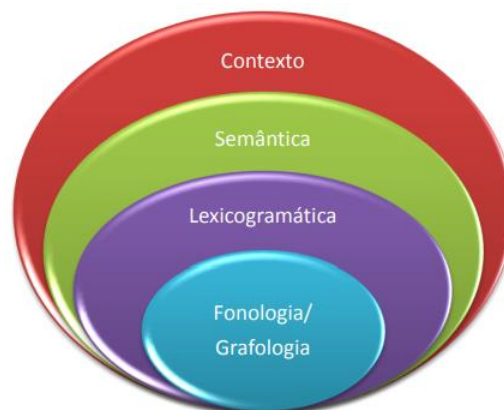
princípio básico da LSF: a investigação da linguagem a contar de seu uso em um dado contexto.

Segundo Halliday, a Linguística Sistêmico-Funcional — LSF — é sistêmica porque vê a língua como uma rede de sistemas linguísticos interligados, dos quais nos servimos para construir significados. E é funcional porque explica as estruturas gramaticais em relação ao significado e às funções que a língua desempenha (FUZER; CABRAL, 2014, p. 19). A Gramática Sistêmico-Funcional — GSF — é um modelo científico que tem por propósito contribuir com a análise e com a compreensão de textos, e, também, com o processo de ensino de línguas.

De acordo com Halliday e Matthiessen, o papel da gramática é descrever e explicar os recursos de criação de significados em uma dada língua, oferecendo instrumental para a análise de textos.

Halliday (1994) prega que o texto se realiza em orações e em qualquer uso linguístico, constituído num certo texto, e está envolvido num particular contexto que emerge por meio de uma relação sistemática entre o meio social e a organização funcional da linguagem. O texto manifesta aspectos do contexto imediato e amplo, isto é, o primeiro nível identificado é o contexto de situação, o registro; e o segundo, o contexto de cultura (o gênero textual), estando um dentro do outro (a serem exemplificados mais à frente). Caberia ainda dizer que, dentro de determinado texto, poderíamos separar os seguintes aspectos internos e externos a ele:

Figura 2 – Linguagem como sistema de estratos



Fonte: Adaptado de Halliday e Mattiensen: 2014

Os dois conceitos são de essencial importância para a compreensão da organização da língua na perspectiva da LSF, dividida em: sistema (estrutura) e função (escolhas). A estrutura

é a ordem sintagmática da linguagem: padrões ou regularidades, “o que vai junto com o quê”. O nível das escolhas está organizado no eixo paradigmático, “o que pode ir em lugar de”, que captura as relações de oposição ou de escolha entre os signos nos sistemas da língua (GOUVEIA, 2009). Os textos por nós produzidos consistem nas escolhas e na organização de significados feitas nos dois eixos, o paradigmático e o sintagmático.

No contexto de situação, existem três variáveis nas quais a LSF se baseia para descrever como um texto faz sentido dentro do contexto de uma situação particular: as variáveis campo, relações e modo. As variáveis contextuais estão intrinsecamente ligadas às funções que a linguagem desempenha, denominadas por Halliday de “metafunções”, em outras palavras, função ideacional (experiencial e lógica), função interpessoal, função textual e todas elas se relacionam a uma variável do contexto de situação.

A linguagem institui a experiência humana e, dessa forma, seu encargo é construir ordem no mundo que está ao nosso redor e internamente em cada um de nós. Por outro lado, a linguagem constitui as relações humanas; e, neste aspecto, sua função não é conceber, mas sim atuar — a linguagem estabelece a nossa contínua interação social.

Halliday (2005) aponta que essa transformação se explica por meio da diversidade metafuncional, quer dizer, a experiência é construída (compreendida, conhecida) na atuação interpessoal (seja em seu curso, seja por meio dela); e as relações interpessoais são determinadas na interpretação da forma ideacional (seja em seu curso, seja por meio dela). As duas atribuições estão integradas e são ativadas por um terceiro componente da gramática — uma terceira metafunção, a textual, cuja função é criar um fluxo de sentido, uma corrente semiótica, que conhecemos como discurso.

Quadro 5 – Variáveis do contexto situacional e metafunções da linguagem

Variáveis do contexto de situação		Metafunções da linguagem
Campo	←-----→	Ideacional
Relações	←-----→	Interpessoal
Modo	←-----→	Textual

Fonte: CABRAL; FUZER, 2014, p. 32

Na perspectiva sistêmico-funcional, o estudo do texto deve ser abordado com base em três dimensões de significados que são realizados simultaneamente no texto: o ideacional, o interpessoal e o textual:

Essas três dimensões compõem a estrutura semântica do texto e o constroem, respectivamente, como *representação* — um processo da experiência humana —,

como *troca* — uma negociação entre locutor e interlocutor — e como *mensagem* — uma determinada informação. Assim, as metafunções da linguagem estão presentes na estrutura do texto por meio de três sistemas a que Halliday denomina *Sistema de Transitividade*, *Sistema de Modo* e *Sistema Temático*, respectivamente.

O Sistema de Transitividade realiza o significado ideacional, expressa a experiência humana como um processo em que podem intervir participantes ativo (ator) e passivo (meta), e as circunstâncias desse processo. O Sistema de Modo realiza o significado interpessoal, expressa as relações entre locutor e interlocutor, marcando a atitude do locutor em relação ao que diz, a representação que faz de si mesmo e a imagem que faz de seu interlocutor. Já o Sistema Temático (Tema/Rema) realiza o significado textual, ou seja, constrói o discurso, marcando, pela organização que o locutor dá ao texto, sua estratégia argumentativa (DUTRA; SILVA, 2011, p.4, grifos dos autores).

Com base no exposto, trataremos das funções da linguagem, as metafunções, que ocorrem simultaneamente. Para fins didáticos, contudo, serão exibidas separadamente. Podemos seguir a linha apresentada por Matthiessen e Halliday (1997), iniciando pela metafunção interpessoal, uma vez que a interação é a base da comunicação para ilustrarmos esta ampla área semântica. Não devemos perder de vista Eggins (2004) que diz que a língua em uso é funcional, tem como função a produção de significados, que são influenciados por contextos sociais e culturais trocados entre os interlocutores em uma interação. Lembremos ainda de que as metafunções devem ser compreendidas sob dois estratos, o semântico e o léxico-gramatical.

2.3 Metafunção interpessoal

Ao interagirmos uns com os outros, entramos em uma série de relações interpessoais que se configuram a partir das escolhas que fazemos das estratégias semânticas disponíveis, como bajular, persuadir, seduzir, solicitar, ordenar, sugerir, afirmar, insistir, duvidar e assim por diante. No âmbito da léxico-gramática, o significado interpessoal da oração é construído pelo sistema de MODO, por meio do modo verbal (indicativo, subjuntivo e imperativo); das marcas de modalidade (modalização e modulação); da polaridade (negativa e positiva). Pela linguagem podemos negociar relações e expressar opiniões e atitudes, produzindo significados em textos. Tais significados são influenciados pela variável contextual relações e realizam a metafunção interpessoal da linguagem, conforme atestam Fuzer e Cabral (2014).

Halliday e Matthiessen (2014) reconhecem, assim como a GT, que o modo oracional se expõe sob três tipos: interrogativo, declarativo (ou indicativo) e imperativo. As representações ideacionais construídas são repassadas na interação sob a forma de duas

funções fundamentais da fala no papel de troca entre falante/escritor e ouvinte/leitor: dar e solicitar. O valor trocado em dar são informações e bens e serviços, na seguinte ordem: por meio de declarações ou ofertas (perguntas diretas ou não) e, em solicitar, respectivamente, por meio de perguntas (informações) e comandos (bens e serviços).

Quadro 6 – Descrição dos componentes do MODO oracional

Interpessoal	Sujeito	Finito	Predicador	Complemento	Adjunto
	Modo			Resíduo	
O Modo constitui-se de dois elementos: Sujeito (grupo nominal) e finito (parte do grupo verbal que carrega o tempo, a opinião do falante (modo verbal [indicativo, imperativo, subjuntivo]) e inclui, na língua inglesa, a polaridade positiva e negativa, representadas pelos auxiliares <i>do, did, will, would</i> .				O Resíduo é o restante da oração. É formado por um grupo verbal (menos o operador modal ou temporal [finito]), complemento(s) e um número indefinidos de adjuntos	

Fonte: Adaptado de FUZER; CABRAL, 2014,

Ex.: *O resto dos brasileiros deveria fazer o mesmo.* (Editorial “A brutalização da verdade”, de 26/3/20, *Estadão*)

Quadro 7 – Exemplo de descrição do MODO e resíduo

<i>O resto dos brasileiros</i>	<i>deveria</i>	<i>fazer</i>	<i>o mesmo</i>
sujeito	finito	predicador	complemento
<i>Modo</i>		<i>Resíduo</i>	

Fonte: Adaptado de FUZER; CABRAL, 2014.

A variável do contexto de situação relativa à metafunção interpessoal é a variável das relações, que aborda os participantes na situação (quem fala ou escreve e quem ouve ou lê), quer dizer, o editorialista e o leitor do jornal. Considerando-se que o editorial se encontra no movimento descrito por Soares (2016) como a apresentação de comandos que podem ser dissimulados/disfarçados/camuflados como sugestões, o autor se vale dos recursos da metafunção interpessoal para esconder esses comandos de seus leitores. Ao invés de dizer algo do tipo “Brasileiros, façam o mesmo [ignorem o presidente]”, o autor modula sua ordem.

2.4 Metafunção ideacional

A metafunção ideacional compreende duas subfunções: experiencial e lógica. Iniciaremos uma breve explicação sobre a função experiencial, que é a responsável pela construção de um modelo de representação do mundo — incluindo o nosso mundo interno (FUZER; CABRAL, 2014; MATTHIESSEN e HALLIDAY, 1997; HALLIDAY; MATTHIESSEN 2014).

2.4.1 Experiencial

A oração é constituída pela combinação de processos, participantes e/ou circunstâncias, por meio do sistema de transitividade que constrói o significado ideacional.

Os processos (verbos), por conta de seus traços semânticos, determinam a presença ou ausência dos participantes (grupos nominais) e circunstâncias (grupos adverbiais) na oração. Há três tipos de processos principais: materiais, mentais e relacionais; e três secundários: comportamentais, verbais e existenciais.

Os processos materiais são definidos como orações de fazer e acontecer (ação, atividade, eventos etc.), porque estabelecem uma quantidade de mudança no fluxo de eventos. Tal mudança requer algum investimento de energia feito por um participante inerente ao processo, não necessariamente humano, denominado ator (FUZER; CABRAL, 2014, p. 46).

O ator é o desencadeador de alguma ação, podendo desempenhar o papel de agente, causa, instrumento. Há processos que exigem a existência de apenas um participante e outros em que o envolvimento do ator no processo se estende ao impacto de outro participante, a meta (participante que sofre o efeito de alguma ação e por isso ocorre uma mudança de estado). A GSF esmiúça mais termos da oração determinando suas funções na oração, como escopo (participante que não é afetado pela performance do processo); beneficiário (participante que se beneficia de um processo, não necessariamente de maneira positiva); beneficiário receptor, beneficiário cliente, atributo.

Os processos mentais representam processos da consciência, a oração mental interpreta a sensação — percepção, cognição, intenção e emoção —, ou seja, configurações de um processo de consciência envolvendo um participante dotado de consciência, um experienciador e, normalmente, um participante criado por essa consciência ou sensações de vários tipos, o fenômeno. Os processos mentais podem projetar orações e, nesse caso, o fenômeno é realizado por uma oração.

Processos relacionais servem basicamente para estabelecer uma relação entre duas entidades diferentes. Dentre as principais categorias de orações relacionais estão a atribuição e a identificação: “a é um atributo de x” ou “a é uma identidade de x”. Na fronteira entre os processos materiais, mentais e relacionais, há outros processos secundários: existencial, verbal e comportamental:

A representação de comportamentos (manifestação de atividades psicológicas ou fisiológicas do ser humano) é realizada por *processos comportamentais*, situados entre os materiais e os mentais, como dormir, bocejar, tossir, dançar; a representação de dizeres (atividades linguísticas dos participantes) é realizada por *processos verbais*, situados na fronteira entre os mentais e os relacionais, como dizer, responder, afirmar; a representação da existência de um participante (o “estar no mundo”) é realizada por *processos existenciais*, situados entre os relacionais e os materiais, como existir, haver (FUZER; CABRAL, 2014, p. 43)⁴.

A seguir, apresenta-se um resumo dos tipos de processos e participantes:

Quadro 8 – Descrição dos componentes da transitividade na oração

PROCESSO	SIGNIFICADO	PARTICIPANTES OBRIGATÓRIOS	PARTICIPANTES OPCIONAIS
Material	Fazer, acontecer	Ator (aquele que realiza a ação)	Meta (aquele a quem a ação é direcionada), Extensão, Beneficiário
Mental	Sentir	Experienciador (aquele em cuja mente acontece o processo)	Fenômeno (aquilo que é sentido ou percebido pelo Experienciador)
Relacional: atributivo identificativo	Ser Classificar Definir	Portador (elemento classificado) e Atributo (elemento classificador) Identificador (elemento identificador), Identificado (elemento identificado)	-
Verbal	Dizer	Dizente (quem realiza a ação) e Verbiagem (mensagem em si)	Receptor (destinatário)
Existencial	Existir	Existente	-
Comportamental	Comportar-se	Comportante (<i>entidade que realiza a ação</i>)	Comportamento (<i>definidora do processo</i>)

Fonte: Adaptado de FUZER; CABRAL, 2014

⁴ Grifos nossos

O elemento circunstancial desempenha a função de iluminar o processo de algum modo, localizando-o no tempo, no espaço. Ele pode sugerir como o processo ocorre ou pode oferecer ainda informações sobre a causa dele. Vale ressaltar que as circunstâncias podem nos ajudar a entender o propósito de um texto (BUTT *at al*, 2003, p. 65).

Exemplos:

(i) Segundo as investigações, Fabrício Queiroz e sua mulher, Marta Aguiar, depositaram na conta de Michelle vários cheques (...). (Editorial “A pergunta que aborrece o presidente”, de 25/8/2020, Estadão)

(ii) Ninguém sabe o que pode acontecer no Brasil. (Editorial “A brutalização da verdade”, de 26/3/20, Estadão)

(iii) Bolsonaro está quieto após a prisão, na casa de seu advogado, de Fabrício Queiroz. (Editorial “Trilha das *fake news* leva a um gabinete do Planalto”, 10/7/2020, Valor Econômico)

(iv) Como “explicação”, já disse que se tratava do pagamento de um empréstimo feito por ele a Queiroz, no valor de R\$ 40 mil, e que coube à primeira-dama descontar os cheques porque não tinha tempo de ir ao banco. (Editorial “A pergunta que aborrece o presidente”, 25/8/2020, Estadão)

(v) Não há qualquer registro bancário do generoso empréstimo que Bolsonaro diz ter feito a Queiroz. (Editorial “A pergunta que aborrece o presidente”, 25/8/2020, Estadão)

(vi) Sempre que trata do assunto, o presidente se aborrece. (Editorial “A pergunta que aborrece o presidente”, 25/8/2020, Estadão)

Quadro 9 – Exemplo de transitividade – oração material

<i>Segundo as investigações,</i>	<i>Fabrício Queiroz e sua mulher, Marta Aguiar,</i>	<i>depositaram</i>	<i>na conta de Michelle</i>	<i>vários cheques (...)</i>
Circunstância	Participante	Processo	Circunstância	Participante
Ângulo	Ator	Material	Lugar	Meta

Fonte: Adaptado de FUZER; CABRAL, 2014.

Quadro 10 – Exemplo de transitividade – oração mental

Ninguém	sabe	o que pode acontecer no Brasil
Participante	Processo	Participante
Experienciador	Mental	Fenômeno

Fonte: Adaptado de FUZER; CABRAL, 2014.

Quadro 11 – Exemplo de transitividade – oração relacional

Bolsonaro	está	quieto	<i>após a prisão [de Fabrício Queiroz]</i>	<i>na casa de seu advogado</i>
Participante	Processo	Participante	Circunstância	Circunstância
Portador	Relacional	Atributo	Tempo	Lugar

Fonte: Adaptado de FUZER; CABRAL, 2014.

Quadro 12 – Exemplo de transitividade – oração verbal

<i>Como “explicação”</i>	[Bolsonaro]	já	disse	<i>que se tratava do pagamento de um empréstimo feito por ele a Queiroz, no valor de R\$ 40 mil, e que coube à primeira-dama descontar os cheques porque não tinha tempo de ir ao banco.</i>
Circunstância	participante	Circunstância	Processo	Participante
Assunto	Dizente	Tempo	Verbal	Verbiagem

Fonte: Adaptado de FUZER; CABRAL, 2014.

Quadro 13 – Exemplo de transitividade – oração existencial

<i>Não</i>	<i>há</i>	<i>qualquer registro bancário do generoso empréstimo que Bolsonaro diz ter feito a Queiroz.</i>		
(polaridade)	Processo	Participante		
	Existencial	Existente		

Fonte: Adaptado de FUZER; CABRAL, 2014.

Quadro 14 – Exemplo de transitividade – oração comportamental

<i>Sempre que trata do assunto</i>	<i>o presidente</i>	<i>se aborrece</i>
Circunstância	Participante	Processo
Tempo	Comportante	Comportamental

Fonte: Adaptado de FUZER; CABRAL, 2014.

2.4.1.1 Lógica

A metafunção ideacional é dividida em duas subfunções: a experiencial, como já visto anteriormente, com auxílio da qual expressamos experiências, eventos e estados do mundo (real ou imaginado), com a presença de participantes, processos e circunstâncias em uma cláusula; e a lógica, que nos permite codificar as relações entre estados e eventos por meio de cláusulas dispostas num complexo oracional. As duas subfunções juntas constituem a metafunção ideacional, por meio da qual a linguagem constrói nosso mundo experiencial. Halliday emprega o termo “componente de lógico” no sentido de lógica da linguagem natural: isto é, lógica gramatical, não lógica formal — embora, é claro, a lógica gramatical seja a fonte da qual a lógica formal é, em última análise, derivada (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2006, p. 519-20).

As orações podem ser usadas independentemente para construirmos as nossas experiências. No entanto, quando duas orações são usadas de forma independente não significa, necessariamente, que elas apresentam desordem em sua disposição. Elas são, na maioria dos casos, ligadas entre si por alguns dispositivos coesivos pelos quais percebemos certas relações lógico-semânticas e táticas. Nossas experiências, quando apresentadas sob a forma de orações, não são independentes umas das outras, pelo contrário, uma situação pode levar a outra, então a gramática constrói a relação entre os processos didaticamente na forma de um nexos entre um par de orações.

O primeiro processo pode ter um segundo processo relacionado a ele, por uma relação como sequência no tempo ou causa e efeito; este, por sua vez, pode ter um outro relacionado a ele, seja pelo mesmo elo ou por um diferente — em ambos os casos, a relação é interpretada como válida entre os membros de um par de orações. Assim, o sistema lógico da metafunção ideacional engendra um tipo de estrutura linguística diferente daquele do sistema experiencial. Na lógica do mundo, as partes não são constituintes de uma configuração orgânica, como o são o processo, os participantes e as circunstâncias da oração. Elas são elementos que se interpõem em um relacionamento potencialmente repetido; e cada elemento representa um processo completo (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2006, p. 519).

Seguindo essa linha de raciocínio a respeito do “processo completo”, a junção de dois “processos completos” (oração não encaixada) é explicado pela gramática como “expansão” ou “projeção” quando consideremos o plano lógico. Na “expansão”, os dois processos são da mesma ordem de experiência e o segundo processo é interpretado como ampliador do primeiro. Na “projeção”, o segundo processo é interpretado como pertencendo a uma ordem diferente da experiência: é projetada, pelo primeiro, no plano semiótico (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2006, p. 520).

Por fim, duas orações podem também estar ligadas por alguns dispositivos estruturais para formar um complexo de orações. Uma oração ainda consegue ser incorporada em outra oração como um componente dessa ou encaixada em um constituinte de outra oração para funcionar como um modificador desse constituinte. Desta forma, as duas orações podem realizar três tipos básicos de relação, ou seja, coesão, interdependência e encaixamento (HE, 2019).

Exemplos:

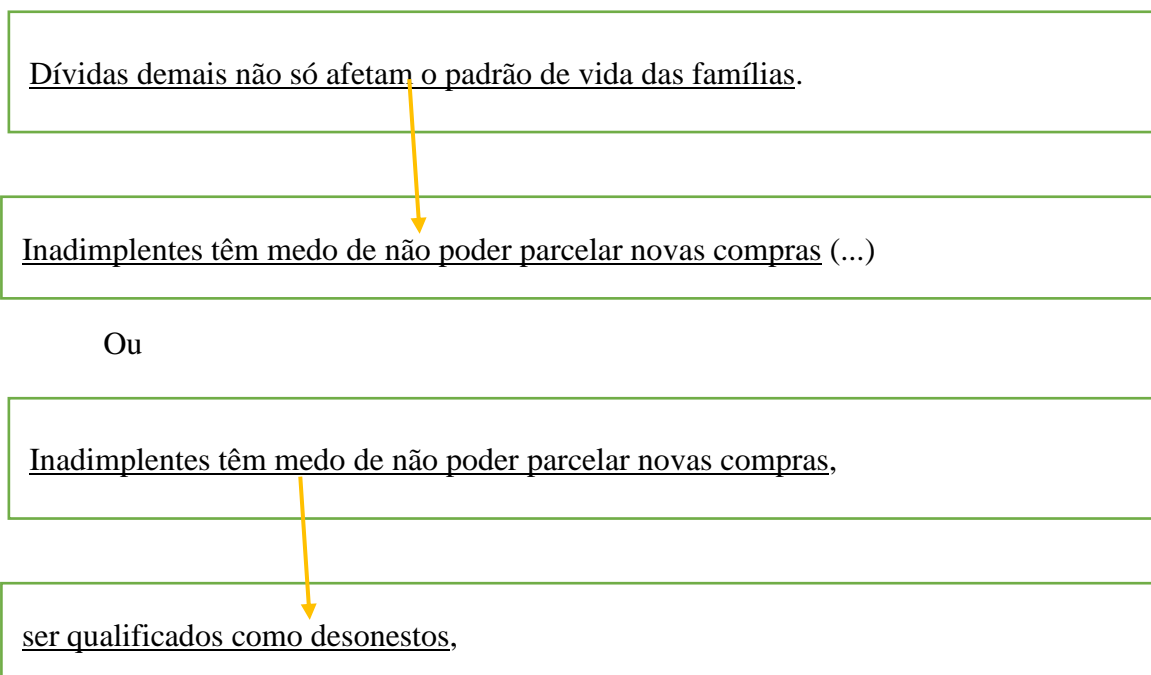
(i) Dívidas demais não só afetam o padrão de vida das famílias. Inadimplentes têm medo de não poder parcelar novas compras, ser qualificados como desonestos, não conseguir achar emprego e não poder contrair empréstimos. (Editorial “O custo extra das dívidas para as famílias”, de 23/3/20, O Estado de São Paulo)

(ii) Os presidentes e as maiorias da Câmara e do Senado armaram-se para rebater e rechaçar as barbaridades que pudessem surgir da famigerada caneta de Jair Bolsonaro. (Editorial “Bárbaros no portão”, de 17/4/2020, Folha de São Paulo)

(iii) Brasileiros vão morrer desassistidos na fila da saúde pública se ela não for respondida com ações tempestivas e muito bem planejadas. (Editorial “Bárbaros no portão”, de 17/4/2020, Folha de São Paulo)

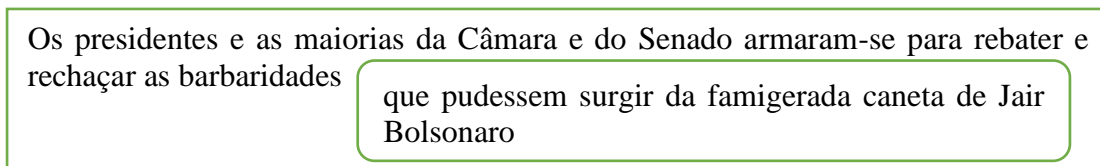
(iv) Bolsonaro sabotou a aquisição de vacinas, obrigou o Ministério da Saúde a encampar tratamentos inócuos, fez campanha contra o uso de máscaras e estimulou aglomerações, contrariando as orientações do próprio Ministério. (Editorial “A ‘linha vermelha’”, de 18/3/2021, O Estado de São Paulo)

Figura 3 – Representação básica de relação entre duas orações por coesão



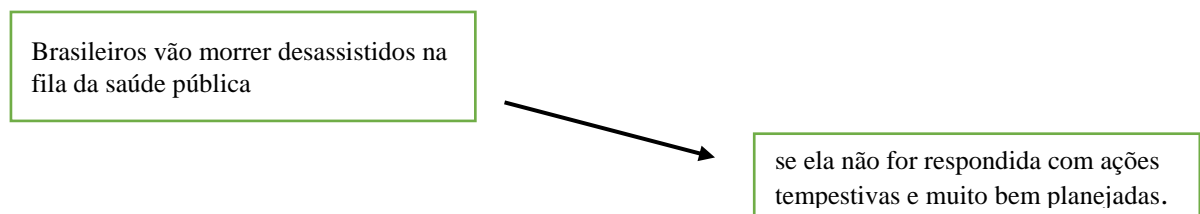
Em (i), ocorrem exemplos de coesão sequencial entre as duas orações, que podem ser usadas independentemente (separadas por ponto final ou por vírgulas, como nos exemplos), conforme pode ser observado no primeiro e no segundo exemplos. Elas não estão dispostas em desordem em relação ao parágrafo em que se encontram.

Figura 4 – Representação básica de relação entre duas orações por encaixamento



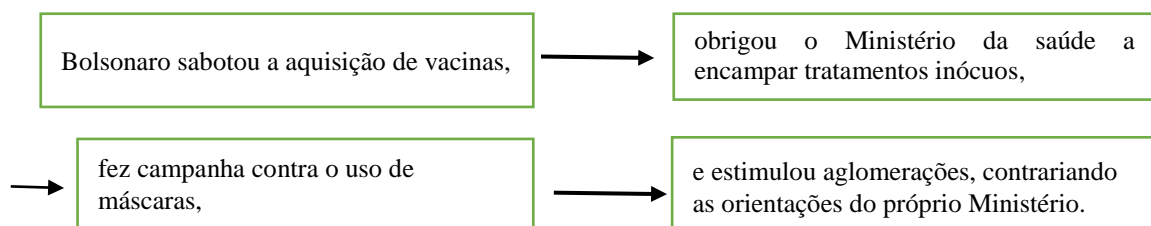
Em (ii), as duas orações realizam tipo básico de relação por encaixamento, no qual a oração encaixada se torna constituinte da primeira oração, como será visto mais detalhadamente mais à frente.

Figura 5 – Representação básica de relação entre duas orações por interdependência (hipotaxe)



Em (iii), as duas orações realizam um tipo básico de relação de dependência em que elas apresentam estatutos diferentes (hipotaxe) e apresentam coesão por conexão expressando a relação semântica de condicionalidade.

Figura 6 – Representação básica de relação entre duas orações por interdependência (parataxe)



Fonte: Figuras sobre as relações entre orações adaptadas de Matthiessen, 1995.

Por fim, em (iv), as quatro orações realizam tipo básico de relação de independência, pois apresentam estatutos iguais (parataxe) e expressam coesão por relação semântica de acréscimo de informação nova.

2.5 Metafunção Textual

A metafunção textual gera recursos para a exposição de significados interpessoal e ideacional como informações organizadas no texto e que podem ser continuamente trocadas entre os interlocutores. Nessa metafunção, o sistema de Tema e Rema organiza a oração, construindo o significado textual. Ao escolher o ponto de partida da mensagem — o Tema — o autor do texto explicita o seu foco para o leitor. O restante da oração é o Rema (o que se diz sobre o Tema). O Tema tem por função fazer a ligação entre a oração que está sendo criada e as orações anteriores, ou seja, constrói uma relação de reiteração ao longo do texto e estabelece um contexto para a compreensão do que vem a seguir — o Rema (FUZER; CABRAL, 2016, p. 131).

Na estrutura da informação, de acordo com Fuzer e Cabral (2014, p. 128-137), os segmentos organizados vão sendo relacionados entre o que é Dado (Tema) e o que é Novo (Rema), ou seja, aquilo que é de conhecimento compartilhado ou mútuo entre os interlocutores e a informação nova. O elemento Novo da informação consiste não apenas no que é desconhecido para o ouvinte/leitor, mas também no que é imprevisível. A metafunção textual pode apresentar os três elementos das três metafunções da linguagem em posição temática na oração: experiencial, interpessoal e textual. O Tema, que obrigatoriamente realiza uma função de estrutura de transitividade da oração (participante, processo ou circunstância), é chamado Tema tópico.

Exemplos:

(i) O impacto afeta tanto a quantidade como a qualidade dos empregos na indústria e nos serviços. (ii) Na China, por exemplo, o valor total agregado da indústria declinou 13,5% nos dois primeiros meses de 2020. (iii) O Conselho Mundial do Turismo e Comércio prevê um declínio de até 25% neste ano. (iv) Segundo a OIT, as perdas na renda dos trabalhadores podem variar de US\$ 860 bilhões a US\$ 3,440 trilhões. (Editorial “O impacto da crise sobre o trabalho”, de 23/3/2020, O Estado de São Paulo)

Quadro 15 – Exemplo de análise da estrutura temática em orações

Seleção Temática	TEMA	REMA
	Ideacional	
	O impacto	afeta tanto a quantidade como a qualidade dos empregos na indústria e nos serviços.

Fonte: Adaptado de FUZER; CABRAL, 2014.

Em (i), na perspectiva da informação, o tema é classificado como Dado, pois há, no início do texto do editorial, a indicação de que o texto fora escrito com base no primeiro diagnóstico emitido pela Organização Internacional do Trabalho (OIT).

Quadro 16 – Exemplo de Tema múltiplo

Seleção Temática	TEMA	REMA
	Ideacional	
	Na China,	por exemplo, o valor total agregado da indústria declinou 13,5% nos dois primeiros meses de 2020.

Fonte: Adaptado de FUZER; CABRAL, 2014.

Em (ii), podem estar em posição temática na oração elementos das três metafunções da linguagem: experiencial, interpessoal e textual. Quando realiza uma função da estrutura de transitividade da oração, é o chamado *Tema tópico*, o primeiro elemento da oração que expressa um significado representacional (participante, processo ou circunstância), (FUZER; CABRAL, 2014).

Quadro 17 – Exemplo de Tema não marcado

Seleção Temática	TEMA	REMA
	Ideacional	
	O Conselho Mundial do Turismo e Comércio	prevê um declínio de até 25% neste ano.

Fonte: Adaptado de FUZER; CABRAL, 2014.

Em (iii). O *Tema* tem por função fazer a ligação entre a oração que está sendo criada e as orações anteriores, quer dizer, constrói uma relação de reiteração ao longo do texto.

Quadro 18 – Exemplo de Tema marcado

Seleção Temática	TEMA	REMA
	Ideacional	
	Segundo a OIT,	as perdas na renda dos trabalhadores podem variar de US\$ 860 bilhões a US\$ 3,440 trilhões.

Fonte: Adaptado de FUZER; CABRAL, 2014.

Por fim, em (iv), o Tema em análise, do ponto de vista do fluxo da informação, a informação é Dada e recuperável, pois tem como fonte da informação do diagnóstico da OIT. Caracteriza-se como Tema marcado, pois não é sujeito da oração.

2.6 Combinação de orações — Complexo oracional

Há diversos estudos e publicações a respeito das limitações impostas pela Gramática Tradicional (GT) com relação à dicotomia coordenação e subordinação para a análise de textos. Para Koch (2011), por exemplo,

Em cada conjunto, encontramos orações que se costumam classificar de **coordenadas**, de **subordinadas** e de **justapostas**. No entanto, todas elas exprimem a mesma relação semântica, que exige, necessariamente, a presença de dois membros. Portanto, não há autonomia entre elas, nem é lícito falar de oração principal e oração subordinada, já que não se pode inverter a forma de combinação dos elementos do binômio sem alterar a relação. Assim, em todo e qualquer período composto por duas ou mais orações, verifica-se que há entre eles uma interdependência, visto que a presença de cada uma delas é necessária para veicular o significado pretendido. O simples fato de o locutor apresentá-las em um só período, já significa uma opção, que tem, portanto, consequências na constituição do sentido. (KOCH, 2011, p. 111)⁵

Ao se observar a articulação de orações por outras concepções, como a apontada pela gramática funcional de Halliday, explora-se o ponto de vista do entendimento a respeito da interdependência entre as orações. Halliday propõe o eixo tático que sustenta uma relação de simples “continuação” entre elementos (um seguido do outro), ou um sistema que sustenta uma relação de “dominação”, um “dominante” e o outro “dependente” (NEVES, 2011a, p. 228). Entretanto, ainda que possamos contar com uma nova ótica para o tema coordenação e

⁵ Grifos da autora.

subordinação, essa possibilidade não é suficiente. Há de se considerar a necessidade de inclusão e de consideração de outros elementos na análise textual que a GT não nos fornece, conduzindo-nos a critérios sintáticos e, no máximo, a relações semânticas entre as orações.

Koch (2011) reconhece que

Os problemas com que se depara o estudioso ao tentar explicar os conceitos de coordenação e subordinação, isto é, a questão da dependência ou independência entre orações, decorrem do fato de se adotarem critérios meramente sintáticos ou formais. [...] Foi por isso que se fez sentir a necessidade de se incorporar à teoria linguística os componentes semântico e pragmático: o funcionamento global de uma língua só pode ser devidamente explicado por um estudo integrado dos três componentes (KOCH, 2011, p. 108).

Abreu (1997), em seu artigo sobre o problema dos limites entre coordenação e subordinação, discute os critérios de independência entre sequências do tipo “Renata chegou, tomou banho e saiu”. Sugere, também, uma escala de prototipicidade para ajudar a compreender a coordenação e a subordinação como fenômenos sintáticos, levando em conta aspectos pragmáticos nos processos. Para que a frase proposta por Abreu tenha um sentido lógico para um possível interlocutor, ela tem de vir, necessariamente, na ordem por ele apresentada.

A GT nos daria amparo para uma classificação de coordenação assindética entre as duas primeiras orações e uma relação de adição de ação entre a segunda e a primeira. A GSF nos permite observar as orações em um complexo oracional sob dois aspectos, o tático e o lógico-semântico.

Diante do que vimos até então, na sequência apresentada por Abreu “Renata chegou, tomou banho e saiu”, percebemos claramente que a oração primária “Renata chegou” está iniciando o aninhamento⁶ paratático (orações de igual estatuto — o que será detalhado mais à frente) criando um *continuum* de relações semânticas que prossegue nas demais orações, secundária e terciária. No eixo tático — no que diz respeito à interdependência entre as orações —, as três orações são independentes, de igual estatuto e poderiam exercer soberania com ponto final: “Renata chegou. Ela tomou banho. Ela saiu.” No eixo lógico-semântico — que se refere ao encadeamento entre os processos (verbos) em relação à “expansão” ou à “projeção” da oração —, surgem as seguintes conexões entre os pares “Renata chegou” “[ela] Tomou banho”: a secundária expande a primária, acrescentando-lhe uma informação nova. Também entre “Tomou banho” e “Saiu” ocorre a ampliação do escopo semântico da oração

⁶ Nesting, de acordo com Halliday e Matthiessen (2014) e traduzido como “aninhamento”, segundo a lista de termos da *Linguística sistêmico-funcional em português brasileiro: léxico-gramática* (2021).

anterior adicionando-lhe algo novo ou contrário, dependendo do contexto, caso alguém esperasse se encontrar com Renata ainda. Conclui-se, portanto, que as três orações postas na sequência lógica proposta por Abreu trazem um significado novo à primeira e constroem uma progressão de informações sobre Renata.

Classificar apenas as duas primeiras como coordenadas assindéticas e a última como coordenada sindética aditiva ou, ainda, reconhecer que há uma relação semântica de adição entre a segunda e a última — por conta do acréscimo de um fato à oração anterior — não basta para a compreensão acerca da combinação de orações em nossa língua. Há de se considerar a produção do significado do exemplo de Abreu influenciado por um dado contexto, a relação dessa construção com o contexto em que se insere. Por fim, o produtor criou um texto e o ouvinte ou seu leitor assim o reconheceu, tornando o discurso possível. Uma simples e possível escolha de termos como “dona Renata”, “doutora Renata”, “Renatinha”, “ela” para substituir “Renata” na frase de Abreu criaria novos significados à proposição, bem como uma escolha diferente do arranjo das orações.

Estamos, assim, procurando reafirmar que uma análise com base apenas na tradição gramatical não alcança todo um potencial de significados que a língua em uso nos proporciona, nem esclarece acerca das motivações discursivas da seleção de um processo de encadeamento de orações em detrimento de outro. Devemos cogitar outros aspectos que não só ajudam na produção do sentido do que se quis comunicar, como também colaboram para que o significado construído seja entendido.

Concluimos esta seção voltando à abordagem do potencial de significado que se estabelece, agora, com a formação de outro tipo de complexo oracional. Numa adaptação da frase de Abreu (1997), “Renata, como sua mãe disse, chegou, tomou banho e saiu”, temos como possíveis potenciais de significado as relações lógico-semânticas estabelecidas na reunião das quatro orações em um complexo oracional. Ocorre um vínculo de conformidade para a GT (a oração sublinhada) inserida no aninhamento oracional inicial já observado anteriormente, juntamente com as duas primeiras orações justapostas, mais a última, que finaliza o complexo, construindo uma ideia de adição ou de adversidade em relação à segunda oração (dependentes de um contexto para esta afirmação). Há também outras potencialidades de significados incluídas no complexo, sob a perspectiva da GSF, como o entendimento de uma projeção de oração no trecho sublinhado e que será visto posteriormente. Interessa-nos a voz discursiva externa para assegurar confiabilidade e credibilidade às informações fornecidas sobre Renata, intenção esta sempre dependente de um dado contexto. Vejamos com mais

detalhes como se combinam as orações sob a ótica da LSF e que potenciais de significados os complexos oracionais podem nos apresentar, analisando-os no *corpus* desta pesquisa.

2.6.1 O Complexo oracional na perspectiva da LSF

Para o entendimento da combinação de orações na perspectiva da LSF, devemos ter em mente que a união de orações parte inicialmente do componente lógico — a conexão de ideias, já no campo semântico, que é observado na estratificação da linguagem, estamos no âmbito da sequência de figuras. Devemos entender que fenômeno é a categoria experiencial mais ampla e que qualquer coisa pode ser interpretada como parte da experiência humana. Os fenômenos são de três ordens de complexidade: elementar (um único elemento), figura (configuração de elementos) e sequência (complexo de figuras). No âmbito da léxico-gramática, temos, respectivamente, a palavra, o grupo, a oração e o complexo oracional (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2006, p. 35)

Exemplos: Excerto do editorial publicado pelo *Jornal Estado de São Paulo*, no dia 1 de março de 2021: “A decepção com Bolsonaro”.

Exemplos de sequência:

Além disso, o impacto atinge desproporcionalmente os segmentos da população. → A proporção de trabalhadores pobres deve crescer expressivamente. → Jovens e velhos também sofrerão mais perdas de renda e ofertas. → Alguns setores particularmente afetados pela pandemia, como serviços, saúde e escolas, têm um contingente massivo de mulheres – muitas delas responsáveis pela renda da família. → Mais do que tudo, o choque atingirá os trabalhadores por conta própria, → tanto mais na economia gig, um dos setores que mais cresceram nos últimos anos (Editorial “O impacto da crise sobre o trabalho, de 23/3/20, O Estado de S. Paulo).

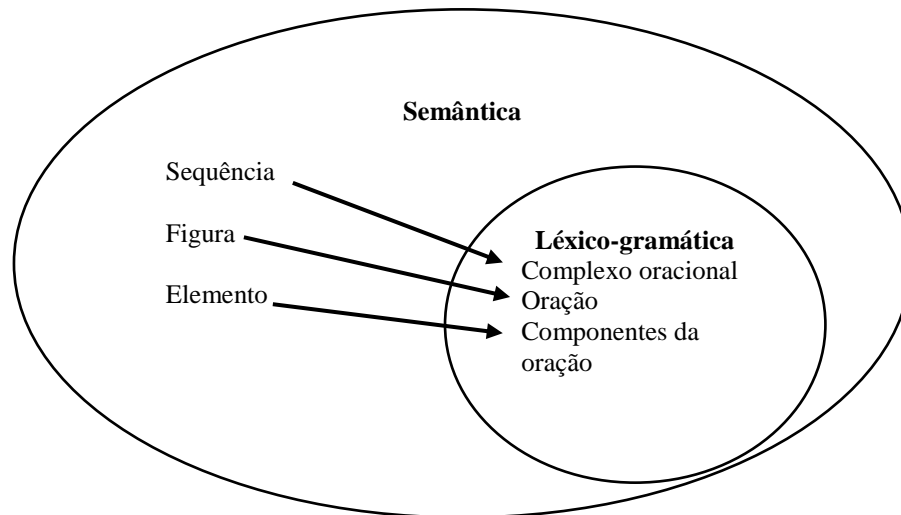
Exemplos de figuras:

- (i) Além disso, o impacto atinge desproporcionalmente os segmentos da população.
- (ii) A proporção de trabalhadores pobres deve crescer expressivamente.
- (iii) Jovens e velhos também sofrerão mais perdas de renda e ofertas.
- (iv) Alguns setores particularmente afetados pela pandemia, como serviços, saúde e escolas, têm um contingente massivo de mulheres – muitas delas responsáveis pela renda da família.
- (v) Mais do que tudo, o choque atingirá os trabalhadores por conta própria,
- (iv) tanto mais na economia gig, um dos setores que mais cresceram nos últimos anos.

Exemplos de elementos:

Impacto. Segmentos da população. Contingente massivo de mulheres.

Figura 7 – Realização típica de Sequência, Figura e Elemento



Fonte: Realização típica de Sequências, Figuras e Elementos, adaptada de HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2006.

Halliday entende a oração como o centro da ação na gramática, o lugar onde escolhas fundamentais são feitas no sistema e o ponto de origem da rede de sistemas. A oração também é vista como a unidade léxico-gramatical mais básica que cria e dá significado ao texto do qual ela é constituinte, mas não é somente única e exclusivamente constituinte, uma vez que a oração é também a sua atualização, herdando propriedades do texto-como-modelo que é realizado em relação ao contexto da situação. O significado ocorre no contexto da situação que é especificado em relação às seguintes e principais dimensões: (a) campo — o que está acontecendo? (b) relações — quem está envolvido? (c) — e como está acontecendo? Quando analisamos um texto / enunciado, indagamos as mesmas questões, e cada pergunta corresponde a um componente de significado ou metafunção semântica: experiencial, interpessoal e textual (HALLIDAY, 2005, p. 219).

Revista a importância da oração, partimos para o agrupamento de orações: o complexo oracional. As orações podem ser usadas independentemente; todavia, para que façam sentido e estejam em harmonia deve haver uma relação de coesão entre elas, o que acaba por realizar, ainda que implicitamente, certas relações lógico-semânticas. Existem três tipos básicos de relações para juntar as orações: coesão, interdependência e encaixamento (HE, 2019).

Segundo Eggins, complexo oracional é o termo que systemicistas usam para uma unidade gramatical e semântica quando duas ou mais orações são unidas de maneira significativa e sistêmica (EGGINS, 2004, p. 255).

Para Halliday (1994), a noção de complexo oracional possibilita explicar a organização funcional das sentenças de forma completa. Uma sentença é definida, (na língua inglesa e na GSF), como um complexo oracional. O complexo oracional é a única unidade da GSF que reconhecida acima da oração. Portanto, não se vê necessidade de incluir o termo sentença como uma categoria gramatical distinta na GSF; podemos usá-lo simplesmente para nos referir à unidade ortográfica que está contida entre pontos finais e assim evitamos ambiguidade já que uma sentença é um constituinte da escrita, enquanto um complexo oracional é um constituinte da GSF.

Matthiessen (2002) considera o complexo oracional um recurso para elaborar sequências de processos ligando orações em complexos oracionais que são constituídos por meio de relações semânticas, nas quais as orações são tratadas de forma igualitária ou não. Não se trata de unidades gramaticais construindo o complexo, mas sim de um desenvolvimento contínuo produzido por meio de certas relações semânticas.

Convém, também, citar a relevância do reconhecimento das “fronteiras” entre as orações dentro de um complexo oracional que a GT define como limite entre os períodos compostos: o ponto final, ponto de interrogação, ou exclamação ou as reticências. As obras de Halliday (1994, p. 216) e But *et al* (2003, p. 175) usam o aspecto da oralidade como justificativa para o avanço do limite observado pela GT. Se um dado trecho fosse falado ou lido em voz alta, a entonação tornaria o complexo oracional ou a oração simples subsequente uma continuação da ideia do primeiro, formando dessa forma um único complexo oracional que, sob a ótica da LSF, extrapola o limite imposto GT.

Exemplos:

(i) *É exemplar a edição da MP dos contratos de trabalho, que desconhecia a existência dos empregados, devidamente revogada. Sequer deveria ter sido assinada. Ida e vinda desnecessárias.* (Editorial “Bolsonaro minimiza epidemia e põe Brasil em risco”, de 25/3/2020, O Globo)

(É exemplar a edição da MP dos contratos de trabalho, que desconhecia a existência dos empregados, devidamente revogada, [e nem] sequer deveria ter sido assinada.)

(ii) *O modelo de presidente de Bolsonaro, Trump, caiu na mesma esparrela e teve de bater em retirada desorganizada, como costuma fazer, preocupado com os estragos da demora em agir em seu projeto de reeleição. Mas ensaia voltar à posição anterior.* (Editorial “Bolsonaro minimiza epidemia e põe Brasil em risco”, de 25/3/2020, O Globo)

(O modelo de presidente de Bolsonaro, Trump, caiu na mesma esparrela e teve de bater em retirada desorganizada, como costuma fazer, preocupado com os estragos da demora em agir em seu projeto de reeleição, mas ensaia voltar à posição anterior.)

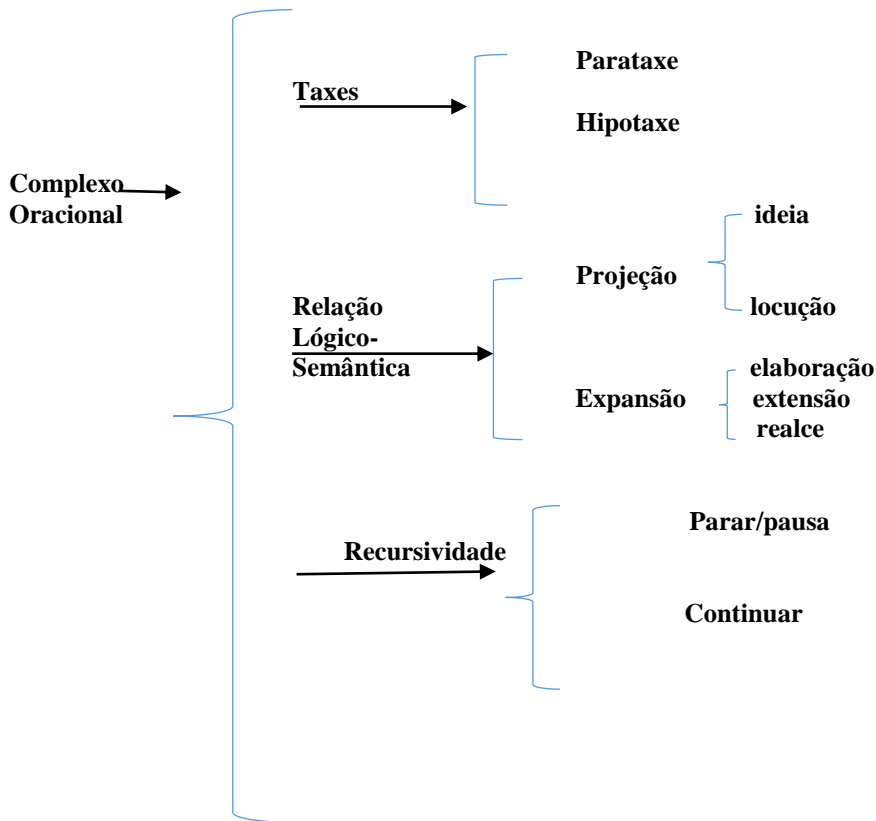
Com relação aos conectores entre as orações, Schlee e Dutra (2021) lembram-nos de que, para Halliday, existe uma diferença entre os conectores paratáticos e hipotáticos. A GSF denomina *linkers*⁷ os conectores de relações paratáticas e *binders*⁸, os hipotáticos. Ainda em conformidade com Schlee e Dutra, tais classificações abarcam os adjuntos conjuntivos não restritos à classificação de conjunção segundo o tratamento dado pela GT a esses elementos.

Matthiessen (2002) interpreta o sistema do complexo oracional sob duas perspectivas: a do emissor e a do receptor. Os falantes/escritores dele se utilizam como estratégia no desenvolvimento de complexos oracionais. Já os ouvintes/leitores fazem uso dele no rastreamento e na reconstrução dos complexos oracionais. O sistema caracteriza o potencial de um nexos oracional em um complexo oracional em desenvolvimento — a natureza da relação pela qual o nexos é formado (os sistemas de *taxe*: ”hipotaxe” X “parataxe” e o tipo lógico-semântico: “projeção” X “expansão”) e a opção de parar/pausar ou expandir o complexo ainda mais, abrindo outro nexos no processo de recursividade (MATTHIESSEN, 2002, p. 249).

⁷ Conectores nas orações paratáticas, de acordo com a lista de termos da Linguística Sistêmico-Funcional em português brasileiro: léxico-gramática (2021).

⁸ Conectores nas orações hipotáticas, de acordo com a lista de termos da Linguística Sistêmico-Funcional em português brasileiro: léxico-gramática (2021).

Figura 8 – Sistema de Complexo Oracional



Fonte: Sistema do complexo oracional, adaptado de Matthiessen, 2002

2.6.2 Relações táticas e relações lógico-semânticas

O primeiro aspecto pertinente às relações entre orações, sob o ponto de vista da GSF, é de que vínculo entre elas é de modificação, porém, segundo Halliday (1994, p. 218) esse conceito pode ser enriquecido ao se reconhecerem alternativas sistêmicas ao longo de duas dimensões distintas: (i) o tipo de interdependência ou *taxe* entre as orações, também chamado como eixo tático, e (ii) a relação lógico-semântica entre as orações, denominado como eixo lógico-semântico.

A interdependência entre as orações, quer dizer, a relação de dependência mútua, deve ser entendida a partir do status de igualdade ou desigualdade entre as orações. Esse status será desigual quando uma oração do complexo oracional for dominante e a outra dependente em relação a ela; será de status igual quando as orações figurarem lado a lado em pé de igualdade, e nenhuma oração depender da outra. Na *parataxe*, do grego *para* “ao lado” e *taxe*

“organizar”, uma oração inicia e a outra continua. Na hipotaxe, também do grego, hipo “sub”, “abaixo de”, a ligação é entre um elemento dependente e seu dominante (HALLIDAY, 1994, p. 218).

A parataxe é, por assim dizer, a ligação de elementos de igual status, na qual tanto o elemento inicial quanto o contínuo são livres, no sentido de que cada um pode representar um todo funcional. Nas palavras, de Schlee e Dutra (2021), a parataxe se define como a união de duas orações cujo envolvimento não configura apenas em uma conexão sintática, mas em uma relação lógico-semântica de projeção ou expansão. Já a hipotaxe é a ligação de elementos de status desigual, situação que ocorre quando os termos, em uma relação lógico-semântica, são ordenados como iguais ou desiguais (HALLIDAY, 1994, p. 221).

Halliday e Matthiessen (2006, p. 104) lembram-nos de que a parataxe e a hipotaxe são as duas formas básicas assumidas pelas relações lógicas na linguagem natural. Pode-se dizer que os complexos oracionais constituem a “lógica natural” equivalente à lógica proposicional — isto é, o sistema evoluído para raciocinar sobre os vínculos de causa, condição etc.

O eixo lógico-semântico, segundo Eggins (2004, p. 259), é aquele que descreve o tipo específico de relação de significado entre as orações, para o qual existe uma ampla gama de diferentes relações lógico-semânticas. Halliday e Matthiessen (2014) sugerem um padrão para agrupar as diferentes relações semânticas em dois tipos gerais, com base nas duas relações fundamentais de expansão e projeção. Na expansão, uma oração expande o significado de outra de vários modos. A expansão de conteúdo pode ser por extensão, elaboração, intensificação.

O sentido de extensão é uma oração estender a outra, ela adiciona algum novo elemento, indica uma exceção ou oferece uma alternativa. O de elaboração é explicar ou clarificar o significado da outra, especificando-a. A intensificação realça o significado da outra, qualificando-a quanto ao tempo, lugar, modo etc. Neste momento, vamos nos ater à ideia de adição de algum elemento novo.

Destacamos que, na GSF, Halliday e Matthiessen (2014, p. 442) propõem, a fim de evitar termos mais específicos, usar a denominação primária e secundária para a divisão das orações num período e nomear o nexos que se estabelece entre elas de elemento que inicia e outro que continua (parataxe), ou dominante e dependente (hipotaxe).

Exemplos:

Quadro 19 – Tipos básicos de orações complexas

		(i) Paratática	(ii) Hipotática
(1) expansão	(a) elaboração	<i>Independentemente das circunstâncias nacionais, a OIT insiste num princípio fundamental: “<u>O diálogo social tripartite entre governos, empregados e empregadores é a chave para desenvolver e implementar soluções sustentáveis</u>”.</i> <i>Foi decisivo para Trump recuar mais um alerta que lhe fez — <u>este ele levou a sério, ao contrário dos outros</u> — Anthony Fauci, diretor do Instituto Nacional de Alergia e Doenças Infecciosas:</i>	<i>Também participou do encontro, entre outros, o ministro da Saúde, Luiz Henrique Mandetta, dando uma pista do tema óbvio da reunião.</i> <i>Mas há também a insuficiência de educação financeira, cujos efeitos são a contratação de dívidas de custo muito elevado e o compromisso com prestações que o salário não comporta.</i>
	(b) extensão	<i>Regina Duarte até fez alguma coreografia, como na patética entrevista à CNN Brasil, <u>mas o chamado núcleo ideológico quer mais</u>.</i>	<i>A ansiedade, o estresse e a irritação atingem cerca de 6 em cada 10 entrevistados, <u>enquanto outros são vítimas de tristeza e desânimo, angústia e vergonha</u> – esta, mais intensa entre mulheres (57,6%) do que entre homens (49,4%).</i>
	(c) intensificação	<i>O contraste com Bolsonaro é gritante: para o presidente brasileiro, basta manter apenas o “grupo de risco” (pessoas acima de 60 anos) em isolamento, <u>e então será possível reabrir escolas e o comércio</u>.</i>	<i><u>Embora hoje veja as investigações como um potencial risco à democracia</u>, Mendonça, quando era advogado-geral da União, informou que o inquérito tinha total respaldo na Constituição – no que estava absolutamente correto.</i>
(2) projeção	(a) de locução	<i>(...) ao que Bolsonaro, que jamais desceu do palanque, respondeu: “<u>Saia do palanque</u>”.</i>	<i>Em 23 de setembro de 2019, o ministro da Economia, Paulo Guedes, disse <u>que a proposta de reforma tributária seria enviada pelo governo “na semana que vem”</u>.</i>
	(b) de ideia	<i>Os procuradores lembraram⁹ o óbvio: “<u>O Ministério Público Federal e, em particular, o procurador-geral da República, precisa cumprir seu papel na defesa da ordem jurídica, do regime democrático e de titular da persecução penal, devendo adotar as necessárias medidas investigativas</u>”.</i>	<i>O Unicef (Fundo da ONU para a Infância) prevê <u>que o colapso do sistema de saúde aumentará em 1,2 milhão de crianças a conta da mortalidade infantil no mundo nos próximos seis meses</u>.</i>

Fonte: Inspirado em HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014.

⁹ De acordo com o contexto do editorial “Aras contraria função constitucional do MP durante a pandemia” (de 22/1/21, O GLOBO), o processo mental lembrar não apresenta o sentido de do processo verbal “informar” / “avisar” e sua substituição alteraria o sentido, apresentando a opinião de que o editorialista estaria criticando a expressão de ideia dos procuradores.

Na próxima seção, serão apresentados, com mais detalhes, os conceitos de expansão e projeção.

2.6.2.1 Expansão

A expansão se dá:

- a) por elaboração. Neste caso, não se adiciona nenhum elemento novo à mensagem, apenas são apresentadas mais informações sobre o que já está Dado na oração primária, ou seja, é uma estratégia para introduzir no discurso informações básicas, uma caracterização, uma interpretação de algum aspecto da oração primária, alguma forma de avaliação (como também pode acontecer com o esclarecimento). A elaboração, de modo geral, caracteriza-se como um comentário explicativo, isto é, uma paráfrase.

São comumente usados os seguintes conectores:

Quadro 20 – Alguns conectivos e seus diferentes sentidos lógico-semânticos – elaboração

	Parataxe	Hipotaxe
Significado	Exposição, exemplificação, clarificação	Descrição, clarificação
Realização	<i>ou seja, isto é, por exemplo, pois, para ser mais preciso, melhor, na verdade, ou</i> orações sem conectivos (justaposição)	(oração relativa não definidora) ¹⁰

Fonte: LAVID *et al*, 2010.

As conjunções alternativas podem figurar em duas categorias na GSF: extensão ou elaboração. Na extensão, permanece a ideia de ampliar o significado de outra oração adicionando algo novo, cujo sentido agora é X ou Y, seja pelas paratáticas com *ou, ou... ou, ora... ora, quer... quer, seja.... seja, nem... nem etc, seja pelas hipotáticas com se... não (... então). Thompson esclarece que:*

¹⁰ As elaborações hipotáticas do tipo clarificação, exemplificação ou exposição funcionam, conforme Halliday e Mathiessen (2014), como uma espécie de glosa da oração primária. Elas são introduzidas por pronomes relativos (*que, quem, o que, o qual, de que, de que, cujo*) ou advérbios relativos (*onde, quanto, como*), seguidos de uma vírgula na escrita e uma pausa na fala. Sem a vírgula, estamos diante do processo de encaixamento em *que*, na GSF, a oração encaixada funciona como um constituinte de outra oração, como será visto mais à frente ao ser abordado o encaixamento.

“Uma oração elaborada não adiciona nenhum elemento essencialmente novo à mensagem, mas dá mais informações sobre o que já está lá. Pode se relacionar com o todo da mensagem, ou apenas uma parte dela; e pode reafirmá-la; ou pode esclarecer ou exemplificar; ou pode adicionar informações extras sobre seus atributos, incluindo o comentário do locutor” (Thompson, 2016, p. 194) — (tradução nossa).¹¹

Exemplos:

Parataxe:

- (i) *E ele pode começar pelo óbvio, ou seja, deixar que os órgãos ambientais, que passam por consistente processo de desmonte, **cumpram a lei e afastem invasores das imediações das aldeias.*** (Editorial: “Governo precisa agir para proteger povos indígenas da covid-19”, de 12/6/20. O Globo)
- (ii) *Bolsonaro não inspira nada disso: **é, ao contrário, fonte de permanente inquietação e desorganização.*** (Editorial: “Governo inexistente”, de 27/1/21, Estadão)

Hipotaxe:

- (iii) *Também participou do encontro, entre outros, o ministro da Saúde, Luiz Henrique Mandetta, **dando uma pista do tema óbvio da reunião.*** (Editorial “Bolsonaro tem de cumprir seu papel contra o coronavírus,” de 18/3/20, O Globo)
- (iv) *O melhor caminho para “parar essa insanidade”, disse o parlamentar, **é a instalação de uma CPI – cujo pedido repousa na mesa do presidente do Senado, Rodrigo Pacheco.*** (Editorial “É preciso parar esse cara”, de 2/3/21, Estadão)

b) por extensão. Adiciona-se algum novo elemento à oração primária, excetuando ou oferecendo uma alternativa. Veja alguns conectivos a seguir:

¹¹ An elaborating clause does not add any essentially new element to the message, but gives more information about what is already there. It may relate to the whole message, or just to one part of the message; and it may restate it; or it may clarify or exemplify it; or it may add extra information about its attributes, including the speaker’s comment (Thompson, 2016, p. 194).

Quadro 21 – Alguns conectivos e seus diferentes sentidos lógico-semânticos – extensão

Significado	Parataxe			Hipotaxe		
	adição	oposição	aletrnância	adição	variação	alternância
Realização	<i>e</i> (<i>neg.</i>) <i>nem...</i> <i>nem,</i> (<i>mas = e</i>) <i>como</i> <i>também,</i> <i>além,</i> <i>também,</i> <i>além</i> <i>disso, por</i> <i>outro lado.</i>	<i>mas, porém,</i> <i>contudo,</i> <i>todavia, no</i> <i>entanto,</i> <i>entretanto</i> <i>e = mas</i>	<i>ou, ou... ou,</i> <i>ora... ora,</i> <i>quer... quer,</i> <i>seja... seja</i>	<i>enquanto</i> (<i>que</i>), <i>como</i>	<i>em vez de,</i> <i>exceto que,</i> <i>se não</i>	<i>se não</i>

Fonte: Adaptado de Lavid *et al*, 2010.

Para Halliday (1994, p. 231), não há uma linha clara entre orações aditivas e orações adversativas; as orações podem apresentar um componente adversativo ou não; no entanto, a oração adversativa é vista também como extensão do significado de outra oração adicionando algo novo, e o *mas* contém o significado de *X* e, inversamente, *Y*. Halliday e Matthiessen (2014) alertam-nos que

O conector *mas* contém o traço semântico “e”, então não dizemos *e... mas*. Pela mesma razão, não dizemos *embora... mas*, porque isso seria uma mistura de hipotaxe e parataxe; *enquanto embora... ainda* é bastante normal — não há “e” paratático em *ainda* (HALLIDAY; MATTHIESSEN 2014, p. 473) — (tradução nossa)¹².

É interessante também observar os estudos de Martin e Rose (2007, p. 116) acerca das conexões lógicas por meio do sistema semântico da conjunção. Para os autores, a conjunção atua em dois âmbitos em seu sistema: interage com a ideação interpretando a experiência como sequências de atividades logicamente organizadas e relaciona-se com a periodicidade, apresentando o discurso (texto) organizado em ondas de informação. O sistema descrito por ambos usa os mesmos quatro tipos de relações lógicas: adição, comparação, tempo, consequência. Na sequência, inclui-se a conjunção “*mas*” com o propósito de comparação. Ela confirma duas orações como diferentes usando o conectivo como no exemplo “Esta não é uma pergunta **frívola**, *mas* um problema muito **sério**”, no qual dois termos abstratos se opõem, uma pergunta e um problema (MARTIN; ROSE, 2007, p,124). Para os autores, existe um léxico em contraste entre suas qualidades — frívolo versus muito sério — e o emprego da

¹²The linker *but* contains the semantic feature ‘and’, so we do not say *and but*. For the same reason we do not say *although ... but*, because that would be a mixture of hypotaxis and parataxis; whereas *although ... yet* is quite normal – there is no paratactic ‘and’ in *yet* (HALLIDAY; MATTHIESSEN 2014, p. 473).

conjunção “mas” torna o contraste explícito. O tipo particular de diferença em questão é a oposição entre os termos frívolo e sério que expõem significados experienciais opostos. A conjunção “mas” é usada em relações paratáticas. Há também a possibilidade de que essa construção seja estruturada em uma relação hipotática, por meio de conjunção “enquanto” ou por um grupo de conjunção “considerando que”. Vejamos: “Enquanto [Considerando que] esta é uma pergunta simples, é um assunto muito sério”.

O papel de coesão textual destacado pelos autores na organização de “ondas de informação”, principalmente com “mas”, é um recurso muito utilizado no gênero editorial, seja iniciando um novo parágrafo com este conectivo, seja começando um novo período. Nesse último caso, devemos lembrar da abrangência considerada por Halliday, que estende o entendimento de período para além do ponto final.

A conjunção “mas”, além de expressar o sentido de adição, carrega também o significado de variação, isto é, substitutiva (não X, mas Y) ou subtrativa (X, mas não todo X). Variação deve ser entendida como uma oração apresentada como sendo total ou parcialmente substituída da outra.

Seguem abaixo alguns exemplos de complexos oracionais com sentidos lógicos-semânticos de extensão:

Parataxe:

- (i) *Milhares de testes foram desprezados em depósitos em aeroportos e se perderam.* (Editorial: “Pandemia se intensifica em um país que vacina pouco”, de 26/2/21, Valor Econômico)
- (ii) *A mobilidade social deveria ser promovida não só porque beneficia as pessoas, reduz conflitos e favorece a coesão social, qualidades das quais o país está necessitado, como também é um firme alicerce para o crescimento econômico.* (Editorial: “Pandemia acentua déficits do país na frente social”, de 16/3/21, Valor Econômico)
- (iii) *O volume da vociferação e das atividades antidemocráticas públicas do presidente também baixou. A sempre elevada percepção quanto a sua incompetência, **porém, voltou a subir neste ano.*** (Editorial: “O poço de Bolsonaro”, de 18/3/21, Folha de São Paulo)
*Só haverá segurança definitiva quando a grande maioria da população estiver imunizada, **seja por meio natural, seja por vacina.*** (Editorial: Pandemia dá trégua, de 21/8/20, Estadão)

Hipotaxe:

- (iv) *As centenas de milhares de mortes no Brasil — e a conseqüente redução na expectativa de vida do brasileiro — são o saldo macabro dos erros em série cometidos pelo governo Bolsonaro, que continua desprezando a pandemia e a vacinação, **enquanto os cadáveres continuam a se acumular.*** (Editorial: “Pandemia ceifou dois anos da vida dos brasileiros”, de 30/12/20, O Globo)

- (v) *Demorou demais até o Ministério da Saúde, em desorganização criminosa, orientar estados e municípios a administrarem todas as doses disponíveis, em vez de reservarem metade para a segunda aplicação à frente.* (Editorial: “Desorganização letal”, de 23/2/21, Folha de São Paulo)
- (vi) *No outro, surreal, cidadãos agem como se não houvesse o novo coronavírus.* (Editorial: “É preciso mais solidariedade para vencer o vírus”, de 15/3/21, O Globo).

c) por intensificação. Ocorre quando a sentença secundária intensifica o significado da oração primária, cobrindo valores semânticos, quer dizer, indicando uma circunstância de lugar, tempo, causa, condição, finalidade, razão, propósito, maneira, meio, proporção etc.

As circunstâncias oracionais encontradas em nexos de intensificação hipotáticas enquadram-se nas nove classificações das orações adverbiais determinadas pela NGB, a saber: causal, concessiva, condicional, conformativa, consecutiva, comparativa, final, proporcional, temporal. A LSF engloba outras perspectivas com relação ao estudo das conjunções. Encontramos em Martin (1992) e Martin e Rose (2007) a proposta de que, por meio do estudo das conjunções, analisem-se as interconexões entre os processos — adicionando, comparando, sequenciando ou explicando-os. Esses são significados lógicos que ligam atividades e mensagens em sequências, isto é, como as conjunções produzem significados além do texto (conjunções externas); organizam o texto (conjunções internas); o recurso continuativo; como elas são usadas para relacionar atividades em sequências, de forma a organizar argumentos; além de apresentar o conceito de *metáfora gramatical* quando as conjunções são realizadas [no sentido da GSF] por outras estruturas gramaticais (MARTIN; ROSE, 2007, p. 115). No Quadro 21, discorreremos as principais conjunções e adjuntos conjuntivos de intensificação.

A combinação de orações de intensificação no eixo tático aparece em maior quantidade por hipotaxe, conforme mencionado anteriormente, porém é possível combinar orações de intensificação no eixo tático paratático, produzindo o que é compreendido como uma espécie de coordenação, mas com uma característica circunstancial a ela incorporada. Os subtipos que ocorrem com frequência são os de tempo e causa. Dentro da parataxe, encontramos um uso comum da conjunção (“e”), normalmente seguido por um grupo adverbial que adiciona o significado circunstancial correspondente.

Exemplos:

- (i) Nesse seu *tour de force* de dissimulação, Bolsonaro ensaiou até um mea-culpa sobre seus “exageros”, mas disse que os cometeu, vejam só, “no afã de buscar solução”. **E então** emendou dizendo que “nós todos, irmanados, estamos na iminência de apresentar uma alternativa concreta para nos livrarmos desse mal” — contra o qual, até o dia anterior, Bolsonaro receitava cloroquina, seu elixir milagroso. (Editorial “O presidente que calculava”, de 18/12/20. Estadão)
- (ii) A partir do mês que vem, quando a Fiocruz aumentar a produção **e quando** começarem a chegar novas remessas, o fluxo deverá crescer. (Editorial “Desafio de Queiroga na Saúde é resistir aos delírios bolsonaristas”, de 17/3/21. O Globo)

A LSF abrange outras perspectivas com relação ao estudo das circunstâncias partindo do entendimento semântico de expansão e de projeção que se aplica às orações, seja no nível da oração, seja no do complexo oracional. Podemos citar como exemplo a percepção circunstancial de conformidade da GT na GSF, que é compreendida como projeção de uma circunstância de *ângulo*, subdividindo-se em fonte (de acordo com X) ou ponto de vista (na opinião de).

Saindo do nível da oração para o componente lógico, segundo Halliday e Matthiessen (2014, p. 104), as conjunções e os adjuntos conjuntivos (grupos adverbiais ou frases preposicionais que cobrem aproximadamente o mesmo espaço semântico que as conjunções) marcam relações retóricas de elaboração, extensão e intensificação, não havendo, todavia, conjunções ou adjuntos conjuntivos sinalizando citação ou relato, embora existam recursos interpessoais para realizar a projeção, como supostamente, provavelmente, conjecturando (*ibidem*, 676). Quando surge a necessidade de atribuir no discurso informações a alguma fonte, utiliza-se, na oração dependente, uma circunstância de projeção (*ângulo*, fonte ou ponto de vista), (*ibidem*, p. 328). Esse tema será detalhado na sequência ao abordarmos a projeção de orações.

Quadro 22 – Principais conjunções e adjuntos conjuntivos de relação lógico-semântica de intensificação

(Continua)

	Categoria	Significado	Paratática	Hipotática	
				Finita	Preposição não finita ¹³

¹³ Conforme NUNES (2018, p. 74), Halliday e Mathiessen apresentam, ainda, a categoria “intensificação hipotática não finita por conjunção”, que não consta do quadro 21 por não haver ocorrência desse grupo em língua portuguesa (mas sim na língua inglesa). Optamos também por não a abordar neste estudo.

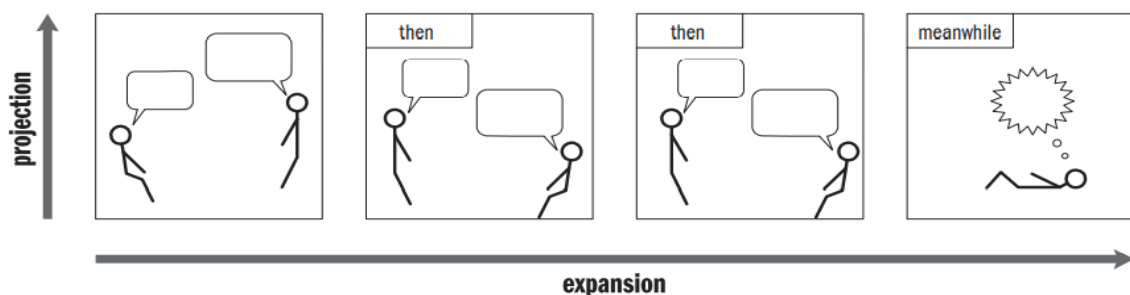
(i) temporal	mesmo tempo	A durante B	(e) durante; (quando)	[extensão] conforme enquanto	no (curso/ processo de)
				[ponto] quando, assim que, o momento	no/a
				[propagação] toda vez que, sempre que	-
	tempo diferente: depois	A subsequentemente B	(e) então; e + mais tarde	depois, desde	depois
	tempo diferente: antes	A previamente B	e / mas+ antes que/ primeiramente	antes, até	antes
(ii) espacial	mesmo lugar	C no lugar de D	e ali / lá	[extensão) até onde	-
				[ponto] onde	
				[propagação] onde quer que, em todo lugar	-
(iii) modo	meio	N é através de / por meio de M	e + daquela forma; (e) deste modo	-	por meio de
	comparação	N é como M	e + similar- mente; (e) então, deste modo	como, como se, da maneira	
(iv) causal condicional	causa: razão	por causa de P, então resultou-se Q	[causa ^ efeito] (e) então; e + portanto		
			[efeito ^ causa] por; (porque)	porque, visto que, uma vez que, no caso, considerando que, considerando	com, por meio de, por, como resultado, por causa de, no caso de
	causa: propósito	devido à intenção Q, então a ação P	-	para que, de modo a	(a fim de/ para) para; por (causa de), com o intuito de, por meio de
	causa: resultado			tanto que	para
	condição: positiva	se P, então Q	(e) então; e + nesse caso	se, desde que	no caso de
	condição: negativa	se não P, então Q	se não; (ou) caso contrário	a menos que	mas por, sem
	condição: concessiva	se P, então contrário à expectativa Q	[concessão ^ consequência] mas; (e) ainda, mas + no entanto	mesmo se, ainda que, embora, enquanto	apesar de, sem
		[consequência ^ concessão] (embora)			

2.6.2.2 Projeção

A construção de uma experiência (linguística), na concepção da LSF, está agrupada em sequências semânticas. A expansão, como vimos anteriormente, menciona fenômenos da ordem da experiência relacionada à realidade cotidiana da nossa existência material. Agora a projeção relata fenômenos de uma outra ordem da experiência, a linguística, isto é, uma segunda ordem da realidade que é trazida à existência apenas pelo sistema da linguagem (dizer ou pensar). Em outras palavras, podemos dizer que, ao longo da interpretação semântica da experiência (linguística), aquilo que apreendemos, com os nossos sentidos por meio dos processos linguísticos que constituem nosso ambiente material, é parte de uma primeira ordem de realidade; já a segunda é formada pelos significados e palavras que os processos da primeira trazem à existência.

Segundo Halliday e Matthiessen (2006 e 2014), podemos explorar a distinção entre expansão e projeção por intermédio da comparação entre os recursos utilizados nas histórias em quadrinhos. A expansão desenvolve o texto por veicular “quadros” que constituem uma sequência numa progressão “horizontal” do texto. A projeção transcende a sequência de eventos ligados pela expansão, lidando com eventos de dizer ou de pensar que, nas histórias em quadrinhos, aparecem representadas, respectivamente, pelo uso de “balões” e “nuvens”, indicando a fala e o pensamento das personagens, num desdobramento “vertical” do texto, conforme pode ser visto na Figura 10, a seguir.

Figura 9 – Representação da projeção e da expansão por convenções de histórias em quadrinhos ¹⁴

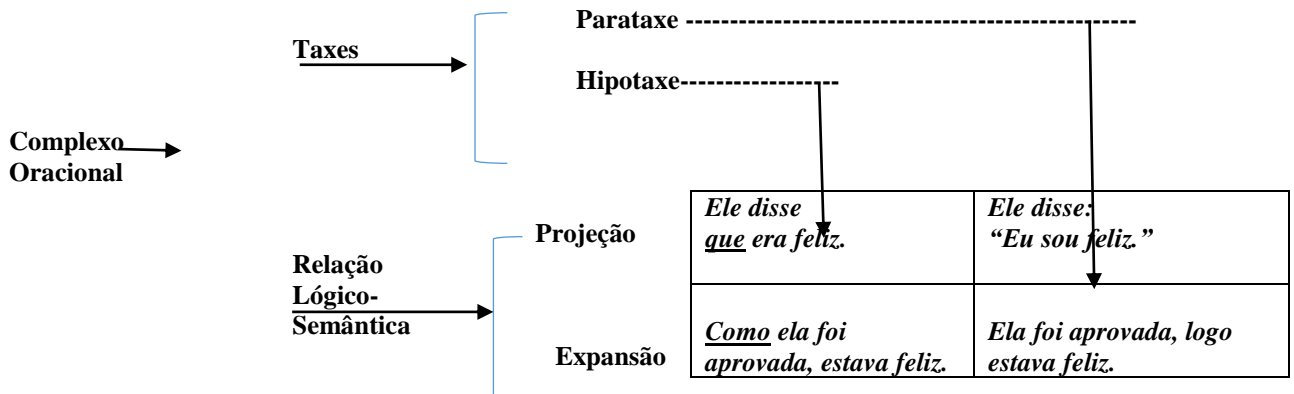


Fonte: HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014.

¹⁴ *Then* = então; *meanwhile* = enquanto isso

Em comparação com a GT, quando falamos de projeção de orações, estamos abordando o tema do discurso direto ou do discurso indireto.

Figura 10 – Opções básicas para o complexo oracional



Fonte: MARTIN *et al.*, 1997.

A projeção na GSF pode ser configurada em três tipos:

1. Nível de projeção (locução x ideia).

O conteúdo de uma oração mental é chamado de ideia; o da oração verbal, de locução;

2. O modo de produção (relato hipotático x citação paratática).

O recurso da projeção apresenta características dos processos de expansão, em que ocorrem as combinações de nexos paratáticos e nexos hipotáticos, bem como de encaixamento;

3. A função da fala (proposições projetadas x propostas projetadas).

Podem ocorrer dois processos distintos: um com proposições (afirmações) e outro com propostas (ordem, comando etc.), estabelecidos por processos mentais;

Seguem alguns exemplos dessas construções:

Projeção de locução paratática

- (i) *“Vou abrir, já que eles (governadores) não querem abrir, a gente vai abrindo aí”, declarou Bolsonaro. (Editorial: “Brincando de ser presidente”, de 12/5/20, Estadão)*

Projeção de locução paratática (discurso indireto livre)

- (ii) *O presidente continuou ontem a agredir a imprensa. Mas ainda não respondeu à pergunta do GLOBO: por que sua mulher, Michelle, recebeu R\$ 89 mil do Queiroz? (Editorial: “Sr. presidente, por que sua mulher recebeu R\$ 89 mil do Queiroz”, de 25/8/20, Globo)*

Projeção de locução hipotática

- (iii) (...) o presidente avisa que vai ampliar, por decreto, o número de atividades consideradas essenciais e, portanto, livres de restrições durante a pandemia. (Editorial: “Brincando de ser presidente”, de 12/5/20, Estadão)

Projeção de ideia paratática

- (iv) *Os procuradores lembraram o óbvio: “O Ministério Público Federal e, em particular, o procurador-geral da República, precisa cumprir seu papel na defesa da ordem jurídica, do regime democrático e de titular da persecução penal, devendo adotar as necessárias medidas investigativas”.* (Editorial: “Aras contraria função constitucional do MP durante a pandemia”, de 20/1/21, O Globo)

Projeção de ideia hipotática

- (v) *Assim, o presidente Bolsonaro quer fazer crer que o isolamento social, adotado em todo o mundo para conter a pandemia, é uma escolha, e não um imperativo — e essa escolha, aqui no Brasil, seria fruto de maquinações políticas.* (Editorial: “A guerra de Bolsonaro”, de 15/5/20, Estadão)

Projeção encaixada de oração-fato; nome

- (vi) A conduta de Bolsonaro durante a pandemia é criminoso e o presidente está firmemente convicto de que nada fez de errado. Sem a vacina do Instituto Butantan, em parceria com a Sinovac, até o início de fevereiro ninguém teria sido vacinado no país. (Editorial: “Troca na Saúde é inútil se política contra a pandemia não mudar”, 17/3/21, Valor Econômico)

As construções projetadas por parataxe são realizadas por meio de processos verbais ou mentais seguidos da citação entre aspas (i e iv) ou casos de discurso indireto livre (ii). Já com as orações hipotáticas, reporta-se o que fora dito/pensado.

O “fato”, destacado no primeiro exemplo de (vi), é a oração encaixada “de que nada fez de errado”, que funciona como um elemento na oração do processo relacional estar (“x está identificado por A” ou “A serve para definir a identidade de x”): O presidente está firmemente convicto do fato / Firmemente convicto do fato está o presidente.

Trata-se de um tipo de oração que serve para representar a identidade única de um ser, identificação atribuída à oração-fato projetada e encaixada. Sendo uma oração encaixada, há sempre uma versão agnata, na qual a oração-fato serve como um qualificador de um substantivo “fato” (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 540), ou seja, o fato de que nada fez de errado.

Nas palavras de Thompson (2014, p. 216), a proposição expressa no fato é examinada como uma ideia pré-existente em algum momento, flutuando “lá fora” e capaz de afetar o interlocutor e fazer com que ele reaja, demonstrando a existência de uma certa ligação com o relacionamento interpessoal da linguagem. O leitor do editorial, por exemplo, tem conhecimento de que o presidente acredita que a forma como ele conduz a pandemia é a certa, e essa forma eleita é totalmente oposta à condução que estão dando os demais líderes

mundiais. Se o leitor discordar da validade da afirmação, ele pode simplesmente repetir os elementos com a polaridade invertida: Mas ele fez tudo errado.

Para o objetivo desta dissertação, a projeção retrata diretamente o ato de fala, seja reproduzindo-o entre aspas, seja relatando o que fora dito. Serão destacados na análise ainda alguns excertos que reproduzem o que fora pensado, ou seja, se referem a construções por intermédio de processos mentais que podem “projetar orações”. Nesse caso, o fenômeno (do processo) é realizado por outra oração”, o mesmo ocorre com os processos verbais, como podemos confirmar nos seguintes participantes do processo verbal: relato ou verbiagem (FUZER; CABRAL, 2014, p. 55 e 74).

Ainda no âmbito de projeção de orações, o entendimento da classificação de orações responsáveis por atribuir informações a alguma fonte merece uma análise um pouco mais detalhada. Tais orações podem ser realizadas no componente lógico, por meio da oração de projeção, ou na estrutura da transitividade, por intermédio de uma circunstância de ângulo. Ambas as estratégias são usadas em textos de reportagens ou artigos científicos (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 676).

A formação de palavras, frases, orações e períodos compostos na perspectiva da LSF segue uma linha de raciocínio que passa pelas categorias de expansão e projeção. No nível da oração, por exemplo, as circunstâncias aumentam a configuração do processo + participantes na oração em termos de projeção ou expansão. As categorias de projeção e expansão também se manifestam como relações lógico-semânticas que unem orações para formar complexos oracionais.

A projeção se manifesta em oração e em complexo oracional mediante o uso de processos verbal ou mental, por uma circunstância de ângulo (na oração) e por uma citação ou relato, seja de locução, seja de ideia (no complexo oracional), (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014. p. 432-3).

Podemos citar como exemplo a percepção de uma circunstância de ângulo, subdividindo-se em fonte (de acordo com x) ou ponto de vista (na opinião de).

De acordo com¹⁵ a lei, elas terão de reduzir despesas com cargos em comissão e de confiança, exonerar servidores não estáveis e evitar contratações não fundamentais. (Editorial: “A hora da responsabilidade”, de 23/3/20. O Estado de São Paulo)

O enfrentamento desta crise, que caminha para ser a maior da história do Brasil, depende, fundamentalmente, de harmonia entre as diversas autoridades, em todas as

¹⁵ Grifo nosso

esferas, resguardadas as prerrogativas de cada uma, **conforme**¹⁶ o espírito da Federação. (Editorial: “Brincando de ser presidente”, de 12/5/20. O Estado de São Paulo)

Com relação ao complexo oracional, é importante destacar que a GT não abarca toda a discussão que existe entre as orações comparativas, das quais emergem os tipos modo e conformidade. A conjunção “como”, por exemplo, que tradicionalmente estabelece comparação, pode assimilar a ideia de que o conteúdo de uma das orações confirma o conteúdo de outra — e o conectivo pode ser substituído por “conforme”, “consoante”, “segundo” ou locuções de sentido semelhante (AZEREDO, 2018). A oração conformativa pode estar relacionada a dois atos de fala e ao que o falante/escritor faz “é apresentar uma declaração que ele configurou em conformidade com o que disse o outro emissor” (NEVES, 2011b, p.926), figurando, assim, um processo verbal ou mental.

É preciso destacar os diferentes pontos de vista entre a GT e a GSF no tocando a certas circunstâncias e a certas conjunções adverbiais. A GSF confere à expansão a categoria adverbial modo, que compreende quatro subcategorias: meio, qualidade, comparação e grau; na projeção, as circunstâncias encontram-se divididas nos grupos assunto e ângulo (fonte ou ponto de vista), de acordo com Halliday e Matthiessen (2014, p. 313-4). Com relação à expansão por intensificação, as conjunções estão na categoria modo e se subdivide em meio e comparação (*ibidem*, p. 477) e não há conjunções marcando relações de citação ou de relato (*ibidem* p. 676).

As orações subordinadas conformativas da GT correspondem às orações projetadas de locução ou de ideia na GSF. A projeção relaciona-se com a projeção de orações "mentais" e "verbais" — tanto para o experienciador quanto para o dizente de orações (ângulo) ou de verbiagem (assunto). A oração que contém a conjunção conformativa (GT) representa na GSF a circunstância de projeção de ângulo ou assunto.

A circunstância de ângulo está associada tanto com (i) o dizente de uma oração "verbal", e o sentido de “como / conforme / consoante / segundo... diz” quanto (ii) com o experienciador de uma oração “mental”, com o sentido de “como / conforme / consoante / segundo... pensa”. Podemos classificar o tipo (i) “fonte”, desde que seja usado para representar a fonte da informação; e podemos denominar o tipo (ii) de “ponto de vista”, contanto que seja empregado para expor as informações fornecidas da perspectiva de alguém

¹⁶ Grifo nosso.

em uma oração. O tipo (ii) pode trazer expressões do tipo como na visão / opinião de / do ponto de vista de (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 328).

Observemos as diferenças de sentido na GSF para as seguintes construções:

(i) Como **afirmou**¹⁷ o Supremo, em nota oficial, “precisamos, mais do que nunca, unir esforços, em solidariedade e fraternidade, em prol da preservação da vida e da saúde”.

(ii) Como **lembrou**¹⁸ o Supremo, em nota oficial, “precisamos, mais do que nunca, unir esforços, em solidariedade e fraternidade, em prol da preservação da vida e da saúde”.

Para a GT, em ambos os casos temos orações subordinadas adverbiais conformativas, quer dizer, reportando-se um ato comunicativo, seguidas de suas respectivas orações principais. De acordo com GSF, em (i) temos uma projeção de locução hipotática em que alguém (aquele que assina a nota oficial em nome do Supremo, isto é, a fonte) se responsabiliza pela afirmação projetada, eximindo o enunciador de possíveis erros, críticas e representando, também, a voz de uma autoridade etc. Em (ii), encontramos uma projeção de ideia hipotática, em que o enunciador gera um ponto de vista de alguém em seu discurso, que, no caso de (ii), representa a coletividade do pensamento de representantes do Supremo, ou seja, o que eles defendem e que repercute como uma advertência neste exemplo.

Considerando que existem outras opções de escolhas de combinação de orações (em obediência a uma intenção comunicativa), haverá mudanças de sentido, dependentes da posição temática em que a “oração conformativa” surgir no texto. Vejamos o exemplo do editorial de O Estado de São Paulo de 14/12/20:

Nas últimas 24 horas, 48.584 brasileiros se somaram a um exército de 1.674.655 de pessoas que já tiveram sua infecção pelo coronavírus confirmada no país. Um deles é o presidente Jair Bolsonaro, [i] conforme o próprio revelou em entrevista na tarde desta terça-feira (7) (Editorial “Bolsonaro infectado, 8/7/20, Folha de São Paulo)¹⁹.

Estados e municípios podem e devem realizar uma relevante agenda social. No entanto, a atuação do poder público fica muito limitada se o Executivo federal não cumpre seu papel. [ii] Como lembrou Solange Srouf na entrevista ao Estado, “não vai sair nenhuma revisão de gasto social ou corte de despesa obrigatória se a liderança não for do Executivo”²⁰ (Editorial “Agenda profícua, governo indiferente”, 14/12/20, O Estado de São Paulo).

¹⁷ Grifo nosso.

¹⁸ Grifo nosso.

¹⁹ Grifo nosso.

²⁰ Grifo nosso.

Temos em [i] uma projeção de locução hipotática. Do ponto de vista da estrutura da oração, o editorialista apresenta ao leitor o fato de Bolsonaro estar infectado como informação Dada (Tema) e, como informação Nova (Rema), o fato de a revelação ter sido feita pelo próprio presidente, cujas atitudes têm sido a de negar a pandemia.

Em [ii], estamos diante de uma projeção de ideia hipotática. O foco está no ponto de vista de Srour, que aparece descrito na posição Rema e entre aspas. O editorialista apresenta ao leitor a concepção de que Estados e municípios podem e devem cumprir uma agenda social, entretanto, reforça que o exemplo deve partir do Executivo. Ao apresentar o ponto de vista de Solange Srour, o editorialista registra seu nome na posição Tema (informação Dada, pois a economista já havia sido citada duas vezes anteriormente no texto) como circunstância de ângulo fonte e externa seu ponto de vista por meio do emprego do processo mental cognitivo (lembrar), que neste exemplo se justifica pelo fato de que o fenômeno da experiência está sendo construído como significado, ou seja, uma agenda de reformas do governo deve partir de cima para baixo: do federal ao municipal.

2.6.3 Encaixamento

A teoria de Halliday ressalta a importância de distinguirmos as relações "táticas" de parataxe e hipotaxe na combinação de orações e no encaixamento de orações. Parataxe e hipotaxe são relações entre orações, o encaixamento não. O encaixamento é um mecanismo semogênico pelo qual uma oração passa a funcionar como um constituinte em outra oração, não formando, dessa forma, um complexo oracional. Portanto, não existe relação direta entre uma oração encaixada e a oração dentro da qual está sendo encaixada; a relação de uma oração encaixada com a oração "externa" é indireta, com um grupo (sintagma) como intermediário no encaixamento.

É o que se pode perceber no trecho em destaque:

A projeção mais pessimista resulta **do que se considera a tempestade perfeita**: a rápida disseminação do vírus na segunda onda, a dificuldade **de a população manter-se em isolamento social**, a circulação de novas variantes mais contagiosas e com grande carga viral, o colapso do sistema hospitalar em diversos Estados, além da falta de vacinas. (Editorial: "Negacionismo de Bolsonaro se baseia em cálculo político", de 8/3/21, Valor Econômico)

Sob a perspectiva da GT, estaríamos diante de um período composto constituído de uma oração principal seguida de uma oração subordinada substantiva objetiva direta (primeiro

trecho destacado), ou seja, duas orações. Sob o ponto de vista da GSF, a oração destacada não tem status de oração, mas de um componente de outra oração (da principal), como será detalhado em seguida, bem como o segundo trecho ressaltado.

Segundo a LSF, as orações são compostas de grupos ou sintagmas, e uma oração pode ser deslocada para um grupo e operar como um constituinte de outra oração ou pode ser posteriormente transferida para uma palavra para funcionar como um constituinte de um componente da oração. Eggins (2004) nos mostra o seguinte modelo para facilitar o entendimento do encaixamento ou da mudança de nível da oração, quer dizer, um exemplo de quando a oração deixa o status de oração para o de sintagma adjetival (ou modificador em um grupo nominal, na GSF): Todos os alunos que estão concluindo o ano devem enviar seus trabalhos finais. A oração pode ser dividida entre os seguintes elementos: processo (grupo verbal) — o que eles devem fazer? Devem enviar; participantes (grupo nominal) — o que eles devem enviar? Seus trabalhos finais; porém, quando testamos a primeira parte da oração com um “quem? ”, a resposta pode ser longa, com o seguinte grupo nominal: Todos os alunos que estão concluindo o ano, que pode ser substituído, inclusive, pelo pronome pessoal reto eles. Dentro do grupo nominal, está contida uma oração (do ponto de vista da GT), “que estão concluindo o ano”, que se encontra encaixada, ou seja, ocorreu uma mudança de nível: o segmento deixou de ser oração para ser um pós-modificador do grupo nominal. (EGGINS, 2004, p. 73).

Podemos demonstrar, também, fazendo a distinção entre orações adjetivas explicativas e restritivas da GT, pois para a GSF, as explicativas mantêm o sentido, nas quais a oração hipotática e secundária não introduzem um novo elemento, mas fornece uma posterior caracterização de um dado que já está lá na oração primária, reafirmando-o, esclarecendo-o, refinando-o, ou adicionando-lhe um atributo descritivo ou comentário. Trata-se, pois, de expansão por elaboração.

Com relação à restritiva, a GT, como visto em Rocha Lima (2011), assim a classifica:

A oração RESTRITIVA tem por ofício delimitar o antecedente, com o qual forma um todo significativo; em razão disso, não pode ser suprimida, sob pena de a oração principal ficar prejudicada em sua compreensão (ROCHA LIMA, 2011, p. 336) ²¹

Como podemos observar, Rocha Lima menciona “um todo significativo” sem o qual a compreensão fica prejudicada. Estamos diante de uma interessante correspondência que nos conduzirá ao entendimento desse tipo de construção na GSF.

²¹ Grifo nosso.

O processo de transposição é recurso pelo qual se formam sintagmas derivados de outras unidades que podem ser sintagmas básicos ou orações (AZEREDO, 2018, p. 325). Reiteramos que a diferença básica entre a GT e a GSF é que na GT os transpositores, por meio de pronomes relativos, conjunções integrantes e até algumas conjunções adverbiais, constituem-se orações (subordinadas). Por outro lado, na GSF, as orações são constituintes de grupos nominais, exercendo a função de um modificador, participante e até circunstância.

As orações encaixadas podem estar presentes em processos de expansão ou projeção de orações e são capazes de trazer ao texto vozes externas, como poderá ser visto a seguir no exemplo extraído de um editorial.

Foi contra a palavra de ordem mundial, adotada até pelo seu ministro da Saúde, **de que as populações devem cumprir isolamento social para romper a cadeia de transmissão do vírus**²². (O GLOBO, 2020).

Quadro 23 – Análise da estrutura da transitividade oracional com oração encaixada

Participante	Processo	Participante
<i>Portador</i>	<i>Relacional</i>	<i>Atributo</i>
[Bolsonaro]	foi	contra a palavra de ordem mundial de que as populações devem cumprir isolamento social para romper a cadeia de transmissão do vírus.

Fonte: Adaptado de FUZER; CABRAL, 2014.

Adaptamos o exemplo a ser analisado no qual se comprova uma dependência entre “as populações devem cumprir o isolamento social” e o grupo nominal “a palavra de ordem mundial” como postula Eggins (2004). O fragmento está na oração a fim de fornecer mais informações sobre “as palavras de ordem mundial”. Para a autora, o exemplo ilustra que, em alguns casos, uma oração pode operar dentro de um grupo nominal funcionando como pós-modificador. Entretanto, tais estruturas não são, na GSF, consideradas orações e sim constituintes da oração. Para a identificação dessas estruturas, existem alguns recursos que podem ser usados e, dentre eles, está o indicado por Neves, em sua *Gramática de Usos do Português* (2011b):

As **orações** que exercem a função **complemento nominal** — **complemento de substantivo** ou **adjetivo valencial** — vêm pospostas ao **substantivo** ou **adjetivo** de que são complementos. Em regra, é impossível a anteposição, especialmente de **orações** completivas de **substantivos** (NEVES, 2011b, p. 359).²³

²² Grifo nosso.

²³ Grifos da autora.

Para Halliday e Matthiessen (2014, p. 533-8), existe um outro tipo de projeção, em que a oração projetada não está sendo esboçada por um processo verbal ou mental com o dizente ou o experienciador, ou por um substantivo derivado de processo verbal ou mental em um grupo nominal metafórico, mas vem, por assim dizer, pronta, encapsulada na forma projetada. Referem-se ao subtipo de orações completivas do tipo denominado *factivo*.

Foi contra a palavra de ordem mundial, adotada até pelo seu ministro da Saúde, **de que as populações devem cumprir isolamento social para romper a cadeia de transmissão do vírus**. (O GLOBO, 2020) ²⁴

Pelo contexto de situação extraído do excerto do editorial, deduzimos que o presidente da República e os governadores participaram de uma reunião, e que medidas de combate ao vírus vinham sendo acordadas. Porém, ao fazer o seu pronunciamento à nação, o presidente foi contrário não só ao possível acordo, mas à forma como o mundo vem agindo na luta contra o vírus. Halliday e Matthiessen (p. 534) entendem ainda também que esse tipo de projeção é importante na criação de discurso, com projeções encaixadas representando argumentos, como acontece nas reportagens de jornais e no discurso científico.

Na oração em questão, não ocorre processo de dizer ou pensar que a projete, o seu *status* é simplesmente o processo de um fato. Além de impessoal, há o típico ambiente “de fato”, que é a presença de uma oração construída por meio de processo “relacional” e do tipo “atributivo”²⁴: Bolsonaro foi contrário [contra a palavra de ordem mundial]. Interessa-nos a voz externa “de que as populações devem cumprir isolamento social para romper a cadeia de transmissão do vírus”, encaixada no argumento do editorialista, cuja função argumentativa no texto é ainda usada de forma anafórica para criar coesão discursiva (*ibidem*, p. 538), visto que no parágrafo seguinte, o editorialista acrescenta:

Atacou ainda os governadores que, seguindo o exemplo de outros países e a indicação da Organização Mundial da Saúde, determinaram o fechamento de grande parte do comércio, acusando-os de parar o país. (O GLOBO, 2020)

Ou seja, o isolamento social é fortemente indicado pela OMS, e o ministro da saúde e os governadores reconhecem a sua importância, contudo, para que ele se cumpra, é necessário que grande parte do comércio se feche.

²⁴ Grifo nosso.

3 RELEVÂNCIA DAS VOZES EXTERNAS PARA A ARGUMENTAÇÃO

Para Bakhtin (1997), estamos constantemente participando de um diálogo, isto é, estamos inevitavelmente interagindo com o outro, constituindo esse outro e sendo por ele constituídos, ou seja, para o pensador, o dialogismo é o princípio básico da existência humana. Em suas investigações, Bakhtin destaca a polifonia, já que todo texto resulta do encontro de várias vozes, pelo fato de apresentar um caráter dialógico — embora alguns textos apresentem um efeito de monofonia — e Bakhtin defende que qualquer discurso é permeado por palavras ou ideias de outrem, mas essas outras vozes podem ser assimiladas, citadas ou refutadas em um discurso de forma explícita ou podem ser disfarçadas sob o aspecto de um discurso monológico.

O dialogismo não deve ser confundido com polifonia. O termo *polifonia* indica um fenômeno em que num mesmo texto se fazem ouvir “vozes” que *falam de perspectivas* ou pontos de vista diferentes com as quais o locutor se identifica ou não (Koch, 2018, p. 63). Há, por conseguinte, gêneros dialógicos monofônicos e gêneros dialógicos polifônicos.

Como o *corpus* desta dissertação pertencente ao gênero editorial, estamos lidando com textos argumentativos com “momentos” dissertativos (GARCIA, 2007). Ambos os tipos de textos têm características próprias, dissertar, por exemplo, particulariza-se por apresentar uma exposição ou explanação, explicação ou interpretação de ideias; já argumentar se caracteriza, sobretudo, por buscar convencer, persuadir ou influenciar o leitor ou ouvinte. Nas palavras de Garcia,

Na dissertação, expressamos o que sabemos ou acreditamos saber a respeito de determinado assunto; externamos nossa opinião sobre o que é ou nos parece ser: na argumentação, além disso, procuramos principalmente formar a opinião do leitor ou ouvinte, tentando convencê-lo de que a razão está conosco, de que nós é que estamos de posse da verdade (GARCIA, 2007, p. 380).

Garcia aponta que a argumentação consiste em dois elementos principais: a consistência do raciocínio e a evidência das provas. Essas “provas” são incorporadas aos textos. Devemos entender como possíveis “provas” a presença de outras vozes (explícitas ou dissimuladas) que corroboram o raciocínio pretendido pelo produtor do texto.

Para Azeredo (2018),

Com efeito, por muitos modos, explícitos ou dissimulados, conscientes ou inconscientes, outras falas, palavras ou ideias de outros indivíduos entram no enunciado/texto através da voz daquele que escreveu ou fala.

[...]

Constituiu-se, assim, o que se conhece como **heterogeneidade enunciativa**, responsável por fazer de nossos discursos um tecido entremeadado de vozes.

Essas vozes podem vir indicadas por alguma marca textual ou incorporar-se ao tecido do discurso sem revelar pistas formais de sua presença e, muito menos, de sua origem. (AZEREDO, 2018, p. 92)²⁵.

Os editoriais, por sua característica argumentativa, incluem vozes alheias como um dos artifícios para assegurar confiabilidade e credibilidade, valendo-se de depoimentos de autoridades e à referência de especialistas no assunto abordado, e esses especialistas podem ser políticos, ministros, economistas, cientistas etc. De modo geral, o objetivo do editorialista é embasar seus argumentos, trazendo diferentes perspectivas ou mesmo recorrendo aos chamados “argumentos de autoridade”. Assim, a voz discursiva é incorporada ao texto para revelar ao leitor o conhecimento das fontes compiladas pelo editorialista, para respaldar opiniões, ou ainda convencer e atrair o leitor a adotar determinada a ação ou pensamento (SOARES, 2016). Tais vozes podem ainda ser introduzidas no texto como uma forma de o editorialista se eximir da responsabilidade pela fala ou pelos pensamentos incluídos em seu texto.

Ao abordar as sequências argumentativas em sua obra *Textos: tipos e protótipos* (2019), Adam defende a proposta de sequências textuais, ou seja, proposições em períodos ou parágrafos definidos como macroproposições. Tanto os períodos quanto os parágrafos estão divididos em cinco sequências prototípicas que podem fazer parte (total ou parcialmente) de alguns textos, ou ainda de um mesmo texto: narrativa, descritiva, explicativa, dialogal²⁶ e argumentativa. A sequência prototípica argumentativa compreende que os encadeamentos podem ser reinterpretados em termos argumentativos de relação argumento(s) > conclusão, dado(s) > conclusão ou ainda em termos de razões > conclusão:

Um discurso argumentativo visa intervir sobre atitudes ou comportamentos de um interlocutor ou de um auditório, tornando crível ou aceitável um enunciado (*conclusão*) apoiado, de acordo com diversas modalidades, em outro (*argumento/dado/razões*). Essas noções de *conclusão* de *dado* (ou ainda *premissas*) remetem uma à outra, pois um enunciado isolado não é, *a priori*, conclusão ou argumento-dado. Se um (apenas um ou vários) enunciado aparece como sendo anterior a uma conclusão, é *a posteriori* que se relaciona com esta última (ADAM, 2019, p. 146)²⁷.

²⁵ Grifos do autor.

²⁶ Na reedição de 2019 (p. 209) do texto *Les Textes: types e prototypes* (2017), a sequência dialogal é discutida a partir de algumas observações de outros pesquisadores do tema. A tendência da maioria é colocar o diálogo-conversa nitidamente à parte da lista de tipologia.

²⁷ Grifos do autor.

Com relação aos argumentos, interessa-nos para esta dissertação abordar as vozes discursivas, seja pela forma de testemunhos como critérios da verdade, seja pela forma de apresentação de fatos, seja por elementos como exemplos, ilustrações, dados estatísticos.

O argumento evidenciado por testemunho, ou ainda o argumento de autoridade, representa uma voz externa. Tanto no argumento de testemunho como no de autoridade, o leitor/auditório é levado a aceitar a validade da tese ou conclusão (C) cuja defesa é baseada em certos dados (D), e na credibilidade atribuída à palavra de alguém, considerando-se sua presença na argumentação um valioso elemento, desde que esse alguém seja confiável, autorizado ou represente uma figura de autoridade na área.

Tomemos como exemplo trechos do editorial publicado pelo Jornal Estado de São Paulo, do dia 1 de março de 2021: “A decepção com Bolsonaro”, cujo contexto representa as repercussões negativas no mercado financeiro brasileiro quando o presidente da República ao interferir no comando da Petrobrás, gerou impactos negativos na bolsa de valores, afetando investidores. O texto traz as falas, as palavras e as ideias de outros indivíduos em seu enunciado, com propósitos específicos na construção de sua argumentação. Interessa-nos as escolhas léxico-gramaticais por meio das quais as vozes são veiculadas, como será visto detalhadamente mais adiante.

Segundo o texto, muita gente confiou na disposição e na capacidade de o presidente da República promover uma profunda mudança liberal no Estado brasileiro, que também é aprofundada por Paulo Guedes, seu Ministro da Economia. Na sequência, o editorialista apresenta duas vozes externas para corroborar sua tese: os empresários Salim Mattar e Paulo Uebel, que integraram a equipe do ministério da economia.

“Quando candidato, Bolsonaro falava em privatização, e o ministro Guedes, que é liberal, defendia a tese da redução do tamanho do Estado. Me senti motivado a deixar meus negócios para contribuir com isso”, disse o empresário Salim Mattar ao Estado. De janeiro de 2019 até agosto de 2020, Salim Mattar foi o secretário especial de Desestatização e Privatização do Ministério da Economia.

Hoje, ao falar daquele sonho liberal, Salim Mattar não esconde sua decepção. “O ministro Guedes é resiliente, obstinado e determinado, mas não percebeu que foi vencido. Por exemplo, há quanto tempo a história da Eletrobrás está no Congresso e não consegue autorização?” Como se sabe, a resistência à venda da Eletrobrás não vem apenas do Legislativo. Até a edição da MP 1.031/21, Jair Bolsonaro tinha colocado mais condições do que defendido sua privatização (JORNAL ESTADO DE SÃO PAULO, 2021).

Ao trazer a fala de Salim ao texto, o autor se utiliza de uma ordem progressiva dados > inferência> conclusão, em outras palavras: Salim demonstrou confiança no governo garantido

por Paulo Guedes a ponto de fazer parte dele; entretanto, na sequência, aponta aos leitores que a confiança virara “sonho”, e retira, assim, de Paulo Guedes a responsabilidade por sua decepção, a quem ressalva por refutação (ADAM, 2019). O editorialista se vale de uma outra voz externa, a de conhecimento compartilhado por todos, para atribuir a responsabilidade ao presidente pelo fato de as reformas não avançarem.

Consequentemente apresenta novos dados relativos ao argumento de autoridade de um ex-integrante do governo, desta vez, numa ordem regressiva: conclusão > inferência > dados, ou seja, para Salim não existe otimismo porque o país põe o foco em assuntos/temas de menor importância (ADAM, 2019).

Por fim, o editorialista introduz duas vozes externas, cujas fontes estão na pesquisa realizada pela Confederação Nacional do Transporte em parceria com o Instituto MDA Pesquisa, citados no texto.

O abandono de qualquer imagem de governo reformista se dá num momento em que a aprovação de Jair Bolsonaro caiu para 44%, uma queda de oito pontos em quatro meses, de acordo com a pesquisa realizada pela Confederação Nacional do Transporte (CNT) em parceria com o Instituto MDA. No período, também diminuiu a avaliação positiva do governo (ótimo e bom) de 41% para 33%. Por diferentes motivos – a irresponsável atuação do governo federal na pandemia é apenas um deles –, mesmo os crédulos que confiaram nas promessas liberais e modernizantes de Bolsonaro começam a suspeitar, ora vejam, que foram enganados (JORNAL ESTADO DE SÃO PAULO, 2021).

Ao incorporar as vozes externas ao texto, o editorialista reforça a credibilidade do veículo que representa. O editorialista “lembra” ao leitor de que as “pistas” sempre estiveram presentes nas ações e discursos do presidente de República. As vozes dos ex-integrantes do ministério da economia trouxeram-lhe mais força ao argumento, pois trata-se de uma percepção interna, o que dificulta uma contra argumentação por parte do leitor que é levado a concordar com a voz de autoridade que o jornal exerce.

Em linhas gerais, apontamos as vozes discursivas que foram integradas ao enunciado. Apontaremos, na presente pesquisa, as relações lógico-semânticas de expansão ou projeção e as relações táticas de hipotaxe ou parataxe escolhidas para realizar essas vozes nos textos que compõem o *corpus*.

Passaremos, no próximo capítulo, às explicações da metodologia empregada nesta dissertação.

4 METODOLOGIA

Neste capítulo, serão apresentadas a constituição e a justificativa do *corpus*, faremos uma breve descrição da ocorrência de vozes externas, e, por fim, destacaremos os procedimentos de análise.

Tendo em vista os objetivos anteriormente definidos, esta dissertação caracteriza-se como uma pesquisa cujo desenvolvimento analítico baseia-se na abordagem de pesquisa quali-quantitativa ou, nos termos de Creswell (1994), na abordagem de métodos mistos, o que nos permitirá examinar e relacionar variáveis. Essas variáveis podem ser medidas utilizando instrumentos específicos, a fim de que os dados numéricos possam ser analisados por procedimentos estatísticos.

4.1 Corpus

O *corpus* da presente pesquisa é formado por dezesseis editoriais dos jornais O Globo (Rio de Janeiro), Folha de São Paulo (São Paulo), O Estado de São Paulo (São Paulo) e Valor Econômico (São Paulo) sobre as notificações de morte por covid-19 durante a pandemia iniciada em 18 de março de 2020, com as primeiras mortes, até o número 600.000 mortes em outubro de 2021.

O site Cidadania 23²⁸, de onde foram coletados os editoriais, pertence ao partido político CIDADANIA, partido sucessor do Partido Popular Socialista, com personalidade jurídica, sede e foro em Brasília (Distrito Federal), com registro no Tribunal Superior Eleitoral de número 23. O site preserva, em seu sítio, informações relativas às atividades parlamentares de deputados federais e senadores, assim como às suas agendas legislativas, previsões de pautas e comissões. No espaço destinado às notícias, mantém uma seção denominada “Veja as manchetes dos principais jornais de hoje”, na qual inclui editoriais dos jornais O Globo, Folha de São Paulo, Estado de São Paulo e Valor Econômico, publicados somente de segunda a sexta-feira.

²⁸ cidadania23.org.br

Esta pesquisa tem como propósito analisar as vozes externas inseridas em editoriais por entender que essas vozes contribuem para a construção da argumentação e da opinião nesse gênero. Com esse propósito, serão identificadas as estruturas do complexo oracional responsáveis pela veiculação dessas vozes.

Os editoriais selecionados estão circunscritos ao tema das ações do governo federal diante da pandemia de covid-19, na faixa temporal de março de 2020 a outubro de 2021, que estiveram na ordem do dia e eram de interesse político, social e de saúde pública de todo o país.

O objetivo desta pesquisa é identificar uma das formas — mais ou menos evidentes — de que a língua portuguesa dispõe para veicular vozes em textos de opinião por meio de escolhas léxico-gramaticais e semântico-discursivas. Uma abordagem por meio da Gramática Tradicional (GT) não nos permitiria aprofundar a pesquisa, daí a necessidade de apoiar nossa investigação em uma base teórica funcionalista que tenha como foco a língua em uso.

O presente trabalho, cujo aporte teórico é a Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), parte do método dedutivo de pesquisa bibliográfica de base mista (qualiquantitativa), apresentando, dessa forma, os dados interpretativos (abordagem qualitativa) e descritivos (abordagem quantitativa), o que possibilitará atingir o objetivo de identificar a polifonia encontrada nesses editoriais, a partir da análise do complexo oracional.

A Gramática Sistêmico-Funcional (GSF) será a ferramenta de análise empregada porque oferece categorias linguísticas e semânticas para a descrição e para a interpretação de textos a partir do contexto e, mais especificamente, dos eixos lógico-semânticos de projeção e expansão (e suas respectivas subdivisões) e dos eixos táticos de parataxe e hipotaxe. Vale lembrar que, de acordo com Halliday e Matthiessen (2014), o papel da gramática é descrever e explicar os recursos de criação de significados de uma dada língua oferecendo instrumental para a análise de textos.

4.2 Ocorrência de vozes externas

Uma das formas de construção da argumentação é a inclusão de vozes externas de autoridades ou de testemunhos no texto, por intermédio da combinação de orações, recorrendo ao eixo lógico-semântico e ao eixo tático. O primeiro eixo, de acordo a perspectiva

da LSF, divide-se em expansão (elaboração, extensão e intensificação de orações) e projeção (de locução ou de ideia) de orações. O segundo eixo está relacionado à interdependência entre as orações, parataxe, para as de igual estatuto; e hipotaxe, para os de diferente estatuto. Há de se considerar, também, como recurso de veiculação dessas vozes, o processo de encaixamento, em que uma oração funciona como constituinte de uma estrutura de um sintagma de uma oração, compondo eixo tático.

Em cada editorial, serão selecionados os trechos, nos quais a voz discursiva explícita está localizada. Com base em Halliday e Mathiessen (2014), entre outros autores de base sistêmico-funcional, será identificado o complexo oracional em que a voz discursiva incide. A delimitação do complexo oracional, segundo a LSF, difere do entendimento que a gramática tradicional mantém com relação à pontuação. Apesar de os aninhamentos oracionais estarem separados (na maior incidência) por um ponto final na GSF, Halliday (1994) defende que ocorre uma continuidade de ideias entre as cláusulas.

4.3 Procedimento de análise

Procedimentos de coleta e seleção dos textos:

1. a seleção dos editoriais (de 1 a 15) foi feita por meio do site cidadania23, na seção de artigos e subseção “Veja as manchetes e editoriais de hoje”, na qual dispõe as manchetes e editoriais dos jornais O Globo, Estado de São Paulo, Folha de São Paulo e Valor Econômico, publicados de segunda a sexta-feira;
2. a seleção do editorial de nº 16 foi feita na publicação física do jornal O Globo, de 9/10/21, domingo, que registrava o número de 600 mil mortes por covid-19;
3. foram selecionados os editoriais que registraram o quantitativo de mortes por covid-19, em ordem crescente da data de publicação; e
4. foram selecionados 4 editoriais de cada jornal.

Procedimentos de análise

A análise contém dezesseis editoriais e está organizada nas seguintes etapas:

- a. contextualização dos editoriais;

- b. identificação do complexo oracional responsável pela veiculação da voz externa em uma tabela, marcando em negrito a oração em que a voz explícita é veiculada;
- c. identificação na tabela da relação lógico-semântica construída no complexo oracional;
- d. identificação na tabela da relação tática constituída no complexo oracional;
- e. no caso da construção de encaixamento, será identificada na tabela se a oração “externa” está no eixo lógico-semântico da expansão ou da projeção;
- f. a nomenclatura adotada para as relações lógico-semânticas de expansão e projeção obedece aos seguintes critérios: para a expansão, será incluído um dos três tipos de relação semântica: elaboração, extensão ou intensificação; para a projeção, será indicado um dos tipos de projeção: de locução ou de ideia.
- g. a nomenclatura utilizada para a tradução dos termos da GSF encontra-se na *Lista de termos da LSF em português brasileiro: léxico-gramática* (2021), em anexo.
- h. serão indicados os casos em que ocorrer em orações não finitas, quer na projeção, quer na expansão.
- i. identificação, em tabela própria, do quantitativo e da tipologia de estruturas do complexo oracional responsáveis pela veiculação das vozes externas nos dezesseis editoriais analisados.
- j. considerando os casos em que o complexo oracional estiver embutido em um aninhamento, será assinalada em negrito a oração que marcar a voz externa e sua dominante ou inicial será grifada em itálico.

5 ANÁLISE DO CORPUS

A proposta deste capítulo é identificar os recursos — mais ou menos evidentes — de que a língua dispõe para veicular vozes externas, em textos de opinião, por meio de escolhas léxico-gramaticais e semântico-discursivas realizadas no âmbito do complexo oracional, relacionando a incidência de vozes ao propósito comunicativo do gênero editorial.

Serão apresentadas as evidências linguísticas de vozes do discurso a partir do complexo oracional, por meio das relações lógico-semânticas de projeção (de ideias e de locução) e de expansão dos complexos oracionais (elaboração, extensão e intensificação), e do eixo tático.

5.1 Editorial 1

O editorial 1, publicado na *Folha de São Paulo*, em 19/3/20, retrata a temática das primeiras ações tomadas pelo governo federal quando foram registradas as primeiras mortes por covid-19 no país. Reproduz-se, a seguir, o primeiro editorial:

Calamidade

Que ao menos ações do governo sejam mais coerentes que afirmações do presidente

Enquanto o Brasil registra as primeiras mortes provocadas pela covid-19, o governo Jair Bolsonaro toma, em meio a um discurso errático, suas primeiras medidas mais drásticas — entre as quais se destaca, pela carga simbólica, o pedido ao Congresso de reconhecimento do estado de calamidade pública.

Em termos práticos, abre-se o caminho para a elevação de gastos públicos destinados a combater a doença e seus efeitos econômicos. Nesta quarta (18), anunciou-se um desembolso de R\$ 15 bilhões em três meses para o amparo de trabalhadores informais.

A providência vai ao encontro do que defendeu esta Folha, mas ainda carece de detalhamento.

Espera-se que ao menos as ações do governo se mostrem mais tempestivas e coerentes que as declarações do chefe de Estado. Em confusa entrevista coletiva, cercado de ministros, Bolsonaro mostrou mais preocupação em repetir bravatas do que em aprender o uso correto da máscara de proteção.

Além de apontar a calamidade pública, o Executivo publicou portaria estabelecendo punições a quem descumprir ordens médicas e determinando o uso de força policial para encaminhar pacientes desobedientes.

Todas as unidades da Federação estão suspendendo as aulas nas escolas das redes pública e privada e limitando as atividades nas repartições. O estado do Rio proibiu a entrada e a saída de ônibus na região metropolitana, além de reduzir a lotação dos coletivos.

Em São Paulo, cidade mais atingida, o prefeito Bruno Covas (PSDB) decretou situação de emergência e determinou o fechamento de comércios e aparelhos culturais.

Nada disso constitui exagero, ainda que as mortes contadas até aqui representem parcela pequena das infecções causadas pelo vírus Sars-Cov-2. Hoje, a letalidade da doença é estimada em 3,6%, com uma distribuição bastante desigual entre as faixas etárias.

O maior risco decorrente da epidemia, do ponto de vista da saúde pública, é o contágio maciço da população num curto espaço de tempo, e, por conseguinte, a sobrecarga dos serviços de atendimento.

Pelos dados até aqui coletados, cerca de 15% das pessoas contaminadas terminam por desenvolver quadros graves, que podem acarretar a necessidade de cuidados hospitalares, e 5% atingirão estado crítico, necessitando de suporte ventilatório em leitos de UTI.

Como se trata de uma doença que se alastra velozmente, a demora para agir pode levar a um colapso do sistema de saúde, como tem sido visto na Itália e no Irã.

O efeito colateral das medidas de isolamento e quarentena é a queda brutal, ainda que temporária, da atividade econômica, com efeitos dramáticos sobre a renda dos mais vulneráveis. Esta calamidade pode ser apenas atenuada, a um custo fiscal grande, porém inescapável.

Fonte: <https://cidadania23.org.br/2020/03/19/veja-as-manchetes-e-editoriais-dos-principais-jornais-hoje-19-03-2020/>

Em seguida, no quadro 23, apresentaremos os complexos oracionais com a identificação em negrito das respectivas relações que duas orações podem realizar: relações lógico-semânticas, interdependência ou encaixamento.

Quadro 24 — Seleção do complexo oracional do Editorial 1.

Complexo oracional	Eixo lógico-semântico	Eixo táctico	Encaixamento
(1) Enquanto o Brasil registra as primeiras mortes provocadas pela covid-19, o governo Jair Bolsonaro toma, em meio a um discurso errático, suas primeiras medidas mais drásticas — entre as quais se destaca, pela carga simbólica, o pedido ao Congresso de reconhecimento do estado de calamidade pública.	Expansão por elaboração	Hipotaxe	
(2) A providência vai ao encontro do que defendeu esta Folha , mas ainda carece de detalhamento.	Expansão por extensão		Encaixamento
(3) Além de apontar a calamidade pública, o Executivo publicou portaria estabelecendo punições a quem descumprir ordens médicas e determinando o uso de força policial para encaminhar pacientes desobedientes.	Projeção de locução não finita	Hipotaxe	

Fonte: O autor, 2022.

5.1.1 Análise das ocorrências

O editorialista inicia o texto apresentando-nos duas situações que ocorrem de forma simultânea e proporcional, isto é, enquanto registram-se as primeiras mortes provocadas pela covid-19 no país, o governo toma medidas mais radicais, que são incorporadas pelo editorialista por meio de uma voz externa realizada por uma expansão de elaboração hipotática em (1).

(1) Enquanto o Brasil registra as primeiras mortes provocadas pela covid-19, o governo Jair Bolsonaro toma, em meio a um discurso errático, suas primeiras medidas mais drásticas — entre **as quais se destaca, pela carga simbólica, o pedido ao Congresso de reconhecimento do estado de calamidade pública.**

Ao avaliar as primeiras medidas mais drásticas de combate à epidemia tomadas pelo governo, o editorialista destaca o amparo monetário aos trabalhadores informais como uma das medidas positivas. Tal atitude foi defendida pelo próprio veículo jornalístico como forma de se mostrar como veículo transparente, mencionando a própria voz do veículo jornalístico

(2) como fonte (confiável) que defendia antecipadamente os anseios de trabalhadores informais.

A voz externa, realizada por meio de uma expansão por encaixamento, surge recorrendo a um processo de referenciação em que o termo “providência” retoma o que foi dito no parágrafo anterior e a “voz” da *Folha* fica subtendida para os leitores que acompanham as reportagens e/ou editorias do jornal diariamente.

(2) A providência vai ao encontro **do que defendeu esta Folha**, mas ainda carece de detalhamento (FOLHA DE SÃO PAULO, 2021).

Ao discutir o tema do editorial, o autor introduz como voz polifônica (3), por intermédio de uma projeção de locução hipotática não finita, que contém o conteúdo da portaria publicada e, em contraponto, ele apresenta ao leitor ações mais rígidas empregadas por alguns governadores e prefeitos.

(3) Além de apontar a calamidade pública, o Executivo publicou portaria **estabelecendo punições a quem descumprir ordens médicas e determinando o uso de força policial para encaminhar pacientes desobedientes** (FOLHA DE SÃO PAULO, 2021).

As inserções de vozes externas ao texto permitiram ao editorialista incluir as primeiras estratégias adotadas pelo governo, valorizar o próprio veículo de comunicação como uma instituição confiável, incorporada em seu argumento fazendo uso de uma expansão por encaixamento. Para demonstrar sua desaprovação em relação às medidas alardeadas no início da pandemia que ficariam restritas ao discurso do presidente, o autor reporta em seu argumento a linha de ação mais forte para combate ao vírus, que foi introduzida por intermédio de uma projeção de locução hipotática não finita.

5.2 Editorial 2

O editorial 2 discute o pronunciamento oficial do presidente da República em 24/3/20, ano em que o país começou a enfrentar os primeiros sinais reais da epidemia de covid-19 que assolava, até então, com maior intensidade os países da Ásia, Europa e América do Norte. Com a divulgação das primeiras vítimas brasileiras e com os estados e municípios iniciando ações de combate e de restrições contra a disseminação do vírus, esperava-se que o governo federal cumprisse com o seu papel de liderança de ações conjuntas para os três níveis de governo e que a autoridade máxima do país unificasse o discurso com as primeiras diretrizes estabelecidas pelo Ministério da Saúde. Após a fala oficial do presidente da República, em

rede nacional, *O Globo* publicou em 25/3/20, o editorial “Bolsonaro minimiza epidemia e põe Brasil em risco”. Reproduz-se, a seguir, o segundo editorial:

Bolsonaro minimiza epidemia e põe Brasil em risco

O erro de desconsiderar a pandemia leva presidente a ficar na contramão da Ciência e do país

O estilo errático do presidente provoca idas e vindas em ações que precisam ser urgentes, devido ao tamanho de uma crise que já paralisa a economia. É exemplar a edição da MP dos contratos de trabalho, que desconhecia a existência dos empregados, devidamente revogada. Sequer deveria ter sido assinada. Ida e vinda desnecessárias.

Outro temerário costume do presidente — o de fazer política pelo enfrentamento, política de combate — é muito prejudicial à população e a ele mesmo. Espera-se que tenha ouvido o barulho dos painéis, *replay* dos ocorridos em 2016 na fase de agravamento da crise cujo desfecho foi a aprovação do impeachment de Dilma pelo Congresso. Inclusive o de ontem à noite, enquanto, em rede nacional, voltava a defender a delirante tese de que a covid-19 só é perigosa para idosos, sendo inofensiva para o resto da população.

Mas não basta ter conhecimento das manifestações. É necessário também entendê-las como sintoma da rejeição majoritária na população a um presidente que chegou a negar a existência da pandemia, considerando-a uma “gripezinha” — termo que voltou a usar ontem —, em desrespeito aos já infectados e a toda a população, temerosa diante do noticiário do que acontecia no mundo. Inclusive aos mortos pela doença, cujo número começa a aumentar. O medo era e é justificável. A taxa de crescimento dos casos no Brasil acelera, repetindo o padrão mundial que levou a situações críticas, por exemplo, a Itália, país desenvolvido. E o dono da maior economia do mundo, os Estados Unidos, que começam a ser considerados a nova China na pandemia mundial. Símbolo da gravidade a que pode chegar à situação é o fato de Nova York ser uma das cidades mais atingidas.

O modelo de presidente de Bolsonaro, Trump, caiu na mesma esparrela e teve de bater em retirada desorganizada, como costuma fazer, preocupado com os estragos da demora em agir em seu projeto de reeleição. Mas ensaia voltar à posição anterior.

O pronunciamento de Bolsonaro indica que ele deixou de ouvir o ministro da Saúde, Luiz Henrique Mandetta. O ministro tem conduzido com eficiência um programa de enfrentamento da epidemia, o que lhe tem rendido índices de aprovação e apoio acima da baixa popularidade de Bolsonaro. Isso pode ser fatal para o ministro, num ambiente politicamente tóxico.

Não importa o bem-estar dos brasileiros, a maior parte deles de baixa renda, com uma parcela significativa residindo em favelas ou comunidades, vulneráveis ao coronavírus, dependentes da ação de um governo cujo presidente insiste em minimizar a crise, porque foi convencido de que pior do que a doença é a recessão causada pela quarentena e pelo isolamento social. Prefere culpar a imprensa profissional.

É a mesma pressão que está sendo feita sobre Trump, a despeito dos alertas de autoridades médicas americanas, como aqui. Esquecem que o dano causado aos países será maior e se alongará, caso as medidas de prevenção não sejam tomadas. Bolsonaro faz a escolha errada e ameaça os brasileiros.

Em seguida, no quadro 24, apresentaremos os complexos oracionais com a identificação em negrito das respectivas relações que duas orações podem realizar: relações lógico-semânticas, interdependência ou encaixamento.

Quadro 25 — Seleção do complexo oracional do Editorial 2

Complexo oracional	Eixo lógico-semântico	Eixo tático	Encaixamento
(4) É exemplar a edição da MP dos contratos de trabalho, que desconhecia a existência dos empregados , devidamente revogada. Sequer deveria ter sido assinada. Ida e vinda desnecessárias.	Expansão por elaboração	Hipotaxe	
(5) Espera-se que tenha ouvido o barulho dos painéis, replay dos ocorridos em 2016 na fase de agravamento da crise cujo desfecho foi a aprovação do impeachment de Dilma pelo Congresso. Inclusive o de ontem à noite, enquanto, em rede nacional, voltava a defender a delirante tese de que a covid-19 só é perigosa para idosos, sendo inofensiva para o resto da população .	Projeção de locução		Encaixamento
(6) É necessário também entendê-las como sintoma da rejeição majoritária na população a um presidente que chegou a negar a existência da pandemia , considerando-a uma “gripezinha” — termo que voltou a usar ontem —, em desrespeito aos já infectados e a toda a população, temerosa diante do noticiário do que acontecia no mundo.	Expansão por Elaboração		Encaixamento
(7) Não importa o bem-estar dos brasileiros, a maior parte deles de baixa renda, com uma parcela significativa residindo em favelas ou comunidades, vulneráveis ao coronavírus, dependentes da ação de um governo cujo presidente insiste em minimizar a crise , porque foi convencido de que pior do que a doença é a recessão causada pela quarentena e pelo isolamento social.	Expansão por Elaboração		Encaixamento

5.2.1 Análise das ocorrências editorial 2

Partindo-se do título do editorial 2, “Bolsonaro minimiza epidemia e põe Brasil em risco”, seguido pela frase de abertura do texto, o *lead*, o leitor recupera ou toma conhecimento parcial sobre o assunto que será tratado no texto.

Os editoriais, como gênero textual que expõe características de textos persuasivos/exortativos, seguem etapas mais ou menos fixas pelas quais reconhecemos esse gênero. Soares (2016) se baseia no modelo de Longacre (1992) para estabelecer as denominações dos quatro movimentos esquemáticos, são eles: o estabelecimento da autoridade e credibilidade para o produtor do texto; apresentação da situação e do problema que será discutido; apresentação de comandos que podem estar dissimulados em sugestões; e proposição de resultados desejáveis ou não.

No primeiro parágrafo, momento do estabelecimento de autoridade e credibilidade para o produtor do texto, o autor opina sobre o estilo do presidente de tomar ações e, em seguida, modificá-las ou anulá-las e exemplifica com a edição de uma Medida Provisória (MP) que fora publicada e depois logo revogada. Ao mencionar a MP, o editorialista incorpora ao texto uma voz externa em (4), por meio de uma expansão por elaboração hipotática do tipo exposição, ou seja, menciona algo que constava do texto revogado.

(4) É exemplar a edição da MP dos contratos de trabalho, **que desconhecia a existência dos empregados**, devidamente revogada. Sequer deveria ter sido assinada. Ida e vinda desnecessárias.

Um assunto de grande repercussão foi o pronunciamento do presidente da República, que corresponde ao movimento descrito por Soares (2016) como o de “apresentação da situação e do problema que será discutido”. Ainda segundo de Soares, o editorialista gera na memória do leitor um dos motivos das manifestações contra Bolsonaro mediante a retomada de seu próprio discurso para evidenciar que suas atitudes têm sido alvo de críticas. A retomada de seu discurso ocorre em (5) por meio de uma projeção de locução por encaixamento.

(5) Espera-se que tenha ouvido o barulho dos pannels, replay dos ocorridos em 2016 na fase de agravamento da crise cujo desfecho foi a aprovação do impeachment de Dilma pelo Congresso. Inclusive o de ontem à noite, enquanto, em rede nacional, voltava a defender a delirante tese **de que a covid-19 só é perigosa para idosos, sendo inofensiva para o resto da população** (O GLOBO, 2020).

É importante salientar que conjunção “enquanto”, presente em (5), determina a duração das ações (A durante B), quer dizer, espera-se que o presidente tenha ouvido o barulho dos painéis durante a transmissão de seu pronunciamento em rede nacional. Nesse pronunciamento, em um dado momento, o presidente defendeu uma tese e o editorialista aproveitou para incluir sua avaliação sobre ela, classificada como “delirante”, porém, o termo “tese” está, por si só, incompleto, daí a necessidade de encaixamento de um pós-modificador para retomar a fala do presidente.

No terceiro parágrafo, o autor incorpora em seu argumento o motivo da rejeição, introduzindo outra voz externa, desta vez fazendo uso de uma expansão por elaboração e encaixamento do tipo descrição, em (6). O fato de o presidente da República ter negado a existência de uma pandemia, enquanto a comunidade científica do mundo inteiro diz o contrário, gerou alguma reação por parte da população.

(6) É necessário também entendê-las como sintoma da rejeição majoritária na população a um presidente **que chegou a negar a existência da pandemia**, considerando-a uma “gripezinha” — termo que voltou a usar ontem —, em desrespeito aos já infectados e a toda a população, temerosa diante do noticiário do que acontecia no mundo (O GLOBO, 2020).

O editorialista introduziu a voz externa em seu argumento, refletida em (7) por uma expansão por elaboração por encaixamento do tipo descrição. Convém observarmos a escolha do editorialista pelo processo “insistir”, evidenciando crítica à postura recorrente do presidente de minimizar as consequências da pandemia.

(7) Não importa o bem-estar dos brasileiros, a maior parte deles de baixa renda, com uma parcela significativa residindo em favelas ou comunidades, vulneráveis ao coronavírus, dependentes da ação de um governo **cujo presidente insiste em minimizar a crise**, porque foi convencido de que pior do que a doença é a recessão causada pela quarentena e pelo isolamento social (O GLOBO, 2020).

O editorialista utilizou-se de uma projeção de locução por encaixamento para introduzir voz externa em seu texto, o que possibilitou ao autor retomar defesa que o presidente fez sobre quais grupos seriam mais propensos a contrair o vírus, o que demonstra ao leitor um dos motivos de sua popularidade despencar.

A oração expandida por elaboração propiciou ao autor incluir uma voz externa sobre o que constava da MP revogada pelo próprio presidente. As duas orações expandidas por elaboração por encaixamento propiciaram ao editorialista descrever o presidente e seu governo.

5.3 Editorial 3

O editorial 3 foi publicado no *Estadão*, em 30/3/20, e apresenta o tema da reunião do G-20, grupo formado por ministros de finanças e chefes dos bancos centrais de 19 nações, na qual também discursam líderes de países. Reproduz-se, a seguir, o terceiro editorial:

Quem tem juízo e quem não tem

Para Bolsonaro, não importa preservar a economia ou as vidas dos cidadãos; a única coisa que interessa é salvar seu governo e, principalmente, sua imagem

Os líderes do G-20, grupo das principais economias do mundo, anunciaram uma injeção da ordem de US\$ 5 trilhões na economia global para enfrentar os impactos da pandemia de covid-19. “O G-20 se compromete a fazer o que for necessário para superar a pandemia”, informou o grupo em nota oficial. No comunicado, o G-20 se diz “determinado a não poupar esforços, individual e coletivamente, para proteger vidas; salvaguardar empregos e a renda das pessoas; restaurar a confiança, preservar a estabilidade financeira, estimular a recuperação e o crescimento econômico; impedir a interrupção do comércio e da cadeia global de suprimentos; ajudar todos os países carentes de assistência; coordenar ações nas áreas financeira e de saúde pública; e combater a pandemia”.

Na reunião, feita por teleconferência, todos os líderes do G-20 tiveram alguns minutos para comentários. O presidente Jair Bolsonaro usou seu tempo para defender medidas para estimular a economia e destacar os supostos progressos no desenvolvimento de uma droga à base de hidroxiquina para conter o novo coronavírus – cujas pesquisas, a despeito do otimismo de Bolsonaro, estão ainda longe de ser conclusivas.

Deve ter ficado claro para os demais chefes de governo do G-20 que não podem contar com o colega brasileiro, perdido em seus devaneios sobre uma cura milagrosa que viria a tempo de salvar milhares de vidas e, o que lhe parece mais importante, evitar o colapso econômico do Brasil – pois, segundo suas próprias palavras, “se afundar a economia, acaba com meu governo”.

Assim, para Bolsonaro, não importa nem preservar a economia nem as vidas dos cidadãos; a única coisa que interessa é salvar seu governo e, principalmente, sua imagem, com vista à próxima eleição. Por isso, insurge-se contra todos aqueles que – governadores à frente, mas também seu ministro da Saúde – propõem ou ministram remédios amargos, mas imprescindíveis, para conter a epidemia.

Como mostrou o G-20 ao se propor a gastar US\$ 5 trilhões (mais que o dobro do PIB brasileiro) contra a pandemia, o que o mundo está enfrentando não se cura com licor de cacau Xavier. Graças à liderança caótica e hesitante de Bolsonaro, a equipe econômica até agora apresentou medidas tímidas que representam menos de 4% do PIB, segundo cálculo da Fundação Getúlio Vargas, enquanto os Estados Unidos poderão despender até 11% do PIB e o Reino Unido, 17%, para ficar apenas em países governados por políticos que Bolsonaro admira. O Reino Unido vai bancar até 80% da renda dos trabalhadores cujos salários forem suspensos, dentro de um limite de 2.500 libras mensais, bem acima do salário mínimo de

1.300 libras. Já Bolsonaro dará um “voucher” de R\$ 600 (60% do salário mínimo) para trabalhadores informais — lembrando que, inicialmente, o presidente havia proposto R\$ 200, e só bancou um valor maior depois que o Congresso propôs R\$ 500.

Para Bolsonaro, contudo, tudo vai se resolver se as medidas de isolamento social forem imediatamente suspensas. Tornou a atacar os governadores, dizendo que estes terão de arcar com encargos trabalhistas de quem for obrigado a fechar seu estabelecimento comercial. Para ampliar a pressão, seu governo, contrariando diretrizes do próprio Ministério da Saúde e o apelo de todas as principais entidades médicas do País, lançou nas redes sociais uma demagógica campanha intitulada “O Brasil não pode parar”, que minimiza a epidemia e defende “voltar à normalidade”. Com isso, irresponsavelmente, estimula os brasileiros a desobedecerem à determinação de governos estaduais para manter o isolamento social, única forma de impedir que a epidemia cause o colapso do sistema de saúde — que, se ocorrer, ampliará de modo exponencial o número de mortos e, conseqüentemente, o desastre econômico, pois mortos não trabalham.

Mas Bolsonaro não está nem um pouco preocupado. “Eu acho que não vai chegar a esse ponto”, disse o presidente. “Até porque o brasileiro tem que ser estudado. Ele não pega nada. Você vê o cara pulando em esgoto ali. Ele sai, mergulha e não acontece nada com ele.” Caramba!

Fonte: <https://cidadania23.org.br/2020/03/30/veja-as-manchetes-e-editoriais-dos-principais-jornais-hoje-30-03-2020/>

O quadro 25, apresenta os complexos oracionais com a identificação em negrito das respectivas relações que duas orações podem realizar: relações lógico-semânticas, interdependência ou encaixamento.

Quadro 26 — Seleção do complexo oracional do Editorial 3

Complexo oracional	Eixo lógico-semântico	Eixo tático	Encaixamento
(8) “O G-20 se compromete a fazer o que for necessário para superar a pandemia” , informou o grupo em nota oficial.	Projeção de locução	Parataxe	
(9) No comunicado, o G-20 se diz “determinado a não poupar esforços, individual e coletivamente, para proteger vidas; salvaguardar empregos e a renda das pessoas; restaurar a confiança, preservar a estabilidade financeira, estimular a recuperação e o crescimento econômico; impedir a interrupção do comércio e da cadeia global de suprimentos; ajudar todos os países carentes	Projeção de locução	Hipotaxe	

de assistência; coordenar ações nas áreas financeira e de saúde pública; e combater a pandemia”.			
(10) O presidente Jair Bolsonaro usou seu tempo para defender medidas para estimular a economia e destacar os supostos progressos no desenvolvimento de uma droga à base de hidroxicloroquina para conter o novo coronavírus.	Expansão por intensificação do tipo causa propósito	Hipotaxe	
(11) Tornou a atacar os governadores, dizendo que estes terão de arcar com encargos trabalhistas de quem for obrigado a fechar seu estabelecimento comercial.	Projeção de locução	Hipotaxe	
(12) “ Eu acho que não vai chegar a esse ponto ”, disse o presidente.	Projeção de locução	Parataxe	
(13) “ Até porque o brasileiro tem que ser estudado. Ele não pega nada. Você vê o cara pulando em esgoto ali. Ele sai, mergulha e não acontece nada com ele. ” [disse o presidente]	Projeção de locução	Parataxe	

Fonte: O autor, 2022.

5.3.1 Análise das ocorrências no editorial 3

Por meio do título “Quem tem juízo e quem não tem”, o editorialista deixa clara sua avaliação ao se referir a quem teria juízo, os líderes do G-20, e quem não: Bolsonaro. Considerando a reunião do G-20 ocorrida em 26 de março de 2020 como tema de fundo para exhibir as diferenças entre os líderes, o editorialista faz uso de projeções de vozes externas de afirmação (8) e comunicado (9) do Grupo. Assim, não há como o leitor não comparar a seriedade com a qual o assunto da covid-19 é tratado no mundo e como esse assunto tem sido conduzido no Brasil.

(8) “**O G-20 se compromete a fazer o que for necessário para superar a pandemia**”, informou o grupo em nota oficial.

(9) No comunicado, o G-20 se diz **“determinado a não poupar esforços, individual e coletivamente, para proteger vidas; salvaguardar empregos e a renda das pessoas; restaurar a confiança, preservar a estabilidade financeira, estimular a recuperação e o crescimento econômico; impedir a interrupção do comércio e da cadeia global de suprimentos; ajudar todos os países carentes de assistência; coordenar ações nas áreas financeira e de saúde pública; e combater a pandemia”** (ESTADÃO, 2020).

Ao abordar a participação do governo brasileiro, o autor faz uso de um aninhamento em que destacamos a presença de vozes externas realizadas por expansão por intensificação do tipo causa propósito, em (10), em que somos apresentados ao pensamento defendido pelo presidente e ao incentivo do uso de uma droga para conter o novo coronavírus. No trecho, contudo, o editorialista deixa clara a sua crítica às medidas de Bolsonaro mediante o emprego do termo “supostos” ao se referir aos progressos de um medicamento à base de cloroquina.

Cabe ainda evidenciar que a conjunção “para” no aninhamento estabelece o sentido de causa: propósito, em outras palavras, em razão da intenção de Q então a ação P, quer dizer, a ciência do fato de o presidente ter reservado alguns minutos para tecer comentários na reunião por teleconferência, então, ele usou o tempo para um propósito. O que importa para nós é que nesse “propósito” ele enunciou a defesa de medidas para estimular a economia e destacou o uso de uma droga. O propósito argumentativo é que o leitor perceba a diferença entre o que os demais líderes disseram sobre o enfrentamento da pandemia, que está introduzido no discurso no primeiro parágrafo do texto e a fala do presidente.

(10) O presidente Jair Bolsonaro usou seu tempo **para defender medidas para estimular a economia e destacar os supostos progressos no desenvolvimento de uma droga à base de hidroxicloroquina para conter o novo coronavírus** (ESTADÃO, 2020).

A fim de aumentar ainda mais as diferenças entre os líderes, o editorialista revela as intenções do governo em não ajudar estados e municípios que estivessem atuando “contra a pandemia” em sua avaliação em (11), realizada por intermédio de uma projeção de locução hipotática.

(11) [Bolsonaro] Tornou a atacar os governadores, dizendo **que estes terão de arcar com encargos trabalhistas de quem for obrigado a fechar seu estabelecimento comercial** (ESTADÃO, 2020).

É importante observar a construção argumentativa do editorialista no trecho que antecede (11). Na opinião do editorialista, fica claro que Bolsonaro quer impor a sua vontade e suspender as medidas de isolamento social. A forma que o autor escolheu levar o leitor a considerar sua argumentação, além de inserir uma voz externa ao seu argumento, é fazer uso

do grupo verbal “tornou a atacar”. Nesse processo temos em “tornou” o valor pressuposto de que Bolsonaro já agiu dessa forma antes, somado à escolha do processo “atacar”, cuja carga semântica para o ator (Bolsonaro) é condizente com a postura agressiva do presidente.

Do ponto de vista semântico, em (11) o escritor faz uso de uma projeção do conteúdo de uma afirmação dirigida aos governadores e os prefeitos sobre quem seria o responsável por pagar os encargos trabalhistas dos estabelecimentos por eles fechados. Ao incluir esta voz externa, o editorialista comprova a conduta autoritária do presidente.

Ao analisarmos um texto, “apresentamos a organização funcional de sua estrutura; e mostramos quais escolhas significativas foram feitas, cada uma vista no contexto do que poderia ter sido considerado, mas não foi”, assim, a simples opção por processos como “dizer”, “censurar”, “desaprovar”, por exemplo, no lugar de “atacar” alteraria a intenção do produtor do texto (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p.24).

Para finalizar e demonstrar o nível de distanciamento entre os líderes mundiais e o líder brasileiro, o autor projeta duas vozes do presidente, (12) e (13), recheadas de crenças pessoais a respeito do futuro da pandemia no país, o que reforça a análise negativa que se faz do presidente no editorial.

(12) **“Eu acho que não vai chegar a esse ponto”**, disse o presidente (ESTADÃO, 2020).

A argumentação que analisaremos em (12) é uma demonstração de contrariedade de uma linha de raciocínio nitidamente concebida pelo editorialista ao final do parágrafo anterior: a única forma de impedir que a pandemia crie um colapso no sistema de saúde é adotar o isolamento social, o que levará a um desastre econômico. Na sequência, o próximo parágrafo inicia-se com o operador argumentativo “mas”, indicando ao leitor que haverá mudança na linha argumentativa e a própria voz do presidente é incluída no texto. Estamos diante de uma oração construída por meio de um processo mental cognitivo (achar) em que o fenômeno é sua crença de que não chegaremos àquela situação de colapso. Em seguida, somos expostos à justificativa do presidente a sua tese em (12).

(13) **“Até porque o brasileiro tem que ser estudado. Ele não pega nada. Você vê o cara pulando em esgoto ali. Ele sai, mergulha e não acontece nada com ele [disse o presidente] (ESTADÃO, 2020)**

O trecho final do editorial (final do penúltimo parágrafo e o último) fornece ao leitor impressões do editorialista sobre como a pandemia está sendo conduzida pelo governo, levando o leitor a interpretar o título do texto e definir, no contexto em que vivemos, “quem tem juízo e quem não tem”.

O editorialista utilizou projeções para incorporar vozes externas em seu argumento. As duas primeiras projeções de locução paratáticas possibilitaram ao autor comprovar por citação como agem os líderes do G-20 com relação ao combate à pandemia, contrastando com o brasileiro. No final do texto, são corroboradas as falas do presidente sobre o seu parecer, muito pessoal e sem base científica, em relação à pandemia e sobre como ele qualifica o seu povo. Já a projeção de locução hipotática embutida ao texto demonstrou a face bélica do presidente.

A expansão de oração por meio de intensificação do tipo causa propósito facilitou ao autor incluir vozes externas sobre a defesa e o destaque que o presidente tem feito em seu combate à pandemia.

5.4 Editorial 4

O editorial 4 foi publicado no jornal *O Estado de São Paulo*, em 12/5/20, e, além de informar sobre a marca de mais de dez mil mortes, expõe a dificuldade de enfrentamento da crise sanitária no país pelo fato de o presidente da República não só atrapalhar como não unificar esforços entre os entes da federação. Reproduz-se, a seguir, o quarto editorial:

Brincando de ser presidente

O enfrentamento da crise é quase impossível quando se tem um presidente absolutamente incapaz de ver o mundo além do próprio umbigo

O Brasil decente e solidário está de luto. O Congresso e o Supremo Tribunal Federal decretaram no sábado passado luto oficial de três dias, depois que o Brasil superou a triste marca de 10 mil mortos pela covid-19. O governador de São Paulo, João Doria, já havia feito o mesmo na quinta-feira, dia 7, e o luto paulista será mantido até o fim da pandemia. Como lembrou o Supremo, em nota oficial, “precisamos, mais do que nunca, unir esforços, em solidariedade e fraternidade, em prol da preservação da vida e da saúde”. E a mensagem da Corte arrematou: “A saída para esta crise está na união, no diálogo e na ação coordenada, amparada na ciência, entre os Poderes, as instituições, públicas e privadas, e todas as esferas da Federação deste vasto país”.

No mesmo dia em que as principais autoridades do Judiciário e do Legislativo manifestavam pesar pelos milhares de concidadãos mortos e rogavam aos brasileiros que se unissem na luta contra a pandemia, circularam pelas redes sociais imagens do presidente Jair Bolsonaro a passear de moto aquática pelo Lago Paranoá, em Brasília, divertindo-se à beça. A este senhor, que brinca de ser presidente, não basta incitar seus camisas pardas vestidos de verde e amarelo a desafiar as instituições republicanas e a intimidar jornalistas; é preciso tripudiar

sobre o sofrimento dos milhares de brasileiros que morreram e dos milhões que ora se encontram em quarentena, abrindo mão de sua vida social e enfrentando as agruras do desemprego e da redução de renda.

E mais: enquanto os governadores e prefeitos lutam para convencer seus governados a ficar em casa, única forma de retardar o colapso do sistema público de saúde — que já se verificou em diversos Estados —, o presidente avisa que vai ampliar, por decreto, o número de atividades consideradas essenciais e, portanto, livres de restrições durante a pandemia. “Vou abrir, já que eles (governadores) não querem abrir, a gente vai abrindo aí”, declarou Bolsonaro, como se a quarentena fosse uma escolha, e não um imperativo. Respeitados especialistas dizem, aliás, que o ideal seria impor desde já o chamado “lockdown”, isto é, a radicalização do isolamento social — o exato oposto do que Bolsonaro defende.

Compreende-se a dificuldade de fazer com que os cidadãos aceitem o isolamento social, o que inclui pôr em risco a própria sobrevivência e a da família em muitos casos. A situação fica ainda mais dramática à medida que a quarentena se estende no tempo. Portanto, é razoável esperar uma progressiva queda na adesão ao esforço coletivo para reduzir o contágio, mas está claro que essa queda tende a se acentuar quando a mensagem das autoridades a respeito da pandemia é confusa e fragmentada.

Se o presidente usa sua destacada posição de principal dirigente da República para, além de debochar dos mortos e dos que estão sofrendo, incitar os cidadãos a ignorar a quarentena imposta por governadores e prefeitos como se fosse desnecessária, não surpreende que muitos o façam. Em vez de inspirar os cidadãos a aceitar a responsabilidade de cada um no enfrentamento da pandemia, o presidente estimula o fracionamento da autoridade — o que, no limite, leva à desobediência e ao caos. Para complicar, o Ministério Público ainda colabora para minar a credibilidade dos governos estaduais e das prefeituras ao criar caso com compras emergenciais de equipamentos médicos, ignorando que, neste momento, eventuais irregularidades, previsíveis numa operação dessa magnitude, são o menor dos problemas diante da urgência urgentíssima.

O enfrentamento desta crise, que caminha para ser a maior da história do Brasil, depende, fundamentalmente, de harmonia entre as diversas autoridades, em todas as esferas, resguardadas as prerrogativas de cada uma, conforme o espírito da Federação. E depende de articulação dedicada entre o presidente, seus ministros, os governadores e os prefeitos, além do Congresso, do Judiciário e do Ministério Público. Obviamente não é fácil, como ficou claro na maior parte dos países do mundo, às voltas com atropelos no combate à covid-19. Mas é muitíssimo mais difícil, quase impossível, quando se tem um presidente que, tal como um adolescente birrento e mandão, é absolutamente incapaz de ver o mundo além do próprio umbigo

Fonte: <https://cidadania23.org.br/2020/05/12/veja-as-manchetes-e-editoriais-dos-principais-jornais-hoje-12-05-2020/>

No quando 26, destacamos os complexos oracionais com a identificação em negrito das respectivas relações que duas orações podem realizar: relações lógico-semânticas, interdependência ou encaixamento.

Quadro 27 — Seleção do complexo oracional do Editorial 4

Complexo oracional	Eixo lógico-semântico	Eixo tático	Encaixamento
(14) Como lembrou o Supremo, em nota oficial, “precisamos, mais do que nunca, unir esforços, em solidariedade e fraternidade, em prol da preservação da vida e da saúde” .	Projeção de ideia	Parataxe	
(15) E a mensagem da Corte arrematou: “A saída para esta crise está na união, no diálogo e na ação coordenada, amparada na ciência, entre os Poderes, as instituições, públicas e privadas, e todas as esferas da Federação deste vasto país” .	Projeção de locução	Parataxe	
(16) No mesmo dia em que as principais autoridades do Judiciário e do Legislativo manifestavam pesar pelos milhares de concidadãos mortos e rogavam aos brasileiros que se unissem na luta contra a pandemia, circularam pelas redes sociais imagens do presidente Jair Bolsonaro a passear de moto aquática pelo Lago Paranoá, em Brasília, divertindo-se à beça .	Projeção de locução	Hipotaxe	
(17) o presidente avisa que vai ampliar, por decreto, o número de atividades consideradas essenciais e, portanto, livres de restrições durante a pandemia .	Projeção de locução	Hipotaxe	
(18) “Vou abrir, já que eles (governadores) não querem abrir, a gente vai abrindo aí” , declarou Bolsonaro, como se a quarentena fosse uma escolha, e não um imperativo.	Projeção de locução	Parataxe	
(19) Respeitados especialistas dizem, aliás, que o ideal seria impor desde já o chamado “lockdown” , isto é, a radicalização do isolamento social – o exato oposto do que Bolsonaro defende.	Projeção de locução	Hipotaxe	

5.4.1 Análise das ocorrências do editorial 4

Antes de registrar o número superior a dez mil mortos pela covid-19, o editorialista optou por iniciar o texto apresentando uma proposição que pode levar um leitor proficiente a identificar que, para o veículo de comunicação, existe um “Brasil indecente e indiferente” e que não “está de luto”.

A decretação de luto oficial é um ato oficial que pode ser acompanhado por uma exposição de motivos. Por intermédio da nota oficial, segundo Duarte (2002), estabelece-se institucionalmente o posicionamento oficial ou esclarecimento sobre assunto relevante, urgente e de grande interesse público. A função da nota oficial é esquivar-se de que um representante de uma determinada instituição seja exposto a questionamentos, livrando-o, também, de ser alvo de boatos, dúvidas e pressões por determinada informação.

O editorialista incorpora ao seu texto trechos da nota oficial do Supremo Tribunal Federal recorrendo ao processo mental cognitivo lembrar em (14). Esse mecanismo equivale a uma projeção de ideia paratática, na qual o enunciador traz à existência um ponto de vista de alguém em seu discurso, como algo que se pensou com o propósito de uma advertência neste exemplo (neste caso, a coletividade do pensamento de representantes do Supremo, ou seja, o que eles defendem).

Antes de concluirmos a análise de (14), é relevante observar que o editorialista nos apresenta que há um “Brasil” que está de luto, com o qual tanto o Congresso quanto o STF se solidarizam. O governo de São Paulo também se junta a essas iniciativas e somos, por isso, levados com o trecho da nota do STF a compartilhar de seu ponto de vista a respeito dos conceitos de convivência harmoniosa que defendidos pela mais alta Corte em (14). Ao fechar o parágrafo com um fragmento da citação da nota oficial, o autor nos mostra que a saída para a crise está na união (de esforços e ações) e no diálogo: sociedade e governo em (15), em uma projeção de locução paratática.

(14) Como lembrou o Supremo, em nota oficial, **“precisamos, mais do que nunca, unir esforços, em solidariedade e fraternidade, em prol da preservação da vida e da saúde”**.

(15) E a mensagem da Corte arrematou: **“A saída para esta crise está na união, no diálogo e na ação coordenada, amparada na ciência, entre os Poderes, as instituições, públicas e privadas, e todas as esferas da Federação deste vasto país”** (ESTADO DE SÃO PAULO, 2020).

No início do segundo parágrafo, o editorialista utiliza-se de uma voz polifônica inserida num aninhamento que exhibe complexos oracionais do tipo projetado. A opção do editorialista foi iniciar o complexo oracional pela oração dependente que tem por objetivo argumentativo mostrar ao leitor as posições do Judiciário e do Legislativo sobre o tema. No meio desse aninhamento, encontra-se o acréscimo de uma voz externa ao argumento que se realiza por intermédio de uma projeção de locução hipotática em (16).

(16) No mesmo dia em que as principais autoridades do Judiciário e do Legislativo manifestavam pesar pelos milhares de concidadãos mortos e rogavam aos brasileiros **que se unissem na luta contra a pandemia, circularam pelas redes sociais imagens do presidente Jair Bolsonaro a passear de moto aquática pelo Lago Paranoá, em Brasília, divertindo-se à beça** (O ESTADO DE SÃO PAULO, 2020).

Novamente o autor utiliza recursos para comparar as atitudes do presidente, pois, no terceiro parágrafo, a ideia de concomitância dos fatos é repetida: os governadores e prefeitos tomam uma atitude positiva com base científica e já testada em outras nações, as quais propagavam a tese de que a população deveria permanecer em casa, enquanto o presidente adota outra, negativa, que surge para o leitor na forma de uma projeção de locução hipotática em (17). Nela se reflete, claramente, uma interpretação do editorialista sobre o que fora dito pelo presidente para, assim, levar o leitor a dar credibilidade à avaliação do próprio editorialista. Na sequência, o autor cita no texto a declaração do presidente, desta vez, fazendo uso de uma projeção de locução paratática em (18).

(17) o presidente avisa **que vai ampliar, por decreto, o número de atividades consideradas essenciais e, portanto, livres de restrições durante a pandemia.**

(18) **“Vou abrir, já que eles (governadores) não querem abrir, a gente vai abrindo aí”**, declarou Bolsonaro, como se a quarentena fosse uma escolha, e não um imperativo (ESTADO DE SÃO PAULO, 2020).

Portanto, estamos diante de dois tipos de projeções, o relato em (17) e a citação em (18). Ao contar o que o presidente avisara, introduzindo-o ao seu propósito argumentativo, o autor estabelece um contraste de ações entre as esferas governamentais. Ao citar o que o presidente declarara em (18), o editorialista mostra ao leitor a característica autoritária do presidente para, na continuidade do parágrafo, comparar com o que os especialistas dizem sobre o tema, conforme consta da projeção hipotática de locução em (19). Cabe ainda ressaltar que a citação em (18) tem como adjetivo caracterizar a fala do presidente como desconectada de motivação científicas “a gente vai abrindo aí”, contrariando o que se espera da postura mais consistente de um presidente.

(19) Respeitados especialistas dizem, aliás, **que o ideal seria impor desde já o chamado “lockdown”, isto é, a radicalização do isolamento social** – o exato oposto do que Bolsonaro defende.

Para persuadir o leitor a concordar com a posição do veículo de comunicação, que é a de que o presidente da República dificulta demasiadamente o enfrentamento da crise sanitária por que passava o país, o editorialista utilizou diversos recursos argumentativos, dentre eles, a inserção de vozes externas.

Os complexos oracionais por intermédio da projeção verbal garantiram ao texto a inclusão da posição sustentada pelo STF, ao fazer uso de sua nota oficial, as ações do presidente, as suas falas com a sua visão negativa sobre o enfrentamento da pandemia e o que disseram os especialistas sobre o tema. Já com complexos oracionais de projeção mental, o processo *lembrar* teve por objetivo a inclusão do pensamento que o Supremo Tribunal Federal comungando com a ideia de união de esforços.

5.5 Editorial 5

O editorial 5, publicado na *Folha de São Paulo*, em 15/5/20, manifesta a acusação sobre a falta de verdade no relacionamento do presidente com a imprensa. Reproduz-se, a seguir, o quinto editorial:

Opaco e aviltante

Bolsonaro falta com transparência e seriedade ao tratar de cartões ou sua saúde

Com a costumeira fanfarrice, Jair Bolsonaro prometeu há nove meses revelar suas despesas pessoais pelo cartão corporativo a que tem direito na condição de presidente.

“Eu vou abrir o sigilo do meu cartão. Para vocês tomarem conhecimento de quanto gastei de janeiro até o final de julho. OK, imprensa?”, anunciou, em 8 de agosto do ano passado. “Vou com vocês, na boca do caixa, digito a senha e vai aparecer todo meu gasto.”

Também como de hábito, a encenação de valentia — em resposta, na época, a alguma fofoca de rede social — deu em coisa nenhuma.

A bravata foi convenientemente esquecida, e os dispêndios realizados por meio do mimo presidencial permaneceram incógnitos mesmo quando o Supremo Tribunal Federal, em 7 de novembro, considerou inconstitucional um dispositivo do regime militar que permitia à Presidência manter segredos do gênero.

Desta vez, o Planalto se viu forçado a apresentar alguma explicação formal — alegou-se, com base em outra legislação, que informações passíveis de pôr em risco a segurança do presidente e seus familiares devem ficar reservadas.

Mas Bolsonaro decidiu voltar ao tema no desvairado pronunciamento de 24 de abril, quando respondeu a acusações de ingerência na Polícia Federal. No esforço para mostrar sua probidade, alegou não haver feito uso de um cartão, entre três que possui, que lhe permite gastar R\$ 24 mil mensais.

A veracidade da afirmação não pode, infelizmente, ser aferida. Os dados disponíveis permitem constatar, porém, que as despesas com cartões presidenciais cresceram na atual gestão e chegaram ao recorde de R\$ 1,9 milhão em fevereiro — do qual R\$ 739 mil, segundo o presidente, com o resgate de brasileiros na China. Mais não se sabe.

As desculpas oficiais para a permanência do segredo soam tão inconvincentes hoje como em 2008, quando uma farra no uso de cartões gerou escândalo no governo Lula (PT). Tratando-se de Bolsonaro, a recusa à transparência se une à conduta aviltante.

Assim se viu também na ridícula saga da divulgação dos exames do chefe de Estado para a covid-19, enfim levada a cabo por determinação do Supremo Tribunal Federal, a pedido do jornal O Estado de S. Paulo. Soube-se então que o presidente chegou ao cúmulo de usar pseudônimos nos testes, cujos resultados foram negativos.

De claro no episódio, apenas a irresponsabilidade de Bolsonaro ao sujeitar a si e a terceiros aos riscos de contágio, antes e depois de conhecer seu estado de saúde.

Fonte: <https://cidadania23.org.br/2020/05/15/veja-as-manchetes-e-editoriais-dos-principais-jornais-hoje-15-05-2020/>

Os complexos oracionais com a identificação em negrito das respectivas relações que duas orações podem realizar: relações lógico-semânticas, interdependência ou encaixamento, podem ser visualizados no quadro abaixo.

Quadro 28 — Seleção do complexo oracional do Editorial 5

Complexo oracional	Eixo lógico-semântico	Eixo tático	Encaixamento
(20) Com a costumeira fanfarrice, Jair Bolsonaro prometeu há nove meses revelar suas despesas pessoais pelo cartão corporativo a que tem direito na condição de presidente.	Projeção de locução Não finita	Hipotaxe	
(21) “ Eu vou abrir o sigilo do meu cartão. Para vocês tomarem conhecimento de quanto gastei de janeiro até o final de julho. OK, imprensa? ”, anunciou, em 8 de agosto do ano passado.	Projeção de locução	Parataxe	
(22) [Bolsonaro anunciou] “ Vou	Projeção de locução	Parataxe	

com vocês, na boca do caixa, digito a senha e vai aparecer todo meu gasto.”			
(23) A bravata foi convenientemente esquecida, e os dispêndios realizados por meio do mimo presidencial permaneceram incógnitos mesmo quando o Supremo Tribunal Federal, em 7 de novembro, considerou inconstitucional um dispositivo do regime militar que permitia à Presidência manter segredos do gênero.	Projeção de ideia		Encaixamento
(24)(...) alegou-se, com base em outra legislação, que informações passíveis de pôr em risco a segurança do presidente e seus familiares devem ficar reservadas.	Projeção de locução	Hipotaxe	
(25) No esforço para mostrar sua probidade, alegou não haver feito uso de um cartão, entre três que possui, que lhe permite gastar R\$ 24 mil mensais.	Projeção de locução não finita	Hipotaxe	
(26) Os dados disponíveis permitem constatar, porém, que as despesas com cartões presidenciais cresceram na atual gestão e chegaram ao recorde de R\$ 1,9 milhão em fevereiro — do qual R\$ 739 mil, segundo o presidente, com o resgate de brasileiros na China.	Projeção de ideia	Hipotaxe	
(27) Soube-se então que o presidente chegou ao cúmulo de usar pseudônimos nos testes, cujos resultados foram negativos.	Projeção de ideia	Hipotaxe	

Fonte: O autor, 2022.

5.5.1 Análise das ocorrências no editorial 5

O editorial 5 foi publicado no jornal *Folha de São Paulo* e discorre sobre a falta de transparência e de seriedade com os gastos e com a saúde dos brasileiros em plena pandemia. No início do texto, o autor nos revela a promessa que o presidente fizera, e que não foi levada

a sério, a respeito de divulgar as despesas efetuadas com o cartão corporativo da presidência. O editorialista inclui ao seu argumento uma voz externa por meio de uma projeção de locução não finita e hipotática, conforme se vê em (20), neste trecho a estratégia argumentativa foi a de interpretação da fala do presidente.

(20) Com a costumeira fanfarrice, Jair Bolsonaro prometeu há nove meses **revelar suas despesas pessoais pelo cartão corporativo a que tem direito na condição de presidente** (FOLHA DE SÃO PAULO, 2020).

Em seguida, incorpora ao texto duas citações da fala do presidente para corroborar o que ele classificou de “fanfarrice”, as citações que foram inseridas no texto por intermédio de duas projeções locução paratáticas em (21) e (22).

(21) **“Eu vou abrir o sigilo do meu cartão. Para vocês tomarem conhecimento de quanto gastei de janeiro até o final de julho. OK, imprensa?”**, anunciou, em 8 de agosto do ano passado.

(22) [Bolsonaro anunciou] **“Vou com vocês, na boca do caixa, digito a senha e vai aparecer todo meu gasto.”** (FOLHA DE SÃO PAULO, 2020).

Ao se questionar a constitucionalidade do ato de impor sigilo aos gastos, o editorialista acrescenta em seu argumento algo que passou pelo julgo dos juízes sobre o tema e fora trazido à existência pelo enunciador, fazendo uso de um processo mental cognitivo, considerar, em uma projeção de ideia por encaixamento em (23). Em sua proteção, o Planalto alegou questões de segurança para manter o sigilo, justificativa que também foi adicionada ao argumento em (24), realizada por uma projeção de ideia hipotática.

(23) A bravata foi convenientemente esquecida, e os dispêndios realizados por meio do mimo presidencial permaneceram incógnitos mesmo quando o Supremo Tribunal Federal, em 7 de novembro, considerou inconstitucional um dispositivo do regime militar **que permitia à Presidência manter segredos do gênero**.

(24) (...) alegou-se, com base em outra legislação, que informações passíveis de pôr em risco a segurança do presidente e seus familiares devem ficar reservadas. (FOLHA DE SÃO PAULO, 2020)

O assunto foi reavivado em um pronunciamento do presidente, episódio também integrado ao argumento do editorialista em (25), realizado desta vez por uma projeção de locução não finita hipotática.

(25) No esforço para mostrar sua probidade, alegou **não haver feito uso de um cartão, entre três que possui, que lhe permite gastar R\$ 24 mil mensais** (FOLHA DE SÃO PAULO, 2020).

Os jornalistas tentam verificar a veracidade sobre a resposta do presidente com relação aos gastos, já que se comprova uma discrepância entre os valores aos quais esses profissionais

tiveram acesso. Então, cabe ao autor indicar os dados disponíveis como fonte para justificar o extraordinário gasto, expresso por uma projeção de locução hipotática em (26).

(26) Os dados disponíveis permitem constatar, porém, **que as despesas com cartões presidenciais cresceram na atual gestão e chegaram ao recorde de R\$ 1,9 milhão em fevereiro — do qual R\$ 739 mil, segundo o presidente, com o resgate de brasileiros na China** (FOLHA DE SÃO PAULO, 2020).

As mentiras que parecem não ter fim vão sendo apresentadas aos leitores. Por fim, o editorialista fez uso, mais uma vez, de um processo mental desiderativo, saber, para gerar um fato, sobre a divulgação do resultado dos exames de covid-19 da figura presidencial, que consta no pedido do jornal *O Estado de São Paulo* ao STF. Este requerimento permitiu a descoberta de que o presidente usara um pseudônimo. O tema foi introduzido ao texto por meio de uma projeção de ideia hipotática em (27).

(27) Soube-se então **que o presidente chegou ao cúmulo de usar pseudônimos nos testes, cujos resultados foram negativos** (FOLHA DE SÃO PAULO, 2020).

O editorialista utilizou orações projetadas para agregar vozes externas ao seu texto. A primeira diz respeito ao que o presidente prometera e não cumpriu, realizada por uma projeção de locução não finita. Em seguida, duas orações projetadas de locução paratática, acrescentando ao texto citações do que o presidente prometera. A projeção de ideia viabilizou que o autor apresentasse uma consideração do STF sobre o sigilo imposto por Bolsonaro ao cartão corporativo. Mais adiante no texto, foi incluída a avaliação do Planalto sobre a posição do STF sobre o tema. Com objetivo de mostrar que o presidente possui características de um bravateiro, relata por meio de uma projeção de locução não finita que o presidente não usara o cartão que lhe permitia despesas de 24 mil reais. Porém, o trabalho dos jornalistas é averiguar e, segundo as fontes, os gastos foram superiores, como o próprio presidente afirmara. O editorialista traz à existência do fato de o presidente ter usado um pseudônimo quando se submetera a testes de covid-19, realizado na léxico-gramática a partir de uma projeção de ideia.

5.6 Editorial 6

O editorial 6 foi publicado no jornal *O Estado de São Paulo*, em 15/5/20, e expõe a “guerra” entre o governo federal e os entes estaduais e municipais, que consideram o

presidente da República como o principal “sabotador” das ações para o enfrentamento da pandemia.

A guerra de Bolsonaro

Presidente quer fazer crer que o isolamento social, adotado em todo o mundo para conter a pandemia, é escolha, não imperativo

A equipe econômica do governo federal informou na quarta-feira, dia 13, que sua projeção para o Produto Interno Bruto (PIB) deste ano caiu de 0,02% positivo para 4,7% negativos. O dado foi apresentado de forma a enfatizar o caráter dramático da situação e a atribuir o cerne do problema ao isolamento social para enfrentar a pandemia de covid-19. Segundo informou o Ministério da Economia, o PIB perde R\$ 20 bilhões por semana em razão do isolamento.

Embora tenha negado que estivesse fazendo críticas à adoção da quarentena, o secretário de Política Econômica, Adolfo Sachsida, disse, ao apresentar os números, que o objetivo era “deixar claro para a sociedade o custo das decisões” e mostrar que, “quanto mais semanas ficarmos em distanciamento social, maior será o número de falências e de desemprego e maior será o impacto de longo prazo”.

Ato contínuo, na manhã seguinte, o presidente Jair Bolsonaro informou aos brasileiros que há uma “guerra” em curso no País, em referência ao isolamento social determinado por autoridades estaduais e municipais. “O que está acontecendo parece uma questão política, tentando quebrar a economia para atingir o governo”, disse Bolsonaro, em seu dialeto peculiar.

Ou seja, o governo parece ter unificado o discurso em torno da narrativa segundo a qual o Brasil está à beira do precipício econômico e social não em razão da pandemia, que está arrasando mesmo países desenvolvidos, mas sim graças ao isolamento social – que, conforme Bolsonaro, é resultado de um imenso complô da oposição, em conluio com a imprensa e com o Judiciário, para sabotar sua administração.

Para essa “guerra” em defesa de seu governo e, por extensão, do País, Bolsonaro convocou os empresários a pressionar o governador de São Paulo, João Doria, a relaxar a quarentena no Estado. “Um homem está decidindo o futuro de São Paulo, o futuro da economia do Brasil. Os senhores (empresários), com todo o respeito, têm de chamar o governador e jogar pesado, porque a questão é séria, é guerra”, disse o presidente, que, prevendo “caos” social, arrematou: “O Brasil está quebrando. E depois de quebrar, não é como alguns dizem, que a economia recupera. Não recupera. Vamos ser fadados a viver num país de miseráveis, como alguns países da África Subsaariana”.

Assim, o presidente Bolsonaro quer fazer crer que o isolamento social, adotado em todo o mundo para conter a pandemia, é uma escolha, e não um imperativo — e essa escolha, aqui no Brasil, seria fruto de maquinações políticas. Ora, é um insulto à inteligência presumir que chefes de Estado ao redor do mundo estejam submetendo seus governados a privações desnecessárias. A Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), por exemplo, estima que 9 das 11 principais economias do mundo terão retração econômica severa e, em vários casos, sem precedentes. O Unicef (Fundo da ONU para a Infância) prevê que o colapso do sistema de saúde aumentará em 1,2 milhão de crianças a conta da mortalidade infantil no mundo nos próximos seis meses. O empobrecimento planetário já é

uma realidade — que fica particularmente dramática em países cujos governantes, como Bolsonaro, agem de maneira irresponsável.

Se o presidente estivesse realmente preocupado em mitigar os múltiplos efeitos da pandemia, travaria uma guerra não contra os governadores e contra a oposição, e sim contra o vírus — que, por ora, está em grande vantagem, graças à bagunça que Bolsonaro criou no Ministério da Saúde, incapaz de liderar os esforços contra a pandemia, e ao comportamento do presidente, que continua a desdenhar das mortes, estimulando os brasileiros a ignorar a quarentena.

Nesse seu prélio delirante, Bolsonaro chegou até a citar uma frase de Napoleão, “enquanto o inimigo estiver fazendo um movimento errado, deixe-o à vontade”, para dizer que “o movimento errado é se preocupar apenas e tão somente com a questão do vírus” — e quem ganha com isso, disse o presidente, é “a esquerda”, que “está quietinha”.

Se quisesse realmente se inspirar em Napoleão, o presidente Bolsonaro deveria buscar outra frase do general francês, aquela que diz que “o verdadeiro líder é um mercador de esperanças”. Algo praticamente impossível para um presidente cuja vocação é frustrá-las.

Fonte: <https://cidadania23.org.br/2020/05/15/veja-as-manchetes-e-editoriais-dos-principais-jornais-hoje-15-05-2020/>

Em seguida, no quadro 28, apresentaremos os complexos oracionais com a identificação em negrito das respectivas relações que duas orações podem realizar: relações lógico-semânticas, interdependência ou encaixamento.

Quadro 29 — Seleção do complexo oracional do Editorial 6

Complexo oracional	Eixo lógico-semântico	Eixo tático	Encaixamento
(28) A equipe econômica do governo federal informou na quarta-feira, dia 13, que sua projeção para o Produto Interno Bruto (PIB) deste ano caiu de 0,02% positivo para 4,7% negativos.	Projeção de locução	Hipotaxe	
(29) Segundo informou o Ministério da Economia, o PIB perde R\$ 20 bilhões por semana em razão do isolamento.	Projeção de locução	Hipotaxe	
(30) Embora tenha negado que estivesse fazendo críticas à adoção da quarentena, o secretário de Política Econômica, Adolfo Sachsida, disse (...)	Expansão por intensificação do tipo condição: concessiva	Hipotaxe	
(31) (...) [Adolfo Sachsida] disse, ao apresentar os números, que o objetivo era “deixar claro para a sociedade o custo das decisões”	Projeção de locução	Hipotaxe	
(32) e mostrar que, “quanto mais	Projeção de locução	Parataxe	

semanas ficarmos em distanciamento social, maior será o número de falências e de desemprego e maior será o impacto de longo prazo”.			
(33) o presidente Jair Bolsonaro informou aos brasileiros que há uma “guerra” em curso no País, em referência ao isolamento social determinado por autoridades estaduais e municipais.	Projeção de locução	Hipotaxe	
(34) “O que está acontecendo parece uma questão política, tentando quebrar a economia para atingir o governo” , disse Bolsonaro, em seu dialeto peculiar.	Projeção de locução	Parataxe	
(35) Ou seja, o governo parece ter unificado o discurso em torno da narrativa segundo a qual o Brasil está à beira do precipício econômico e social não em razão da pandemia, que está arrasando mesmo países desenvolvidos, mas sim graças ao isolamento social (...)	Expansão por elaboração do tipo clarificação	Hipotaxe	
(36) “Um homem está decidindo o futuro de São Paulo, o futuro da economia do Brasil. Os senhores (empresários), com todo o respeito, têm de chamar o governador e jogar pesado, porque a questão é séria, é guerra” , disse o presidente	Projeção de locução	Parataxe	
(37) [o presidente] arrematou: “O Brasil está quebrando. E depois de quebrar, não é como alguns dizem, que a economia recupera. Não recupera. Vamos ser fadados a viver num país de miseráveis, como alguns países da África Subsaariana” .	Projeção de locução	Parataxe	
(38) A Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), por exemplo, estima que 9 das 11 principais economias do mundo terão retração econômica severa e, em vários casos, sem precedentes.	Projeção de ideia	Hipotaxe	
(39) O Unicef (Fundo da ONU para a Infância) prevê que o colapso do sistema de saúde aumentará em 1,2 milhão de crianças a	Projeção de ideia	Hipotaxe	

conta da mortalidade infantil no mundo nos próximos seis meses.			
(40) Nesse seu prélio delirante, Bolsonaro chegou até a citar uma frase de Napoleão, “enquanto o inimigo estiver fazendo um movimento errado, deixe-o à vontade” ,	Projeção de locução	Parataxe	
(41) Para [Bolsonaro] dizer que “o movimento errado é se preocupar apenas e tão somente com a questão do vírus” (...)	Expansão por intensificação do tipo causa propósito	Hipotaxe	
(42) (...) – e quem ganha com isso , disse o presidente, é “a esquerda” , que “está quietinha” .	Projeção de locução	Parataxe	

Fonte: O autor, 2022.

5.6.1 Análise das ocorrências no editorial 6

Com o propósito de levar os leitores a reconhecer que a estratégia adotada pelo presidente da República com relação a não adesão ao isolamento social, como um dos expedientes para combater a pandemia que criará problemas para a economia do país, o editorialista se vale de diversas vozes externas como principal recurso para sua argumentação.

Os dois primeiros parágrafos, reproduzidos a seguir, são formados por cinco asserções atribuídas a outros enunciadores na construção da argumentação, que serão analisados separadamente em seguida.

A equipe econômica do governo federal informou na quarta-feira, dia 13, que sua projeção para o Produto Interno Bruto (PIB) deste ano caiu de 0,02% positivo para 4,7% negativos. O dado foi apresentado de forma a enfatizar o caráter dramático da situação e a atribuir o cerne do problema ao isolamento social para enfrentar a pandemia de covid-19. Segundo informou o Ministério da Economia, o PIB perde R\$ 20 bilhões por semana em razão do isolamento.

Embora tenha negado que estivesse fazendo críticas à adoção da quarentena, o secretário de Política Econômica, Adolfo Sachsida, disse, ao apresentar os números, que o objetivo era “deixar claro para a sociedade o custo das decisões” e mostrar que, “quanto mais semanas ficarmos em distanciamento social, maior será o número de falências e de desemprego e maior será o impacto de longo prazo” (O ESTADO DE SÃO PAULO, 2020).

A proposta do editorialista é mostrar ao leitor que há, de acordo com a percepção do presidente, uma “discordância” em curso a respeito do isolamento social e que a estratégia do governo é conferir a uma parte da população adepta ao isolamento a responsabilidade pela falência de empresas e, conseqüentemente, pelo desemprego. Para começar a exibir a proteção da tese governamental, o editorialista desvela para o leitor a sequência de acontecimentos recentes desde a projeção negativa dos dados do PIB, valendo-se de vozes externas. Temos em (28), na forma de uma projeção de locução hipotática, a indicação da fonte da informação declarada sobre o PIB, sendo a equipe econômica do governo a encarregada pela elaboração dos dados oficiais relativos ao cálculo.

(28) A equipe econômica do governo federal informou na quarta-feira, dia 13, **que sua projeção para o Produto Interno Bruto (PIB) deste ano caiu de 0,02% positivo para 4,7% negativos** (O ESTADO DE SÃO PAULO, 2020).

Em seguida, no excerto, somos expostos à justificativa da queda negativa por intermédio de uma voz passiva em que o ator do processo “apresentar” encontra-se elíptico, porém é deduzível de que se refere à “equipe econômica”; prosseguindo, o autor conclui o parágrafo do fragmento em análise com uma projeção de locução hipotática em (29).

(29) Segundo informou o Ministério da Economia, **o PIB perde R\$ 20 bilhões por semana em razão do isolamento** (O ESTADO DE SÃO PAULO, 2020).

No terceiro parágrafo, o editorialista se favorece de uma estrutura de intensificação hipotática do tipo condição concessiva em (30) para acrescentar outra voz alheia e mostrar ao leitor que o secretário de Política Econômica fizera uma crítica quando exibiu os números do PIB — ainda que não tenha tido essa intenção.

(30) **Embora tenha negado que estivesse fazendo críticas à adoção da quarentena**, o secretário de Política Econômica, Adolfo Sachsida, disse, (O ESTADO DE SÃO PAULO, 2020)

Não podemos nos esquecer de que a conjunção “embora” introduz sempre uma informação vista como fato real (AZEREDO, 2018, p. 366). Além do mais, na construção concessiva a escolha de qualquer um dos elementos disjuntivos não influi no conteúdo da oração principal, sendo incapaz de alterá-lo como bem assevera Neves (2011, p.871). Portanto, o secretário realmente diz (31) e (32) — ainda que não admita ter feito uma reprimenda —, o editorialista se favorece do discurso externo do secretário para corroborar sua argumentação sobre a crítica feita pelo secretário, que surge na léxico-gramática realizadas por projeções de locuções hipotática (31) e paratática (32):

(31) Adolfo Sachsida, disse, ao apresentar os números, **que o objetivo era “deixar claro para a sociedade o custo das decisões”**

(32) e mostrar **que**, “quanto mais semanas ficarmos em distanciamento social, maior será o número de falências e de desemprego e maior será o impacto de longo prazo” (O ESTADO DE SÃO PAULO, 2020).

Após serem apresentadas as teorias de que o isolamento atrapalha a economia, o autor anuncia aos seus leitores a posição direta do presidente, juntando a sua fala ao que o editorialista vem descrevendo como fatos ocorridos. O texto faz uso de uma projeção de locução hipotática por relato em (33), com o processo verbal informar no qual o editorialista “interpreta” para seu público o que Bolsonaro quis dizer ao usar o termo “guerra”. Em seguida, o autor se utiliza de uma projeção de locução paratática por citação da fala de Bolsonaro em (34), a que chama de “dialeto peculiar” do presidente, o que justificou a sua antecipada proposta de “tradução” do “dialeto” presidencial.

(33) Ato contínuo, na manhã seguinte, o presidente Jair Bolsonaro informou aos brasileiros **que há uma “guerra” em curso no País, em referência ao isolamento social determinado por autoridades estaduais e municipais.**

(34) “**O que está acontecendo parece uma questão política, tentando quebrar a economia para atingir o governo**”, disse Bolsonaro, em seu dialeto peculiar (O ESTADO DE SÃO PAULO, 2020).

A linha argumentativa adotada pelo editorialista de “traduzir” a fala do presidente prossegue, ao iniciar o quarto parágrafo, com a conjunção de elaboração *ou seja* e agregar duas falas externas. Vejamos o excerto e, na sequência, dividiremos seus elementos para fins didáticos de análise.

Ou seja, o governo parece ter unificado o discurso em torno da narrativa segundo a qual o Brasil está à beira do precipício econômico e social não em razão da pandemia, que está arrasando mesmo países desenvolvidos, mas sim graças ao isolamento social — que, conforme Bolsonaro, é resultado de um imenso complô da oposição, em conluio com a imprensa e com o Judiciário, para sabotar sua administração (ESTADO DE SÃO PAULO, 2020).

O parágrafo anterior é bem construído a partir de recursos que envolvem e atraem o leitor, porque o autor tem o cuidado de modalizar a informação que vai inserir no seu argumento pelo modal “parece” e adiciona à sua argumentação outra voz externa, desta vez, por meio de uma circunstância de assunto. O que é dito externamente e faz parte da “narrativa” aparece realizado por uma expansão por elaboração do tipo clarificação por hipotaxe em (35).

(35) **Ou seja, o governo parece ter unificado o discurso em torno da narrativa segundo a qual o Brasil está à beira do precipício econômico e social não em razão da pandemia, que está arrasando mesmo países desenvolvidos, mas sim graças ao isolamento social (...)** (O ESTADO DE SÃO PAULO, 2020)

Em outras palavras, o conteúdo inicial do editorial se desenrolou da seguinte forma: o governo exibiu a sua projeção negativa sobre os dados do PIB; um membro do governo associara os pontos negativos às consequências do isolamento social. No dia seguinte, o presidente repete a tese sustentada pelo representante de seu governo e diz existir uma “guerra” contra os governadores e prefeitos, que são a favor do isolamento social. Em seguida, com base em seu papel de porta-voz confiável, o editorialista passa a “interpretar/traduzir” aquilo que chama de dialeto do presidente, bem como o seu ponto de vista sobre a “sabotagem” à administração.

Com o objetivo de exemplificar aos leitores um dos responsáveis pelo “imenso complô”, o editorialista cita o contra-ataque do governo federal ao governador de São Paulo, João Dória, por intermédio de uma construção de projeção de locução paratática em (36).

(36) **“Um homem está decidindo o futuro de São Paulo, o futuro da economia do Brasil. Os senhores (empresários), com todo o respeito, têm de chamar o governador e jogar pesado, porque a questão é séria, é guerra”,** disse o presidente (...) (O ESTADO DE SÃO PAULO, 2020)

No desdobramento do parágrafo em análise, o presidente conclui sua linha de raciocínio por meio de outra projeção de locução paratática em (37):

(37) [o presidente] arrematou: **“O Brasil está quebrando. E depois de quebrar, não é como alguns dizem, que a economia recupera. Não recupera. Vamos ser fadados a viver num país de miseráveis, como alguns países da África Subsaariana”** (O ESTADO DE SÃO PAULO, 2020).

Para mostrar que o veículo de comunicação mantém uma opinião diferente da do presidente, o editorialista se utiliza de dados estimativos da organização OCDE em (38), por meio de uma projeção hipotática de ideia:

(38) A Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), por exemplo, estima **que 9 das 11 principais economias do mundo terão retração econômica severa e, em vários casos, sem precedentes** (O ESTADO DE SÃO PAULO, 2020).

A fim de acrescentar mais credibilidade à sua argumentação, o editorialista insere nova voz discursiva, agora da Unicef, em (39), fazendo uso de projeção de ideia hipotática.

(39) O Unicef (Fundo da ONU para a Infância) prevê **que o colapso do sistema de saúde aumentará em 1,2 milhão de crianças a conta da mortalidade infantil no mundo nos próximos seis meses** (O ESTADO DE SÃO PAULO, 2020).

É relevante destacar que tanto (38) e (39) mostram processos mentais estimar e prever, porque refletem conjecturas a serem confirmadas ou não no decorrer da pandemia, todavia, por se referirem a avaliações de instituições internacionalmente reconhecidas, conferem um peso maior à posição contrária defendida pelo veículo de comunicação.

Em (40), a seguir, o presidente faz uso de uma citação, por uma projeção de locução paratática, que surge “traduzida” pelo próprio presidente na sequência, por intermédio de duas projeções de locução paratáticas, em (40) e (42). Em (43), estamos diante de uma expansão por intensificação do tipo causa propósito, com sentido de devido à intenção Q, então a ação P, que está configurada numa citação de Napoleão.

(40) Nesse seu prélio delirante, Bolsonaro chegou até a citar uma frase de Napoleão, **“enquanto o inimigo estiver fazendo um movimento errado, deixe-o à vontade”**,

(41) para [Bolsonaro] dizer **que “o movimento errado é se preocupar apenas e tão somente com a questão do vírus”** –

(42) e **quem ganha com isso**, disse o presidente, é **“a esquerda”**, que **“está quietinha”** [= e disse o presidente que quem ganha com isso é “a esquerda”, que está quietinha.] (O ESTADO DE SÃO PAULO, 2020).

O trecho (40) recorre a uma citação de Napoleão, estadista e líder militar francês, pois o presidente não só associa a figura napoleônica ao ambiente de batalhas (prélio), como também faz uso e emite sua avaliação, que é confirmada em (41) e (42) quando insiste que há um movimento errado em não propagar o vírus e ao culpar a esquerda. Ao concluir o texto, o editorialista não perde a oportunidade de exibir uma citação de Napoleão (na citação reproduzida abaixo deste parágrafo), que traduz o seu pensamento sobre Bolsonaro não ser um líder, ou seja, faz uso de uma estratégia de recorrer a uma referência a Napoleão, citado anteriormente por Bolsonaro, para fazer uma crítica à atuação do presidente.

“Se quisesse realmente se inspirar em Napoleão, o presidente Bolsonaro deveria buscar outra frase do general francês, aquela que diz que “o verdadeiro líder é um mercador de esperanças””

O complexo oracional (30) expandido fazendo uso da intensificação do tipo concessiva agregou ao argumento do editorialista a oportunidade de reconhecer uma crítica por parte de integrante do governo. A ocorrência de uma expansão por elaboração, em (35), esclarece ao leitor qual é narrativa a partir da qual o governo unificou seu discurso.

As combinações de orações projetadas por locução introduziram ao discurso do editorialista a presença de vozes de autoridades, incluindo instituições, suas posições, contradições, propagação de discursos, utilização de discurso alheio com fins políticos e críticos. Os complexos oracionais de projeção de ideia incluíram na argumentação a crença da suposta perseguição ao presidente e as estimativas que certas instituições fazem sobre o país.

5.7 Editorial 7

O editorial 7 foi publicado no jornal *O Estado de São Paulo*, em 8/6/20 e expõe a percepção internacional do país em razão do atual governo e às dificuldades de realização de novos acordos comerciais em virtude da política do Brasil sob Bolsonaro.

Brasil manchado também nos EUA

O parentesco ideológico do presidente brasileiro com seu líder americano pouco vale diante da maioria democrata na Câmara dos Representantes

Mais uma vitória sinistra foi alcançada pelo presidente Jair Bolsonaro, em seu esforço para transformar o Brasil em pária internacional. Ele poderá continuar aplaudindo, seguindo e imitando seu grande guru, o presidente Donald Trump, mas terá de abandonar a ambição de um acordo comercial com os Estados Unidos, pelo menos enquanto houver maioria democrata na Câmara dos Representantes. A busca de qualquer parceria econômica mais estreita com “o Brasil do presidente Jair Bolsonaro” será rejeitada, informaram 24 deputados democratas da Comissão de Orçamento e Tributos da Câmara. A declaração foi expressa em carta dirigida ao chefe do Escritório do Representante Comercial dos Estados Unidos (USTR), embaixador Robert Lighthizer. O embaixador havia anunciado em maio, depois de uma conversa com o chanceler brasileiro Ernesto Araújo, a intenção de intensificar a cooperação econômica entre os dois países.

Na mesma data da carta, 3 de junho, o Parlamento holandês aprovou moção contrária ao acordo comercial entre União Europeia e Mercosul, assinado em 2019 e ainda pendente de ratificação pelos países participantes. A devastação da Amazônia foi o principal argumento a favor da moção. Mas também houve referência a riscos para os povos indígenas. Políticos citados pela imprensa europeia, nas discussões sobre o acordo entre os dois blocos, têm apontado o governo Bolsonaro como inimigo do meio ambiente e dos direitos humanos.

Ameaças ao meio ambiente, aos direitos humanos e à democracia são listadas extensamente na carta enviada ao principal negociador comercial dos Estados Unidos, o embaixador Lighthizer. O presidente Jair Bolsonaro, segundo os deputados, tem uma longa e persistente história de “declarações depreciativas sobre mulheres, populações indígenas e pessoas identificadas por gênero ou orientação sexual, além de outros grupos”. O governo Bolsonaro, continua o texto, “demonstrou seu completo menosprezo por direitos humanos básicos, pela necessidade de proteger a floresta amazônica e pelos direitos e dignidade dos trabalhadores”.

O Brasil sob Bolsonaro, acrescentam os deputados, não estará preparado, de forma crível, para assumir os novos padrões de direitos trabalhistas e de proteção ambiental estabelecidos no Acordo Estados Unidos-México-Canadá. Negociar qualquer acordo comercial com o Brasil será perda de tempo, sustentam os autores da carta.

Mencionando detalhes da gestão Bolsonaro, o texto cita números do Instituto Nacional de Pesquisa Espacial (Inpe) sobre aumento das queimadas na Amazônia. Esses dados, poderiam ter lembrado os autores da carta, foram postos em dúvida pelo presidente Bolsonaro, no início de uma polêmica encerrada com a demissão do diretor do instituto, o físico Ricardo Galvão, respeitado internacionalmente.

Há um claro componente protecionista na atitude dos democratas. Eles acabam atribuindo aos produtores brasileiros “uma história de emprego de práticas desleais de comércio”. A acusação é vaga e a intenção de impedir uma concorrência maior aos produtores americanos é evidente. Além disso, os autores da carta confundem a atividade ilegal e ambientalmente danosa realizada na Amazônia com a produção agrícola eficiente e competitiva — a mais importante — nas áreas tradicionais.

O protecionismo é novamente favorecido, portanto, pelas atitudes e políticas do presidente Bolsonaro e de seus piores ministros. Nos Estados Unidos, assim como na Europa, os defensores de barreiras contra produtos brasileiros dispõem de amplo cardápio de argumentos — ambientalistas, políticos e relativos a direitos humanos — fornecido pelo presidente do Brasil. Detalhe importante, na Europa, como nos Estados Unidos, os críticos frequentemente se referem ao “Brasil do presidente Jair Bolsonaro”. Essa expressão é usada pelos deputados democratas. O parentesco ideológico do presidente brasileiro com seu líder americano pouco valerá diante da oposição desse grupo. Os Estados Unidos são muito mais que Donald Trump. Bolsonaro parece ignorar também isso.

Fonte: <https://cidadania23.org.br/2020/06/08/veja-as-manchetes-e-editoriais-dos-principais-jornais-hoje-08-06-2020/>

Em seguida, no quadro 29, apresentaremos os complexos oracionais com a identificação em negrito das respectivas relações que duas orações podem realizar: relações lógico-semânticas, interdependência ou encaixamento.

Quadro 30 — Seleção do complexo oracional do Editorial 7

Complexo oracional	Eixo lógico-semântico	Eixo tático	Encaixamento
(43) A busca de qualquer parceria econômica mais estreita com “o Brasil do presidente Jair Bolsonaro” será rejeitada, informaram 24 deputados democratas da Comissão de Orçamento e Tributos da Câmara.	Projeção de locução	Parataxe	
(44) O governo Bolsonaro, continua o texto, “demonstrou seu completo menosprezo por direitos humanos básicos, pela necessidade de proteger a floresta amazônica e pelos direitos e dignidade dos trabalhadores”.	Projeção de locução	Parataxe	
(45) O Brasil sob Bolsonaro, acrescentam os deputados, não estará preparado, de forma crível, para assumir os novos padrões de direitos	Projeção de locução	Parataxe	

trabalhistas e de proteção ambiental estabelecidos no Acordo Estados Unidos-México-Canadá.			
(46) Negociar qualquer acordo comercial com o Brasil será perda de tempo , sustentam os autores da carta.	Projeção de locução	Parataxe	
(47) Mencionando detalhes da gestão Bolsonaro , o texto cita números do Instituto Nacional de Pesquisa Espacial (Inpe) sobre aumento das queimadas na Amazônia.	Expansão por elaboração não finita do tipo descrição	Hipotaxe	

Fonte: O autor, 2022.

5.7.1 Análise das ocorrências no editorial 7

Ainda que o presidente brasileiro acredite que ocorra um bom relacionamento comercial entre os países, possibilitando a ampliação de negócios, o editorialista insere ao seu argumento a informação exposta pelos vinte e quatro deputados americanos, por meio de uma projeção de locução paratática em (43).

(43) **A busca de qualquer parceria econômica mais estreita com “o Brasil do presidente Jair Bolsonaro” será rejeitada**, informaram 24 deputados democratas da Comissão de Orçamento e Tributos da Câmara (O ESTADO DE SÃO PAULO, 2020).

O terceiro parágrafo é concluído com uma projeção de locução paratática, conforme se vê em (44), cujo objetivo argumentativo é adicionar a percepção do “Brasil sob Bolsonaro” ao argumento.

(44) O governo Bolsonaro, continua o texto [da carta], **“demonstrou seu completo menosprezo por direitos humanos básicos, pela necessidade de proteger a floresta amazônica e pelos direitos e dignidade dos trabalhadores”** (O ESTADO DE SÃO PAULO, 2020).

É expressivo o fato de o editorialista continuar se apoiando em trechos da carta enviada ao embaixador na construção de sua argumentação, como vemos em (45) e (46). Surgem “interpretações” para os leitores sobre o conteúdo desta carta, que foram realizadas na léxico-gramática por meio de duas projeções de locução de relato paratáticas.

(45) O Brasil sob Bolsonaro, acrescentam os deputados, **não estará preparado, de forma crível, para assumir os novos padrões de direitos trabalhistas e de proteção ambiental estabelecidos no Acordo Estados Unidos-México-Canadá.**

(46) **Negociar qualquer acordo comercial com o Brasil será perda de tempo,** sustentam os autores da carta (O ESTADO DE SÃO PAULO, 2020)

Os leitores do jornal não tiveram acesso à carta mencionada integralmente e verifica-se a inserção de uma modalização circunstancial “de forma crível” em (45), na qual consta uma avaliação por parte do editorialista, o que também ocorre em (46), em que o autor avalia as consequências do que seja negociar com o Brasil.

Na continuidade do texto, no sexto parágrafo, o editorialista ainda menciona dados da carta dos deputados, por meio de uma expansão por elaboração não finita hipotática do tipo descrição em (47).

(47) **Mencionando detalhes da gestão Bolsonaro,** o texto cita números do Instituto Nacional de Pesquisa Espacial (Inpe) sobre aumento das queimadas na Amazônia (O ESTADO DE SÃO PAULO, 2020).

Os complexos oracionais projetados por locução facilitaram ao enunciador embutir trechos do texto da carta de deputados americanos contrários às políticas do governo Bolsonaro, seja na integridade de excertos ou na interpretação por parte do editorialista, dando mais credibilidade às informações apresentadas.

5.8 Editorial 8

O editorial 8, publicado no jornal O Globo, no dia 8/6/20, discute a temática da ocultação de dados da covid-19 por parte do governo federal, ocorrida no início de junho de 2020.

É grave a decisão de ocultar dados sobre a covid-19

Governo Bolsonaro retarda divulgação de números, tenta omitir total de mortos, mas recua após pressão

Uma das atitudes elogiáveis do Ministério da Saúde, antes mesmo de o Brasil registrar o primeiro caso de covid-19, era a transparência. Em entrevistas coletivas, o então ministro Luiz Henrique Mandetta orientava a população sobre como se prevenir de um vírus que já se anunciava devastador. Com a chegada da pandemia, em fins de fevereiro, os informes diários do ministério serviam para divulgar números, traçar um panorama da evolução da doença, fazer projeções sobre o fim da epidemia e desmistificar fake news que contaminavam as redes.

Porém, desde a saída de Mandetta e de seu sucessor, Nelson Teich, ambos por divergências com o presidente Jair Bolsonaro, a transparência se tornou artigo tão escasso quanto respiradores. As coletivas foram esvaziadas, o ministério passou a divulgar os números cada vez mais tarde, e a metodologia das estatísticas foi alterada. Desde sexta, omitiu-se o total de mortos e infectados. No domingo, diante da repercussão negativa do fato, a pasta recuou.

O governo alegou que o atraso era para evitar subnotificações e inconsistências. Mas Bolsonaro admitiu que a intenção era impedir que os dados fossem veiculados no “Jornal Nacional”, da Rede Globo. Alguém precisa avisar ao presidente que manipular números da covid-19 ou retardar a divulgação, para que não entrem no “JN”, é inútil — até porque eles são informados em edições extraordinárias. A manobra não reduzirá o tamanho da tragédia.

A questão se torna mais grave diante do anúncio de que o governo iria recontar o número de mortos. O ex-futuro secretário de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos, Carlos Wizard, disse que os dados são “fantasiosos ou manipulados”. E que estados e municípios inflam as estatísticas para receber mais recursos. O Conselho Nacional de Secretários de Saúde (Conass) reagiu com indignação, dizendo que o governo “insulta” a memória das vítimas.

O ministro Gilmar Mendes, do STF, afirmou, no sábado, numa rede social, que a “manipulação de dados é manobra de regimes totalitários” e que “o truque não vai isentar a responsabilidade pelo eventual genocídio”.

O Brasil está se tornando uma espécie de pária pelo comportamento de seu presidente e pelo desastroso gerenciamento da crise. Ocultar ou manipular dados sobre a covid é ato de extrema gravidade. Governos precisam desses números para planejar o combate à doença, e a sociedade tem todo o direito de ser informada sobre a pandemia.

Felizmente, as instituições estão funcionando, e tentativas de manipulação não deverão surtir efeito. O presidente da Câmara, Rodrigo Maia, disse que o corpo técnico da Casa poderia tabular os números junto às secretarias estaduais de Saúde. O TCU também sinalizou que faria o mesmo.

Não há como escapar da realidade. Com mais de 37 mil mortos, e sem ter atingido ainda o pico da epidemia, o Brasil já é o terceiro país com maior número de óbitos, atrás apenas dos EUA e do Reino Unido. A cada minuto, morre um brasileiro vítima do novo coronavírus. Esconder esses números não fará desaparecer o letal Sars-CoV-2.

Fonte: <https://cidadania23.org.br/2020/06/08/veja-as-manchetes-e-editoriais-dos-principais-jornais-hoje-08-06-2020/>

Em seguida, no quadro 30, apresentaremos os complexos oracionais com a identificação em negrito das respectivas relações que duas orações podem realizar: relações lógico-semânticas, interdependência ou encaixamento.

Quadro 31 — Seleção do complexo oracional do Editorial 8

Complexo oracional	Eixo lógico-semântico	Eixo tático	Encaixamento
(48) Em entrevistas coletivas, o então ministro Luiz Henrique	Projeção de locução	Hipotaxe	

Mandetta orientava a população sobre como se prevenir de um vírus que já se anunciava devastador.			
(49)O governo alegou que o atraso era para evitar subnotificações e inconsistências.	Projeção de locução	Hipotaxe	
(50)Mas Bolsonaro admitiu que a intenção era impedir que os dados fossem veiculados no “Jornal Nacional”, da Rede Globo.	Projeção de locução	Hipotaxe	
(51)A questão se torna mais grave diante do anúncio de que o governo iria recontar o número de mortos.	Projeção de nome		Encaixamento
(52)O ex-futuro secretário de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos, Carlos Wizard, disse que os dados são “fantasiosos ou manipulados”. E que estados e municípios inflam as estatísticas para receber mais recursos.	Projeção de locução	Hipotaxe	
(53)O Conselho Nacional de Secretários de Saúde (Conass) reagiu com indignação, dizendo que o governo “insulta” a memória das vítimas.	Projeção de locução	Hipotaxe	
(54)O ministro Gilmar Mendes, do STF, afirmou, no sábado, numa rede social, que a “manipulação de dados é manobra de regimes totalitários” e que “o truque não vai isentar a responsabilidade pelo eventual genocídio”.	Projeção de locução	Hipotaxe	
(55)O presidente da Câmara, Rodrigo Maia, disse que o corpo técnico da Casa poderia tabular os números junto às secretarias estaduais de Saúde.	Projeção de locução	Hipotaxe	
(56)O TCU também sinalizou que faria o mesmo.	Projeção de locução	Hipotaxe	

Fonte: O autor, 2022.

5.8.1 Análise das ocorrências no editorial 8

No editorial 9, o autor, após ambientar o leitor sobre o tema a ser discutido, inicia seu primeiro parágrafo levando-o a comparar as ações tomadas pelo primeiro ex-ministro da saúde do governo com o seu sucessor, ambas avaliadas como transparentes pelo editorialista. Temos, então, o estabelecimento da credibilidade do produtor do texto, pois a inserção da voz externa do ex-ministro Luiz Henrique Mandetta, em (48), corrobora seu argumento:

(48) Em entrevistas coletivas, o então ministro Luiz Henrique Mandetta orientava a população **sobre como se prevenir de um vírus que já se anunciava devastador** (O GLOBO, 2020).

O segundo parágrafo é iniciado com o operador discursivo “porém”, o leitor é conduzido para uma oposição ao que fora dito antes. O texto encontra-se no movimento 2 dos editoriais (SOARES, 2016), no qual é feita a apresentação da situação e do problema. Para explicar por que a transparência se tornara um “artigo tão escasso”, o editorialista situa o leitor sobre o modo como o governo passou a lidar com a informação, levando-o a contrastar esse fato com as ações desempenhadas pela gestão de Mandetta, uma vez que as “coletivas foram esvaziadas”, entre outras alterações ocorridas desde a saída do ministro da saúde.

Posteriormente, o editorialista, adiciona duas vozes externas que mostram as incoerências da fala do presidente em (49) e (50), respectivamente:

(49) O governo alegou **que o atraso era para evitar subnotificações e inconsistências**

(50) Mas Bolsonaro admitiu **que a intenção era impedir que os dados fossem veiculados no “Jornal Nacional”, da Rede Globo** (O GLOBO, 2020).

Em seguida, observa-se mais um caso de encaixamento no complexo oracional em (51). Estamos diante de um processo de nominalização do processo verbal anunciar, no qual o foco do autor não está no participante do processo, o dizente, e sim na manifestação de sua avaliação em relação ao conteúdo do que foi anunciado pelo governo, ou seja, o editorialista poderia ter escolhido as seguintes formas e manter o dizente oculto: “Anunciaram que o governo iria recontar...” ou “Foi anunciado que o governo iria recontar...” Estaríamos, portanto, diante de projeções de locução hipotáticas. O exemplo (51) é denominado nome (substantivo) de projeção de locução e a oração projetada serve para defini-lo exatamente da mesma forma que uma oração “restritiva” (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 535). Além disso, a contribuição para a criação do discurso é reforçada pelo fato de que tais substantivos de projeção podem ser usados anaforicamente para se referir a proposições já estabelecidas no discurso (*ibidem* p. 535), que pode ser observado no trecho que segue a

oração (51): “O ex-futuro secretário de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos, Carlos Wizard, disse que os dados são ‘fantasiosos ou manipulados’”. Ora, se havia dúvidas em relação aos dados, eles precisariam ser conferidos.

(51) A questão se torna mais grave diante do anúncio **de que o governo iria recontar o número de mortos** (O GLOBO, 2020).

A partir desse momento no texto, o editorialista passa a mostrar ao leitor projeções de locução de diferentes autoridades de (52) a (56), como forma de legitimar as ideias apresentadas no texto. Com relação aos membros do governo, o editorialista deixa claras as suas críticas em função do que fora dito nos pronunciamentos de pessoas ligadas ao governo para o leitor. No tocante às declarações dos representantes de classe e das mais altas instituições do judiciário e do legislativo, bem como do órgão máximo fiscalizador, o Tribunal de Contas da União, fica evidente que elas são usadas para demonstrar a autoridade e, conseqüentemente, a credibilidade do veículo jornalístico, ressaltando, assim, sua posição no que se refere ao tema.

(52) O ex-futuro secretário de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos, Carlos Wizard, disse **que os dados são “fantasiosos ou manipulados”. E que estados e municípios inflam as estatísticas para receber mais recursos.**

(53) O Conselho Nacional de Secretários de Saúde (Conass) reagiu com indignação, dizendo **que o governo “insulta” a memória das vítimas.**

(54) O ministro Gilmar Mendes, do STF, afirmou, no sábado, numa rede social, **que a “manipulação de dados é manobra de regimes totalitários” e que “o truque não vai isentar a responsabilidade pelo eventual genocídio”.**

(55) O presidente da Câmara, Rodrigo Maia, disse **que o corpo técnico da Casa poderia tabular os números junto às secretarias estaduais de Saúde.**

(56) O TCU também sinalizou **que faria o mesmo** (O GLOBO, 2020).

Quando o autor expressa as suas avaliações sobre as ações do governo, somadas às vozes externas, ele legitima a sua própria voz e, de certo modo, tranquiliza os leitores em relação ao funcionamento da fiscalização das ações do governo e à impossibilidade de se esconder a realidade do país.

5.9 Editorial 9

O editorial 9, publicado no jornal *Valor Econômico*, em 10/7/20, aborda as ações impetradas pela justiça a fim de conter a rede de *fake news* envolvendo a família do presidente. Reproduz-se, a seguir, o nono editorial:

Trilha das fake news leva a um gabinete do Planalto

A evolução dos inquéritos caminha na direção de ligar a máquina de destruir reputações a orientações que partem do gabinete do ódio

Há uma relação inicial entre alguns dos detentores das 73 contas falsas que foram retiradas pelo Facebook na quarta-feira e os que estão aparecendo no inquérito do Supremo Tribunal Federal para apurar responsáveis por fake news e financiamento de movimentos contra a democracia. Rastros dos filhos do presidente, Carlos e Eduardo Bolsonaro, aparecem nas duas. O Supremo procura a trilha dos “gabinetes do ódio” e o Facebook cancelou, sob alegação de propagação do ódio e ataques a inimigos políticos, páginas e contas feitas por Tércio Arnaud Tomaz, assessor especial da Presidência da República. Ele é ligado ao vereador Carlos Bolsonaro, investigado no Rio por empregar “funcionários fantasmas” na Assembleia Legislativa do Rio.

Assim como existe uma densa zona de sombra sobre a atuação dos Bolsonaro nas redes sociais e de seus apoiadores fanáticos, próximos ou não do presidente, no submundo das redes sociais. Respeitados os limites dados pela lei, todos eles podem despejar seu extremismo de direita à luz do dia, sem serem importunados. Não é isso, porém, o que ocorre. “As pessoas por trás da atividade coordenaram entre si e utilizaram contas falsas como parte central de suas operações para se ocultar”, disse Nataniel Gleicher, diretora de cybersegurança do Facebook. Anonimato, contas e páginas falsas, pessoas fictícias e identidades forjadas foram detectadas e removidas.

A bolsonaronewss, segundo o Facebook, é administrada por Tércio, e tinha 492 mil seguidores. Ele já era um expert na rede digital eleitoral montada pelos filhos de Bolsonaro. De lá, Tércio foi parar no terceiro andar do Palácio do Planalto, bem próximo ao gabinete presidencial. A suspeita, que a ação do Facebook realça, é de que funcionários de governo como ele e colegas do “gabinete do ódio” usam tempo de serviço, pelo qual são bem remunerados pelos contribuintes, para um trabalho que nada tem a ver com funções públicas.

Essa é uma velha característica dos Bolsonaro, filhos e pai, que vivem da política, de suas benesses e dos recursos públicos com os quais pagam pessoas que não se sabe o que fazem – e, sequer, se fazem alguma coisa. Reportagem da Folha de S. Paulo (4 de julho) revelou que nos 27 anos de atuação na Câmara dos Deputados, a folha de salários do gabinete de Jair Bolsonaro era agitada e incompreensível. Cerca de 350 pessoas passaram por lá de 1991 a 2018, 102 delas ligadas a 32 famílias (O Globo). Os vencimentos de vários funcionários triplicavam de uma hora para outra, assim como caíam logo à metade ou para valores mínimos. Muitos eram demitidos e recontratados em seguida.

Fabrizio Queiroz, encrencado no escândalo das rachadinhas de que é acusado Flavio Bolsonaro, então deputado estadual, trabalhou primeiro com Jair e não foi o único a se envolver em práticas ilegais. Nove funcionários acusados por rachadinhas na Alerj já estiveram sob as ordens do pai, que também deu emprego a Nathália, filha de Queiroz, personal trainer no Rio, que não trabalhava, assim como a “fantasma” Walderice Conceição, a Wal do Açaí, que reside em Angra dos Reis. A defesa de Flavio tem se resumido, com algum sucesso, a contestar erros formais do inquérito, enquanto Flavio, que empregou a mulher de Queiroz e de milicianos, se dividiu ao longo do tempo entre alegar afastamento e elogiar Fabrizio.

Outro membro do trio da fuzarca familiar, Carlos Bolsonaro, está sob investigação por usar indevidamente dinheiro público: empregar fantasmas. Mas entre seus assessores também havia gente despojada e altruísta, sempre pronta a doar parte dos salários. Quatro assessores do irmão Flávio, com sigilo quebrado, trabalharam no gabinete de Carlos na Câmara Municipal. Entre elas a ex-cunhada de Jair Bolsonaro, a Andrea Siqueira Valle (Folha de S. Paulo, ontem) e 8 parentes da ex-mulher de Jair, Ana Cristina Valle.

Rápidos em arregimentar funcionários fora do padrão, Bolsonaro e filhos, em suas vidas de parlamentares, foram improdutivos, e não se conhece um projeto deles que demonstre a mínima preocupação social, a não ser que se chame assim a campanha dos quatro pelo armamento geral e irrestrito dos brasileiros.

Isolado por ter contraído a covid-19, Bolsonaro está quieto após a prisão, na casa de seu advogado, de Fabrício Queiroz. A evolução dos inquéritos caminha na direção de ligar a máquina de destruir reputações dos bolsonaristas extremados como Carlos, seus robôs e contas falsas, a orientações que partem do gabinete do ódio, assalariado pelo Estado. A ligação é explosiva e o passado pode acabar condenando Jair Bolsonaro.

Fonte: <https://cidadania23.org.br/2020/07/10/veja-as-manchetes-e-editoriais-dos-principais-jornais-hoje-10-07-2020/>

Em seguida, no quadro 31, apresentaremos os complexos oracionais com a identificação em negrito das respectivas relações que duas orações podem realizar: relações lógico-semânticas, interdependência ou encaixamento.

Quadro 32 — Seleção do complexo oracional do Editorial 9

Complexo oracional	Eixo lógico-semântico	Eixo tático	Encaixamento
(57) “As pessoas por trás da atividade coordenaram entre si e utilizaram contas falsas como parte central de suas operações para se ocultar” , disse Nataniel Gleicher, diretora de cybersegurança do Facebook.	Projeção de locução	Parataxe	
(58) A suspeita, que a ação do Facebook realça , é de que funcionários de governo como ele e colegas do “gabinete do ódio” usam tempo de serviço, pelo qual são bem remunerados pelos contribuintes, para um trabalho que nada tem a ver com funções públicas.	Expansão por Elaboração do tipo exposição	Hipotaxe	
(59) Reportagem da Folha de S. Paulo (4 de julho) revelou que nos 27 anos de atuação na Câmara dos Deputados,	Projeção de locução	Hipotaxe	

a folha de salários do gabinete de Jair Bolsonaro era agitada e incompreensível.			
--	--	--	--

Fonte: O autor, 2022.

5.9.1 Análise das ocorrências no editorial 9

O editorial 9, publicado no jornal *Valor Econômico*, dedica-se ao assunto das *fake news* e sua ligação com os integrantes do governo federal, sobretudo o suposto envolvimento da família do presidente nesse tema. O texto discorre sobre o inquérito, que consta no STF, e que rastreia não só quem divulga as notícias falsas nas redes sociais, como também quem financia o que se chama “gabinete do ódio”.

Como representante de uma importante rede social, a fala da diretora de cybersegurança do Facebook é incluída no argumento do editorialista por intermédio de projeção de locução paratática. A empresa procura se esquivar da responsabilidade indicando que não haveria controle em perfis falsos em (57):

(57) “As pessoas por trás da atividade coordenaram entre si e utilizaram contas falsas como parte central de suas operações para se ocultar”, disse Nataniel Gleicher, diretora de cybersegurança do Facebook (VALOR ECONÔMICO, 2020).

Ao se buscar o responsável pela página com 492 mil seguidores denominada “bolsonaronews”, foi divulgado pela empresa o nome de Tércio, funcionário no Palácio do Planalto. Suspeita-se do desvio de função de assessores do Palácio do Planalto, tal suspeita é posta pelo enunciador por meio de uma expansão por elaboração do tipo exposição em (58).

(58) A suspeita, **que a ação do Facebook realça**, é de que funcionários de governo como ele e colegas do “gabinete do ódio” usam tempo de serviço, pelo qual são bem remunerados pelos contribuintes, para um trabalho que nada tem a ver com funções públicas (VALOR ECONÔMICO, 2020).

Para corroborar a sua estratégia argumentativa sobre o mau uso de recursos públicos por parte da família Bolsonaro, o editorialista adiciona em seu texto dados publicados na reportagem do jornal *Folha de São Paulo*, por intermédio da uma projeção de locução hipotática em (59).

(59) Reportagem da Folha de S. Paulo (4 de julho) revelou **que nos 27 anos de atuação na Câmara dos Deputados, a folha de salários do gabinete de Jair Bolsonaro era agitada e incompreensível** (VALOR ECONÔMICO, 2020).

O editorialista utiliza o recurso da expansão por elaboração para incluir vozes discursivas em seu argumento. Ao usar uma projeção de locução paratática, o autor cita em sua alegação a defesa contra mau uso por usuários do Facebook proferida pela pessoa responsável pelas questões de segurança. A projeção de locução hipotática engloba reportagem da *Folha de São Paulo* para comprovar a argumentação do autor. Por fim, no campo da projeção, ocorre a inserção de uma voz externa que revela ao leitor a suspeita de que há pessoas ligadas ao governo na divulgação de *fake news*.

5.10 Editorial 10

O editorial 10 foi publicado no jornal *Valor Econômico* em 26/2/2021, e registrou a desproporção entre o avanço da pandemia e a vacinação no país e apontou que o esforço para vacinar adultos com mais de 65 anos seria menor para o Brasil em relação a outras nações. Reproduz-se, a seguir, o décimo editorial:

Pandemia se intensifica em um país que vacina pouco

Para vacinar todos os adultos com mais de 65 anos, o Brasil precisaria fazer esforço menor que o dos países desenvolvidos

Com números sinistros em sequência — 10 milhões de infectados, mais de 250 mil mortos — o Brasil se tornou o país com mais casos por milhão de habitantes na média de 7 dias na semana passada. O número de mortos é 10% do total mundial (2,5 milhões), apesar da população brasileira ser apenas 3% da global. Evidente desde o início, a falta de coordenação para enfrentar um vírus poderoso, com a franca hostilidade do presidente da República a qualquer ação contra o contágio, contribuiu para esses resultados assustadores.

Toda a experiência adquirida em vacinações em massa, pela qual o Brasil é bem avaliado, foi insuficiente para enfrentar a falta de imunizantes, atitudes divergentes de autoridades sobre extensão e duração do isolamento social, inexistência quase completa de rastreamento, descaso de parte da população com os riscos mortais do vírus e impossibilidade de grande parte dela de garantir seu sustento mantendo-se isolada.

Além da gravidade e extensão do contágio, o Brasil teve de se defrontar com rivais inesperados, sob as condições já adversas dadas pela sua péssima distribuição de renda e deteriorada infraestrutura pública. Não é comum que um presidente ignore a orientação majoritária da comunidade médica, como fez Jair Bolsonaro. É ainda mais incomum que o Executivo troque duas vezes de ministro da Saúde em pleno alastramento da covid-19, e raríssimo um mandatário que os substitua por alguém que não tem a mínima experiência na área ou familiaridade com a medicina.

Em atos de uma comédia macabra, Bolsonaro boicotou seus ministros da Saúde por não seguirem suas orientações mal informadas. O presidente tornou-se garoto-propaganda de remédios que não têm eficácia contra a covid-19. Desrespeitou as determinações sanitárias para passear sem máscara, infectando-se e infectando seus ministros. O apogeu deste festival de ignorância foi a manifestação de descrença pública do presidente de que até mesmo vacinas — engendradas em tempo recorde, uma proeza científica — não surtiriam efeitos ou ocasionariam outros, indesejados.

O esforço heróico de médicos e de todo o pessoal de apoio da saúde se mantém em meio a contratempos quase inverossímeis. Milhares de testes foram desprezados em depósitos em aeroportos e se perderam. Convênios com universidades que ensaiaram trabalhos de rastreamento — praticamente inexistente no país, ao contrário das iniciativas asiáticas e alemã, por exemplo — foram descontinuados. O governo apostou em poucas vacinas e criou uma situação paradoxal. Vacinas que receberam aprovação emergencial da Anvisa não têm produção regular por problemas de fornecimento da China. E a única vacina aprovada em definitivo, a da Pfizer e BioNTech, não está disponível no país.

O contágio da covid-19 é hoje tão intenso como no pico da pandemia em 2020. Há 35 dias o número de mortes é superior a 1 mil pessoas e as UTIs em várias capitais e grandes cidades estão a caminho do esgotamento. Mapas do Google mostram que tanto para ir ao trabalho como para recreação, o grau de mobilidade dos brasileiros é o maior entre as nações do G-20. É preciso acelerar a vacinação e regularizar o fornecimento de insumos, ao mesmo tempo em que se põe de pé um programa de imunização sensato.

É viável fazer isso. A demografia ainda favorece o Brasil. Para atingir um objetivo importante, de vacinar todos os adultos com 65 anos ou mais, o país precisa fazer um esforço consideravelmente menor que o dos países desenvolvidos. Garantir essa imunização reduziria a ocupação das UTIs, o número de casos e de mortes.

Foram aplicadas 3,8 vacinas por 100 habitantes até agora no país. Com 9 unidades todo o grupo de risco teria uma primeira dose e com, 18, a segunda, de acordo com a Oxford Economics. Com maior fatia de população idosa, o Reino Unido aplicou 27 doses por 100 habitantes – o Brasil não precisaria chegar lá. Mas, pela velocidade de vacinação em meados do mês o país levará 20 semanas (5 meses) para fazer isso — a projeção não contava com a interrupção da imunização.

Há novas vacinas a caminho (a da Johnson é uma delas) e com a autorização para que os Estados possam obtê-las seria possível sopesar parte da inoperância federal. Vacinados os grupos de risco, a economia se livrará de sua maior trava e será possível planejar os próximos passos contra a covid-19 que, suspeita-se, poderá se tornar endêmica e exigir o resgate da competência em campanhas de vacinação em massa, que um dia o país já teve.

Fonte: <https://cidadania23.org.br/2021/02/26/veja-as-manchetes-e-editoriais-dos-principais-jornais-hoje-26-02-2021/>

Em seguida, no quadro 32, apresentaremos os complexos oracionais com a identificação em negrito das respectivas relações que duas orações podem realizar: relações lógico-semânticas, interdependência ou encaixamento.

Quadro 33 — Seleção do complexo oracional do Editorial 10

Complexo oracional	Eixo lógico-semântico	Eixo tático	Encaixamento
(60) O apogeu deste festival de ignorância foi a manifestação de descrença pública do presidente de que até mesmo vacinas – engendradas em tempo recorde, uma proeza científica – não surtiriam efeitos ou ocasionariam outros, indesejados.	Projeção de nome		Encaixamento
(61) Mapas do Google mostram que tanto para ir ao trabalho como para recreação, o grau de mobilidade dos brasileiros é o maior entre as nações do G-20.	Projeção de locução	Hipotaxe	

Fonte: O autor, 2022.

5.10.1 Análise das ocorrências no editorial 10

Com base em dados estatísticos, o Brasil é apontado como o país com mais casos por milhões de habitantes, e o editorialista justifica a situação pela falta de coordenação do governo federal e pela atuação direta do presidente da República. Ao apresentar novos elementos que colaboraram com a gravidade e com a extensão do contágio, o editorialista registra suas críticas diretamente para o presidente.

No quarto parágrafo, o editorialista apresenta o detalhamento do que considera “uma comédia macabra”, indicando cada ação praticada pelo presidente. O autor acrescenta a voz externa do presidente por meio de uma projeção de nome por encaixamento em (60), como estratégia argumentativa.

(60) O apogeu deste festival de ignorância foi a manifestação de descrença pública do presidente **de que até mesmo vacinas** — engendradas em tempo recorde, uma proeza científica — **não surtiriam efeitos ou ocasionariam outros, indesejados** (VALOR ECONÔMICO, 2021).

Apontadas as causas, os responsáveis e as consequências dessa má gestão no período da pandemia, o editorialista foca seus argumentos no que está acontecendo no momento. Para comprovar sua asserção de que o contágio está em alta, faz uso de um dado técnico fornecido

pelo Google a respeito da mobilidade das pessoas, realizada na léxico-gramática por meio de uma oração hipotática projetada de locução por relato em (61).

(61) Mapas do Google mostram **que tanto para ir ao trabalho como para recreação, o grau de mobilidade dos brasileiros é o maior entre as nações do G-20.** (...) (VALOR ECONÔMICO, 2021)

Na conclusão do texto, o autor está no movimento de proposição de resultados (Soares, 2016) e faz uma conjectura não só da possibilidade de planejar um futuro, uma vez vencidas algumas etapas importantes com relação à imunização de parte da população brasileira, como também permite que o país volte ao patamar de um país bem avaliado na área da vacinação.

O complexo oracional projetado por locução, (61), foi utilizado como estratégia argumentativa pelo editorialista para confirmar sua argumentação sobre o aumento do número de mortes. Cabe lembrar que embora o encaixamento de orações seja um recurso semogênico, o relacionamento entre a oração encaixada e a oração a receber o encaixe ocorre de forma indireta, fora da oração. Isso quer dizer que primeiramente se forma um todo significativo e compreensível no âmbito da oração para depois se estabelecer quaisquer relações lógico-semânticas com outras orações dentro de um aninhamento.

5.11 Editorial 11

O editorial 11, publicado no jornal *Valor Econômico* de 8/3/21, expôs a perspectiva do agravamento da crise. Reproduz-se, a seguir, o décimo primeiro editorial:

Negacionismo de Bolsonaro se baseia em cálculo político

Crise sanitária vai agravar-se nos próximos dias e semanas

A sociedade brasileira assiste, atônita, ao comportamento do presidente Jair Bolsonaro em meio à mais grave crise sanitária que atinge o mundo desde a gripe espanhola. Sem honrar a liturgia do cargo que ocupa ou demonstrar o mínimo de empatia com seus compatriotas, o primeiro mandatário do país mantém discurso negacionista no momento em que o número de casos e mortes por covid-19 cresce de forma assustadora e o sistema de saúde, em inúmeros Estados, não tem mais como atender a novos pacientes desta ou de qualquer outra doença.

Para Bolsonaro, o único cálculo possível dessa tragédia é político. Contrário ao “lockdown”, por seus efeitos negativos na economia, o presidente defende tratamentos sem amparo na ciência, como o uso da cloroquina, propõe aos cidadãos que se exponham nas ruas e faz pregação contra o uso de vacinas. Ao mesmo tempo, por meio do Ministério da Saúde, promete fornecer imunizantes a todo o país, assim que forem importados. Ao agir dessa

forma, coloca-se como o salvador da pátria e deixa o ônus das medidas de isolamento social para governadores e prefeitos.

O presidente recorre à decisão do STF que deu autonomia aos entes subnacionais para enfrentar a pandemia com o objetivo de eximir-se da responsabilidade de lidar com a crise, que já tirou a vida de 265.500 brasileiros. Paralelamente, opera para impedir que os Estados importem vacinas.

Não há trégua no pesadelo que a nação vive. Na semana passada, ao participar de evento em São Simão (GO), Bolsonaro se mostrou mais preocupado em fomentar a divisão da nação do que trabalhar por uma reconciliação. Do alto do palanque, elevou o tom das críticas que costuma fazer a governadores e prefeitos. Queixou-se de ter sua autoridade “castrada” pelo STF e, mais uma vez desdenhando da gravidade da pandemia, disse que é hora de deixar de “mimimi” e “frescura”.

“Vão ficar chorando até quando? Temos que enfrentar os nossos problemas”, indagou. Pergunte-se às mais de 265 mil famílias em luto até quando vão lamentar a perda de seus entes queridos, e aos quase 11 milhões de infectados pelo coronavírus até agora. Provavelmente, elas perguntarão por que o governo do segundo país mais afetado por esta pandemia, na contramão da maioria de seus pares pelo mundo, não se planejou para importar e produzir vacinas, em escala compatível com o tamanho de nossa população (211 milhões, a 7ª do planeta).

Bolsonaro insiste na falsa dicotomia entre economia e saúde. “Só com a nossa economia funcionando e não ficando todo mundo em casa, como querem alguns governadores, é que podemos sonhar com dias melhores. Sem dinheiro, sem emprego, estamos condenados à miséria, fracasso, morte, a distúrbios e saques”, afirmou. Embora não tenham respaldo da equipe econômica, que vê a vacinação como crucial para a retomada da economia, depois da queda de 4,1% em 2020, as declarações do presidente não devem ser relativizadas. Como revelou o Valor, na sexta-feira, a crise sanitária vai agravar-se nos próximos dias e semanas.

No próprio Ministério da Saúde, projeta-se que o número de mortes por covid-19 ultrapasse a barreira dos três mil por dia. Prevê-se que, nesta e na semana seguinte, ocorra aumento exponencial de óbitos, entre outras razões porque faltam vacinas para a imunização em massa — em pouco menos de dois meses do início da vacinação, menos de 10% da população foi vacinada.

A projeção mais pessimista resulta do que se considera a tempestade perfeita: a rápida disseminação do vírus na segunda onda, a dificuldade de a população manter-se em isolamento social, a circulação de novas variantes mais contagiosas e com grande carga viral, o colapso do sistema hospitalar em diversos Estados, além da falta de vacinas.

Grave também é a revelação de que o governo federal está decidido a exercer toda sua capacidade de pressionar os laboratórios a fim de travar a venda de vacinas para Estados e municípios, mesmo que a legislação permita a descentralização do combate à doença. Com razão, governadores e prefeitos pressionam o poder central por maior agilidade na aquisição e distribuição dos imunizantes.

A maioria dos governadores defende que o plano nacional de vacinação seja mantido, mas, em carta à Presidência da República, eles alertaram que o futuro não julgará com

benevolência os que não tiverem pressa nesta crise. O que deve ficar claro para todos é que esse julgamento não vai limitar-se ao resultado das próximas eleições.

Fonte: <https://cidadania23.org.br/2021/03/08/veja-as-manchetes-e-editoriais-dos-principais-jornais-hoje-08-03-2021/>

Em seguida, no quadro 33, apresentaremos os complexos oracionais com a identificação em negrito das respectivas relações que duas orações podem realizar: relações lógico-semânticas, interdependência ou encaixamento.

Quadro 34 — Seleção do complexo oracional do Editorial 11

Complexo oracional	Eixo lógico-semântico	Eixo tático	Encaixamento
(62) Contrário ao “lockdown”, por seus efeitos negativos na economia, o presidente defende tratamentos sem amparo na ciência, como o uso da cloroquina, propõe aos cidadãos que se exponham nas ruas (...)	Projeção de locução	Hipotaxe	
(63) Ao mesmo tempo, por meio do Ministério da Saúde, promete fornecer imunizantes a todo o país, assim que forem importados.	Projeção de locução Não finita	Hipotaxe	
(64) O presidente recorre à decisão do STF que deu autonomia aos entes subnacionais para enfrentar a pandemia com o objetivo de eximir-se da responsabilidade de lidar com a crise, (...)	Expansão por elaboração do tipo descrição		Encaixamento
(65) Do alto do palanque, elevou o tom das críticas que costuma fazer a governadores e prefeitos.	Expansão por elaboração do tipo descrição		Encaixamento
(66) Queixou-se de ter sua autoridade “castrada” pelo STF (...)	Projeção de locução não finita	Hipotaxe	
(67) disse que é hora de deixar de “mimimi” e “frescura”.	Projeção de locução	Hipotaxe	
(68) “ Vão ficar chorando até quando? Temos que enfrentar os nossos problemas ”, indagou.	Projeção de locução	Parataxe	
(69) Pergunte-se às mais de 265 mil famílias em luto até quando vão lamentar a perda de seus entes queridos, e aos quase 11 milhões de infectados pelo coronavírus até agora.	Projeção de locução	Parataxe	
(70) Provavelmente, elas	Projeção de locução	Hipotaxe	

perguntarão por que o governo do segundo país mais afetado por esta pandemia, na contramão da maioria de seus pares pelo mundo, não se planejou para importar e produzir vacinas, em escala compatível com o tamanho de nossa população (211 milhões, a 7ª do planeta).			
(71) “Só com a nossa economia funcionando e não ficando todo mundo em casa, como querem alguns governadores, é que podemos sonhar com dias melhores. Sem dinheiro, sem emprego, estamos condenados à miséria, fracasso, morte, a distúrbios e saques”, afirmou.	Projeção de locução	Parataxe	
(72) Embora não tenham respaldo da equipe econômica, que vê a vacinação como crucial para a retomada da economia , depois da queda de 4,1% em 2020, as declarações do presidente não devem ser relativizadas. (...)	Expansão por elaboração do tipo clarificação	Hipotaxe	
(73)(...) Como revelou o Valor, na sexta-feira, a crise sanitária vai agravar-se nos próximos dias e semanas.	Projeção por locução	Hipotaxe	
(74) No próprio Ministério da Saúde, projeta-se que o número de mortes por covid-19 ultrapasse a barreira dos três mil por dia.	Projeção de ideia	Hipotaxe	
(75) Prevê-se que, nesta e na semana seguinte, ocorra aumento exponencial de óbitos, entre outras razões porque faltam vacinas para a imunização em massa – em pouco menos de dois meses do início da vacinação, menos de 10% da população foi vacinada.	Projeção de ideia	Hipotaxe	
(76) A projeção mais pessimista resulta do que se considera a tempestade perfeita: a rápida disseminação do vírus na segunda onda, a dificuldade de a população manter-se em isolamento	Projeção de fato		Encaixamento

social, a circulação de novas variantes mais contagiosas e com grande carga viral, o colapso do sistema hospitalar em diversos Estados, além da falta de vacinas.			
(77) Grave também é a revelação de que o governo federal está decidido a exercer toda sua capacidade de pressionar os laboratórios a fim de travar a venda de vacinas para Estados e municípios, mesmo que a legislação permita a descentralização do combate à doença.	Expansão por Elaboração do tipo descrição		Encaixamento
(78) A maioria dos governadores defende que o plano nacional de vacinação seja mantido, (...)	Projeção de locução	Hipotaxe	
(79) (...) mas, em carta à Presidência da República, eles alertaram que o futuro não julgará com benevolência os que não tiverem pressa nesta crise.	Projeção de locução	Hipotaxe	

Fonte: O autor, 2022.

5.11.1 Análise das ocorrências no editorial 11

O editorialista analisa a reação da sociedade brasileira em relação à conduta do presidente da República diante do crescente número de mortes no país por covid-19. Ele conduz o leitor a perceber que o presidente não alcançou as expectativas de seus eleitores. Para provar sua tese de que Bolsonaro está sempre fazendo jogadas políticas, priorizando assuntos econômicos e políticos em detrimento da saúde e do bem-estar, o editorialista introduz em seu discurso duas vozes externas, realizadas pelo uso de uma projeção de locução hipotática em (62), e por intermédio de uma projeção de locução hipotática não finita em (63). Assim sendo, o seu argumento abrange duas questões: a aceitação de sua postura diante da pandemia pela sua base eleitoral e o não cumprimento das expectativas do restante da população.

(62) Contrário ao “lockdown”, por seus efeitos negativos na economia, o presidente defende tratamentos sem amparo na ciência, como o uso da cloroquina, propõe aos cidadãos **que se exponham nas ruas e faz pregação contra o uso de vacinas.** (...)

(63) Ao mesmo tempo, por meio do Ministério da Saúde, promete **fornecer imunizantes a todo o país, assim que forem importados** (VALOR ECONÔMICO, 2021)

A fim de mostrar aos leitores outras formas de manobras políticas do presidente, o autor agrega uma nova voz alheia no terceiro parágrafo fazendo uso de uma expansão por elaboração por encaixamento do tipo descrição em (64), que introduz a decisão do STF ao argumento.

(64) O presidente recorre à decisão do STF **que deu autonomia aos entes subnacionais** para enfrentar a pandemia com o objetivo de eximir-se da responsabilidade de lidar com a crise, (...) (VALOR ECONÔMICO, 2021).

O editorialista demonstra que a população brasileira não tem descanso com relação aos ataques que o presidente faz às medidas que podem salvar vidas, o editorialista adiciona uma série de atitudes do presente ao seu argumento: as frequentes críticas aos governadores e prefeitos, assim como a alegação de que o STF teria não só “castrado” sua autoridade como também rejeitado o seu discurso desdenhoso em relação à pandemia. Essas situações são realizadas na léxico-gramática por intermédio de uma expansão por elaboração do tipo descrição em (65), uma projeção de locução hipotática não finita em (66) e, por fim, por uma projeção de locução hipotática em (67).

(65) Do alto do palanque, elevou o tom das críticas **que costuma fazer a governadores e prefeitos**

(66) Queixou-se **de ter sua autoridade “castrada” pelo STF** (...)

(67) (...) disse **que é hora de deixar de “mimimi” e “frescura”** (VALOR ECONÔMICO, 2021).

E, como pode ser visto no texto, a lista de críticas e insatisfação com as decisões de Bolsonaro por grande da população vai crescendo. No quinto parágrafo, o editorialista acrescenta ao seu texto outra fala de Bolsonaro, como em (68), que serve de contraponto para a posterior sequência argumentativa. Por intermédio de uma projeção de locução paratática, o autor incorpora a pergunta retórica feita pelo presidente em seu discurso.

(68) **“Vão ficar chorando até quando? Temos que enfrentar os nossos problemas”**, indagou (VALOR ECONÔMICO, 2021).

Na continuidade do texto, em (69), o editorialista acrescenta uma voz polifônica de comando às famílias em luto e às pessoas infectadas até então. O complexo oracional (69) foi realizado na léxico-gramática por meio de uma projeção de locução paratática. A sua construção é realizada por intermédio de uma voz passiva sintética que retira o foco do participante dizente (Bolsonaro) do processo perguntar. A questão é alusiva à ocasião em que

presidente fez uma pergunta usando essas palavras: “até quando vão lamentar a perda de seus entes queridos?” A estrutura total, portanto, constitui um complexo de orações paratáticas em que a relação lógico-semântica é de projeção; a oração de projeção contém um processo verbal (perguntar) e a oração projetada tem o status de um fraseado (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 514).

(69) Pergunte-se às mais de 265 mil famílias em luto **até quando vão lamentar a perda de seus entes queridos, e aos quase 11 milhões de infectados pelo coronavírus até agora** (VALOR ECONÔMICO, 2021).

Na continuidade do parágrafo — mais especificamente em (70) e com o recurso da projeção de locução por hipotaxe — o editorialista atua como porta-voz e profere a pergunta sobre a situação caótica da pandemia que muitos brasileiros estavam se fazendo ao tomarem ciência de que o Brasil ocupava o posto de segundo país mais afetado pela pandemia. A construção em questão manipula um recurso interpessoal para realizar a projeção, o adjunto de comentário *provavelmente* (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 676), ou uma metáfora gramatical correspondente ao complexo oracional iniciado por *Parece provável que elas perguntarão por que (...)* (*Ibidem* 690).

Como estratégia argumentativa, o receptor (da pergunta, isto é, Bolsonaro) é mantido implícito e o relato da oração projetada carrega consigo a polifonia que representa as vozes de muitos brasileiros.

(70) Provavelmente, elas perguntarão **por que o governo do segundo país mais afetado por esta pandemia, na contramão da maioria de seus pares pelo mundo, não se planejou para importar e produzir vacinas, em escala compatível com o tamanho de nossa população (211 milhões, a 7ª do planeta)** (VALOR ECONÔMICO, 2021).

Posteriormente, o editorialista apresenta informação sobre o que o presidente tem repetido sobre o isolamento social prejudicar a economia, introduzida no texto por intermédio de uma citação de Bolsonaro a respeito do tema, realizada por uma projeção de locução paratática, em (71). O editorialista acrescenta outra voz polifônica em (72), desta vez realizada por uma elaboração paratática do tipo clarificação, mostrando ao leitor que a equipe econômica do governo não compartilha o mesmo pensamento do presidente em relação à dicotomia economia e saúde. Fechando o parágrafo, encontramos uma projeção de locução hipotática em (73), inserindo como fonte o próprio jornal (*Valor Econômico*), indicando a piora da situação do país.

(71) **“Só com a nossa economia funcionando e não ficando todo mundo em casa, como querem alguns governadores, é que podemos sonhar com dias melhores. Sem dinheiro, sem emprego, estamos condenados à miséria, fracasso, morte, a distúrbios e saques”**, afirmou.

(72) Embora não tenham respaldo da equipe econômica, **que vê a vacinação como crucial para a retomada da economia**, (...)

(73) Como revelou o Valor, na sexta-feira, **a crise sanitária vai agravar-se nos próximos dias e semanas** (VALOR ECONÔMICO, 2021).

No sétimo parágrafo, o editorialista agrega em seu texto o planejamento feito pelo Ministério da Saúde sobre a questão. Por intermédio de uma projeção hipotática de ideia, em (74), tomamos conhecimento do que é esperado por parte da pasta da saúde em relação ao número de mortes. Com o propósito de detalhar mais ainda, o autor do editorial expõe, por meio de outra projeção de ideia em (75), no mesmo parágrafo, a expectativa de um descontrolado aumento de mortes.

(74) No próprio Ministério da Saúde, projeta-se **que o número de mortes por covid-19 ultrapasse a barreira dos três mil por dia**.

(75) Prevê-se **que, nesta e na semana seguinte, ocorra aumento exponencial de óbitos, entre outras razões porque faltam vacinas para a imunização em massa – em pouco menos de dois meses do início da vacinação, menos de 10% da população foi vacinada** (VALOR ECONÔMICO, 2021).

O editorialista, no 8º parágrafo, acrescenta à sua linha questionadora uma estrutura oracional e organizacional, reproduzida abaixo, que contém uma voz externa sob a forma de metáfora (de acordo com a GT), que é explicada ao longo do texto.

A projeção mais pessimista resulta do que se considera a tempestade perfeita: a rápida disseminação do vírus na segunda onda, a dificuldade de a população manter-se em isolamento social, a circulação de novas variantes mais contagiosas e com grande carga viral, o colapso do sistema hospitalar em diversos Estados, além da falta de vacinas (VALOR ECONÔMICO, 2021).

No final do sexto parágrafo, o editorialista, como um porta-voz de confiança do veículo de comunicação assegura, baseado em publicações no próprio jornal, que a crise sanitária tenderia a se agravar nos próximos dias. Para corroborar suas previsões, apresentamos no sétimo parágrafo as previsões do Ministério da Saúde para, no parágrafo em análise, exhibir as causas que têm contribuído para que cheguemos ao que ele considera como a “tempestade perfeita”.

O excerto inicia-se com uma projeção de oração-fato encaixada, (76), seguida pela justificativa do que é a “tempestade perfeita”, levando em conta o que vem sequenciado após os dois pontos. Uma vez desempacotadas, teríamos orações nas quais os participantes (atores) dos processos estariam explícitos: “quem disseminou”, “quem dificultou...” O objetivo do editorialista não é apontar diretamente responsáveis, mas sim os cálculos políticos do presidente em meio à crise sanitária, por isso o autor recorre a informações vindas do próprio governo, como o caso das projeções do Ministério da Saúde. Estamos novamente diante de uma oração com processo relacional, resultar, funcionando como relacional atributivo

(FUZER; CABRAL, 2014, p. 68). O portador é um grupo nominal (a projeção mais pessimista) e o atributo é uma oração-fato encaixada (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 542).

(76) A projeção mais pessimista resulta **do que se considera a tempestade perfeita: a rápida disseminação do vírus na segunda onda, a dificuldade de a população manter-se em isolamento social, a circulação de novas variantes mais contagiosas e com grande carga viral, o colapso do sistema hospitalar em diversos Estados, além da falta de vacinas** (VALOR ECONÔMICO, 2021).

A linha “pessimista” com respeito à situação do país não terminou, o editorialista acrescenta em sua argumentação a voz polifônica sobre as ações do governo federal com alguns laboratórios em (77) por meio de uma oração expandida por elaboração por encaixamento do tipo descrição.

(77) Grave também é a revelação **de que o governo federal está decidido a exercer toda sua capacidade de pressionar os laboratórios a fim de travar a venda de vacinas para Estados e municípios**, mesmo que a legislação permita a descentralização do combate à doença (VALOR ECONÔMICO, 2021).

Para complementar tantas previsões pessimistas, o editorialista destaca aos leitores a oposição dos prefeitos e dos governadores e insere duas vozes externas a seu argumento final em (78) e (79). Estamos nos referindo a duas projeções hipotáticas de locução, em que a primeira serve aos propósitos argumentativos do veículo de comunicação que também resguarda o plano nacional de vacinação. Todavia, antes de concluir, retoma implicitamente a sua posição de que ocorre um cálculo político em todas as ações do presidente e, ao fazer uso de um trecho do que consta na carta enviada pelos governadores e prefeitos a Bolsonaro, relata um fragmento deste texto epistolar para alertar que o futuro político do presidente possa ser diferente do que ele almeja.

(78) A maioria dos governadores defende **que o plano nacional de vacinação seja mantido**, (...)

(79) (...) mas, em carta à Presidência da República, eles alertaram **que o futuro não julgará com benevolência os que não tiverem pressa nesta crise** (VALOR ECONÔMICO, 2021).

Os complexos oracionais por projeção foram agregados à estratégia argumentativa do editorialista para mostrar como o presidente incentiva os seus apoiadores e, ao mesmo tempo, como ele procura agradar possíveis eleitores. O autor utilizou o complexo de projeção de locução para questionar a insensibilidade do presidente no tratamento com as famílias enlutadas, ademais tornou-se porta-voz das pessoas que buscavam entender como o Brasil chegou ao patamar de segundo país mais afetado pela pandemia. Esse mesmo complexo permitiu que o editorialista refletisse sobre os alertas e as estratégias defendidas pelos governadores. A estratégia discursiva adotada pelo jornalista engendrou inclusive uma

estimativa do agravamento da crise nos meses que se seguiram à publicação. As projeções de ideia deram segurança aos dados de projeção e à previsão sobre o aumento de mortes no país.

Podemos acrescentar ainda com relação à projeção de orações, que o editorialista empregou a estrutura do encaixamento com o objetivo é retirar o foco do dizente, pois as estruturas são construídas sob a forma de metáforas gramaticais na GSF.

Quanto à inclusão de vozes externas por meio de complexos oracionais por expansão, na ordem em que aparecem no texto, o autor utilizou-se de um encaixamento que abarca uma decisão do STF. Sucede também um caso de expansão por elaboração do tipo clarificação que contém a posição da equipe econômica do governo em relação ao apoio à campanha de vacinação como uma das formas de retomada econômica do país, campanha amplamente divulgada na mídia e na fala do ministro da Fazenda.

5.12 Editorial 12

O editorial 12, publicado no jornal *Valor Econômico*, em 17/3/21, avalia a substituição do ministro da Saúde após a crise, ainda em plena pandemia. Reproduz-se, a seguir, o décimo segundo editorial:

Troca na Saúde é inútil se política contra a pandemia não mudar

O presidente Jair Bolsonaro parece ter mudado o ministro da Saúde para que tudo continue como está

O presidente Jair Bolsonaro parece ter mudado o ministro da Saúde para que tudo continue como está, enquanto 280 mil já morreram vítimas da pandemia e o número não para de subir. Após a desastrosa gestão de Eduardo Pazuello, resultado direto das orientações do presidente, o cardiologista Marcelo Queiroga, bolsonarista que foi membro da equipe de transição, foi escolhido para, segundo o presidente, “dar continuidade” ao trabalho do antecessor — a ideia é aterrorizante. Sondada, a cardiologista Ludhmila Hajjar conversou com Bolsonaro e assessores e saiu perplexa, após negar o convite para que assumisse o posto. O Brasil ganha o quarto ministro da Saúde em um ano, em meio a uma segunda onda ainda mais violenta de contágio.

Quando assumiu como interino, em maio, o general Pazuello tinha diante de si 10 mil vítimas da covid-19. Uma de suas primeiras providências foi tirar do ar o site com o número de casos e mortes. Em 16 de setembro foi efetivado defendendo a cloroquina como “tratamento precoce”. Em 20 de outubro fez uma das poucas coisas certas ao entrar em acordo com o governador de São Paulo, João Doria, para a compra de 46 milhões de vacinas Coronovac. Foi

esculhambado pelo presidente, que revogou o acordo. Sobre o ato de Bolsonaro, disse apenas que “um manda, o outro obedece”. O resto da história é contada pela curva de mortes, muito inclinada para cima.

A popularidade do presidente sofreu abalo com o colapso dos hospitais nas capitais, que se seguiu às pavorosas cenas de mortes por falta de oxigênio em Manaus — pela qual Pazuello está sendo investigado. Bolsonaro, que só pensa na sucessão, sempre deu de ombros à tragédia porque nenhum rival parecia estar colhendo trunfos com o inacreditável descaso do governo. Até que de repente surgiu Lula, com direitos políticos restituídos, e obrigou a entourage presidencial a reagir.

A conduta de Bolsonaro durante a pandemia é criminosa e o presidente está firmemente convicto de que nada fez de errado. Sem a vacina do Instituto Butantan, em parceria com a Sinovac, até o início de fevereiro ninguém teria sido vacinado no país. Por ordens suas, o ministro da Saúde rejeitou três tentativas de acordo com a Pfizer e não foi atrás da Moderna, Johnson e outros fabricantes que dispunham de imunizantes. Bolsonaro ainda disse sobre isso que estava esperando os fabricantes de vacinas virem lhe fazer propostas.

A contragosto Bolsonaro usou máscara, mas não perdeu a atitude. Com hospitais congestionados e uma média de 2 mil mortos diários, os bolsonaristas se aglomeraram no domingo em várias capitais para bradar contra o lockdown de governadores e pedir a volta do regime militar.

Bolsonaro sequer acredita na eficácia de vacinas e a tentativa inicial de achar algum médico sério para substituir Pazuello estava fadada ao fracasso, como ocorreu com Ludhmila Hajjar. O relato posterior de Ludhmila deixou claro que Bolsonaro, apesar de tudo, ainda continuava à procura de um fantoche para ocupar o posto.

Marcelo Queiroga foi indicado pelo senador Flavio Bolsonaro e escolhido. Presidente da Sociedade Brasileira de Cardiologia, e descrente da patacoada do tratamento precoce com cloroquina, Queiroga tem qualificações profissionais para ocupar o posto mas, além de enfrentar o auge da pandemia, terá de se comportar como Bolsonaro quer. As primeiras declarações de Queiroga ontem não foram de bom augúrio. “O ministro Pazuello tem trabalhado arduamente para melhorar as condições sanitárias do Brasil e eu fui convocado pelo presidente Bolsonaro para dar continuidade a esse trabalho”, disse.

Ludhmila contou com o apoio de ministros do STF e líderes do Centrão para assumir o posto e fazer o que precisa desesperadamente ser feito — e não foi. Teria, talvez, o respaldo político que seus antecessores não tiveram. Bolsonaro, porém, desperdiçou a oportunidade, anotou um líder político do centrão, enquanto ronda no Congresso a ameaça de uma CPI da pandemia.

Se Queiroga não mostrar, e logo, um trabalho sério — espera-se que faça e tenha grande sucesso na tarefa —, a crise sanitária entrará em estágio ainda mais agudo, podendo abrir uma crise política que os presidentes da Câmara, Arthur Lira, e do Senado, Rodrigo Pacheco, podem não desarmar. O pedido de CPI sobre o desempenho do governo durante a pandemia estará lá, junto com mais de quatro dezenas de pedidos de impeachment.

Em seguida, no quadro 34, apresentaremos os complexos oracionais com a identificação em negrito das respectivas relações que duas orações podem realizar: relações lógico-semânticas, interdependência ou encaixamento.

Quadro 35 — Seleção do complexo oracional do Editorial 12

Complexo oracional	Eixo lógico-semântico	Eixo tático	Encaixamento
(80)[o general Pazuello] disse apenas que “um manda, o outro obedece” .	Projeção de locução	Hipotaxe	
(81)Bolsonaro ainda disse sobre isso que estava esperando os fabricantes de vacinas virem lhe fazer propostas .	Projeção de locução	Hipotaxe	
(82)Com hospitais congestionados e uma média de 2 mil mortos diários, os bolsonaristas se aglomeraram no domingo em várias capitais para bradar contra o lockdown de governadores e pedir a volta do regime militar .	Expansão por intensificação do tipo causa: propósito	Hipotaxe	
(83)O relato posterior de Ludhmila deixou claro que Bolsonaro, apesar de tudo, ainda continuava à procura de um fantoche para ocupar o posto .	Projeção de locução	Hipotaxe	
(84) “O ministro Pazuello tem trabalhado arduamente para melhorar as condições sanitárias do Brasil e eu fui convocado pelo presidente Bolsonaro para dar continuidade a esse trabalho” , disse [Queiroga].	Projeção de locução	Parataxe	
(85) Bolsonaro, porém, desperdiçou a oportunidade , anotou um líder político do centrão, enquanto ronda no Congresso a ameaça de uma CPI da pandemia.	Projeção de locução	Parataxe	

Fonte: O autor, 2022.

5.12.1 Análise das ocorrências no editorial 12

O editorial em análise noticia e contextualiza a substituição do terceiro ministro da Saúde, Pazuello, em plena pandemia. O editorialista se dedica a pôr em dúvida se a nomeação de Queiroga viria a ser uma mudança literal capaz de transformar efetivamente o cenário do enfrentamento da covid-19 no Brasil ou não. Ao narrar a passagem de Pazuello pelo ministério da saúde, o autor deixa claro o papel subserviente do então titular e seu alinhamento com o presidente. Após ter sido “esculhambado” nacionalmente pelo presidente da República, o militar respondera, também em rede nacional, provando a sua total submissão ao presidente. A sua fala aparece acompanhada por aspas em (80), por meio de uma projeção de locução hipotática.

(80) [O general Pazuello] disse apenas **que “um manda, o outro obedece”** (VALOR ECONÔMICO, 2021).

O editorialista consegue legitimar a sua tese sobre quem realmente dá as ordens ao ministério da Saúde e também conduzir o leitor a tomar sua própria conclusão a respeito da conduta de Bolsonaro. Para isso, o autor faz uso de uma voz externa que se compromete a especular sobre demora no fechamento dos acordos com os fabricantes de vacinas em (81).

(81) Bolsonaro ainda disse sobre isso **que estava esperando os fabricantes de vacinas virem lhe fazer propostas** (VALOR ECONÔMICO, 2021).

A conduta dúbia do presidente é posta em xeque pelo editorialista. O presidente só faz uso de máscaras quando necessário e faz apelos para que seus apoiadores se aglomerem em protestos contra a democracia, essa incoerência é inserida ao texto por meio de uma intensificação hipotática do tipo condição: propósito em (82).

(82) Com hospitais congestionados e uma média de 2 mil mortos diários, os bolsonaristas se aglomeraram no domingo em várias capitais **para bradar contra o lockdown de governadores e pedir a volta do regime militar** (VALOR ECONÔMICO, 2021).

Estamos agora diante de um caso de projeção de ente (gramatical), metáfora gramatical de uma projeção de locução, conforme pode ser visto em (83), em que o editorialista interpreta o que Ludhmila Hajjar, médica, candidata à vaga de ministra da saúde e rejeitada pelos apoiadores do presidente, relatara.

(83) O relato posterior de Ludhmila deixou claro **que Bolsonaro, apesar de tudo, ainda continuava à procura de um fantoche para ocupar o posto** (VALOR ECONÔMICO, 2021).

Após situar o leitor sobre fatos que envolveram a substituição de Pazuello, o editorialista dá voz ao indicado, o ministro Queiroga, em suas primeiras declarações. A fim de embasar seu argumento de que o leitor não deve esperar grandes mudanças na pasta da Saúde,

o editorialista escolheu uma declaração em que o novo ministro fez elogios ao anterior, em (84), que surge no texto realizada por intermédio de uma projeção de locução paratática.

(84) **“O ministro Pazuello tem trabalhado arduamente para melhorar as condições sanitárias do Brasil e eu fui convocado pelo presidente Bolsonaro para dar continuidade a esse trabalho”**, disse [Queiroga] (VALOR ECONÔMICO, 2021).

Considerando-se a necessidade de manutenção de uma boa base da política, a indicação da Dra. Ludhmila representaria não só apoio contra a instalação de um CPI, como também alguma mudança na Saúde ambas as vantagens que foram desperdiçadas por Bolsonaro de se manter no poder sem ser pressionado pela Câmara dos Deputados, conforme atesta um político do centrão, em (85), realizada por uma projeção de locução paratática.

(85) **Bolsonaro, porém, desperdiçou a oportunidade**, anotou um líder político do centrão, enquanto ronda no Congresso a ameaça de uma CPI da pandemia (VALOR ECONÔMICO, 2021).

A inserção de vozes externas por meio de complexos oracionais por projeção de locução foi utilizada pelo editorialista para reverberar a fala subserviente do então ministro da saúde. Ainda no campo da projeção de orações, o autor se valeu de estruturas da projeção por encaixamento para apresentar a auto isenção do presidente em relação ao gerenciamento da pandemia em seu governo.

A inclusão de voz alheia fazendo uso do complexo oracional por expansão ocorreu na oração expandida por intensificação do tipo causa propósito, em que tomamos conhecimento do objetivo dos bolsonaristas contra governadores e o apoio à mudança de regime.

5.13 Editorial 13

O editorial 13, publicado no jornal *Folha de São Paulo*, em 10/3/21, discorre sobre as consequências econômicas do país se não houvesse uma maciça campanha de vacinação. Reproduz-se, a seguir, o décimo terceiro editorial:

Caos sem vacina

Economia não volta sem imunização; Bolsonaro é responsável pela piora da crise

É estarrecedor descobrir, enquanto o país bate recordes de mortes diárias causadas pela covid-19 e faz contas aflitas para a chegada de vacinas, que o governo de Jair Bolsonaro recusou em 2020 três ofertas de imunizantes da farmacêutica Pfizer, num total de 70 milhões de doses até o final deste ano.

Conforme a Folha noticiou, um acerto com a empresa teria permitido que a vacinação dos brasileiros começasse já em dezembro passado. Até fevereiro, seriam 3 milhões de doses, o que permitiria números menos ruins hoje.

Até aqui, somente 8,7 milhões receberam uma primeira dose de imunizante, ou 5,4% da população adulta. Os que já tiveram acesso à segunda dose limitam-se a 3 milhões (1,8% dos maiores de 18 anos).

Em tal cenário, qualquer percalço pode constituir uma tragédia em potencial — atrasos na importação da Índia e o que parece ter sido um acidente na linha de produção da Fiocruz, por exemplo, deixarão o país sem ao menos 15,2 milhões de injeções neste março.

Essa escassez dramática se dá em meio a uma nova e avassaladora onda de contágios da pandemia, que, além de custar vidas aos milhares, força a volta da paralisação de atividades Brasil afora — o que trava a economia, com consequências ainda mais devastadoras para a população mais pobre e dependente do trabalho presencial.

As projeções de crescimento do Produto Interno Bruto no ano, já medíocres desde o início, estão em queda. Hoje estão pouco acima dos 3%, indicando que o país não reverterá a queda de 4,1% amargada em 2020 — e tendem a piorar se prosseguir a derrocada na saúde.

O primeiro trimestre já foi perdido, e o segundo está sob ameaça. A tortuosa política econômica do governo inspira desconfiança; a retomada depende fundamentalmente da vacinação.

O desastre produzido por Bolsonaro e por seu ajudante de ordens Eduardo Pazuello ainda pode e precisa ser atenuado. Urge importar mais vacinas já e induzir laboratórios a apresentar os dados para aprovação de seus produtos.

Os contratos com empresas desprezadas devem ser fechados imediatamente, de modo que cheguem imunizantes no segundo semestre, quando existe a ameaça real de novas ondas com novas variantes.

A acreditar no cronograma do Ministério da Saúde, até o final de maio seria possível aplicar pelo menos uma dose a cerca de 63,7 milhões de pessoas, cerca de 40% da população adulta. No entanto tal previsão ainda depende da confirmação de laboratórios nacionais.

A esta altura será ingenuidade apostar num surto de compaixão ou responsabilidade por parte de Bolsonaro. Resta esperar que o maior responsável pela crise trate de mitigar a tragédia em benefício de sua própria sobrevivência política.

Fonte: <https://cidadania23.org.br/2021/03/10/veja-as-manchetes-e-editoriais-dos-principais-jornais-hoje-10-03-2021/>

Em seguida, no quadro 35, apresentaremos os complexos oracionais com a identificação em negrito das respectivas relações que duas orações podem realizar: relações lógico-semânticas, interdependência ou encaixamento.

Quadro 36 — Seleção do complexo oracional do Editorial 13

Complexo oracional	Eixo lógico-semântico	Eixo tático	Encaixamento
(86) Conforme a Folha noticiou, um acerto com a empresa teria permitido que a vacinação dos brasileiros começasse já em dezembro passado.	Projeção de locução	Hipotaxe	
(87) A acreditar no cronograma do Ministério da Saúde, até o final de maio seria possível aplicar pelo menos uma dose a cerca de 63,7 milhões de pessoas, cerca de 40% da população adulta.	Projeção de ideia não finita	Hipotaxe	

Fonte: O autor, 2022.

5.13.1 Análise das ocorrências no editorial do editorial 13

O editorial 13 foi publicado no jornal *Folha de São Paulo* que retratava como caótica a situação na qual se encontrava o país durante o primeiro trimestre do ano de 2021, sem vacinas.

O editorialista apresenta ao leitor a situação real em que se encontra o país por conta da recusa da oferta de vacinas, no ano de 2020. Tendo como fonte da informação o próprio jornal, a fim de afiançar o que fora descoberto e está sendo exposto aos leitores, o autor se vale de uma especulação de que a vacinação já teria sido iniciada. Esta declaração é realizada por uma projeção de locução paratática em (86).

(86) Conforme a Folha noticiou, **um acerto com a empresa teria permitido que a vacinação dos brasileiros começasse já em dezembro passado** (FOLHA DE SÃO PAULO, 2021).

Por fim, o editorialista acrescenta ao seu texto com o propósito de trazer à existência o cronograma do Ministério da Saúde por intermédio de um processo mental cognitivo, acreditar, que depende da confirmação de laboratórios, que não foram feitos ainda. Convém ainda acrescentar que a escolha do processo mental “acreditar” cria no texto uma ironia com valo condicional, ou seja, se alguém for acreditar mesmo no cronograma do governo... Tão

inserção é realizada por uma projeção de locução não finita hipotática, conforme vista em (87).

(87) A acreditar no cronograma do Ministério da Saúde, **até o final de maio seria possível aplicar pelo menos uma dose a cerca de 63,7 milhões de pessoas, cerca de 40% da população adulta** (FOLHA DE SÃO PAULO, 2021).

O editorialista introduz seu texto uma voz externa tendo como fonte confiável uma edição anterior da *Folha*, por intermédio de uma projeção de locução hipotática. Por fim, o editorialista demonstra não acreditar no cronograma apresentado pelo Ministério da Saúde, sem ter a garantia de que receberá vacinas.

5.14 Editorial 14

O editorial 14, publicado no jornal *Folha de São Paulo*, em 12/3/21, disserta sobre o crescente número de mortes por covid-19. Reproduz-se, a seguir, o décimo quarto editorial:

Alerta máximo

Cabe ao cidadão redobrar cuidado na pandemia; a governantes, oferecer vacina já

Os números da marcha da covid-19 sobre o Brasil não deixam margem para dúvida, titubeio ou tergiversação: o país atravessa a pior fase da pandemia. Com o registro de mais de 2.000 mortes num único dia, as autoridades se veem forçadas a tomar medidas mais duras para conter a epidemia.

Trata-se, sem dúvida, de sacrifícios para a população — necessários, no entanto, para que se evite uma catástrofe maior enquanto a vacinação não avança o suficiente para a superação da crise.

A média móvel de mortes diárias (1.705) nos posiciona no epicentro da pandemia. Os EUA, que chegaram a ultrapassar o patamar de 3.000 óbitos diários, recuaram para 1.437 em média; convém lembrar que a população americana é pelo menos 50% maior que a brasileira.

A cifra de novos casos também nos dá a dianteira desonrosa, com 69,7 mil infecções diárias, contra 57,4 mil entre americanos.

Mais grave, vacinamos na quarta-feira (10) meros 277 mil brasileiros, sendo que em campanhas de imunização contra a gripe o SUS conseguia marcar na casa de 1 milhão de injeções diárias. Para comparação, os EUA imunizaram na mesma data 2,17 milhões de cidadãos.

Só o presidente Jair Bolsonaro ainda tenta minimizar as estatísticas trágicas, mesmo quando adere repentinamente ao uso de máscaras e posa de prócer da vacinação após um ano inteiro a sabotá-la.

Governadores acoados pela onda de internações se adaptam como podem à balbúrdia capitaneada por Bolsonaro e seu ministro da Saúde, general Eduardo Pazuello.

Como o atordoado militar a cada instante dá previsões díspares de fornecimento de vacinas, já se organizam em paralelo para tentar suprir as doses de imunizantes que o governo federal não cuidou de garantir no tempo devido.

Em carta ao Congresso, governantes de 21 unidades da Federação pleiteiam que parlamentares preencham o vácuo deixado pela Presidência e liderem um pacto nacional pela vida e pela saúde.

Pedem a criação de um comitê nacional com representação dos três Poderes e dos três níveis de administração, assessorado por especialistas, para prover a coordenação solapada pelo governo federal.

Não haverá surpresa se tal iniciativa — louvável, em seu valor de face — estiolar-se em infundáveis disputas por verbas e protagonismo.

É lamentável que seis governadores não tenham aderido a ela, sintoma de que a gravidade do flagelo não se impôs a parte significativa da classe política, incluindo líderes do Congresso Nacional, de atuação demasiado tímida.

Em Araraquara (SP), a prefeitura recorreu a um lockdown e conseguiu reverter a onda macabra de mortes. A maioria das cidades não necessitará chegar a tal extremo, mas só se as respectivas administrações não prevaricarem.

O governador paulista, João Doria (PSDB), aquiesceu aos apelos dos epidemiologistas e reverteu exceções antes abertas para atividades como cultos e jogos de futebol. Reconheceu, felizmente, que um líder verdadeiro não pode temer a impopularidade quando se trata de salvar vidas.

Até o presidente Bolsonaro, embora distante de uma guinada no comportamento criminoso diante da epidemia, por vezes parece entrever que poderá ser responsabilizado pela mortandade.

Os brasileiros, se quiserem viver, precisam dar-lhe as costas e o exemplo para fazer o que se deve: recolher-se em casa, usar máscaras e exigir vacinas o quanto antes.

As restrições são necessárias e bem-vindas neste momento, mas serão paliativos se a frente da vacinação não avançar. É preciso imunização já, para todos.

Fonte: <https://cidadania23.org.br/2021/03/12/veja-as-manchetes-e-editoriais-dos-principais-jornais-hoje-12-03-2021/>

Em seguida, no quadro 36, apresentaremos os complexos oracionais com a identificação em negrito das respectivas relações que duas orações podem realizar: relações lógico-semânticas, interdependência ou encaixamento.

Quadro 37 — Seleção do complexo oracional do Editorial 14

Complexo oracional	Eixo lógico-semântico	Eixo tático	Encaixamento
(88) Os números da marcha da covid-19 sobre o Brasil não deixam margem para dúvida, titubeio ou tergiversação: o país atravessa a pior fase da pandemia.	Expansão por Elaboração do tipo exposição	Parataxe	
(89) Como o atordoado militar a cada instante dá previsões díspares de fornecimento de vacinas, já se organizam em paralelo para tentar suprir as doses de imunizantes que o governo federal não cuidou de garantir no tempo devido.	Expansão por intensificação do tipo causa: razão	Hipotaxe	
(90) Em carta ao Congresso, governantes de 21 unidades da Federação pleiteiam que parlamentares preencham o vácuo deixado pela Presidência e liderem um pacto nacional pela vida e pela saúde.	Projeção de locução	Hipotaxe	
(91) Pedem a criação de um comitê nacional com representação dos três Poderes e dos três níveis de administração, assessorado por especialistas, para prover a coordenação solapada pelo governo federal.	Expansão por intensificação do tipo causa: propósito	Hipotaxe	

Fonte: O autor, 2022.

5.14.1 Análise das ocorrências no editorial 14

O editorial 14 foi publicado no jornal *Folha de São Paulo* com o propósito de alertar o cidadão e os governantes sobre um considerável aumento no número de mortes por covid-19. O autor insere por meio de uma expansão por elaboração paratática, o que representam os números do que considera a “marcha da covid-19” no país, cujo registro alcançou o número

de dois mil mortos num único dia, sendo considerado a pior fase, com pode ser visto em (88), que é realizada por meio de uma oração expandida por elaboração do tipo exposição.

(88) Os números da marcha da covid-19 sobre o Brasil não deixam margem para dúvida, titubeio ou tergiversação: **o país atravessa a pior fase da pandemia.**

O caos, segundo o jornal, se instalou no país e não havia informações seguras por parte do Ministério da Saúde no que se refere ao cumprimento de algum cronograma. O autor adiciona uma voz externa em seu discurso por intermédio de uma extensão por intensificação do tipo causa: propósito em (89), já que a inação por parte do governo federal resultou em ação por parte de demais autoridades.

(89) Como o atordoado militar a cada instante dá previsões díspares de fornecimento de vacinas, **já se organizam em paralelo para tentar suprir as doses de imunizantes que o governo federal não cuidou de garantir no tempo devido** (FOLHA DE SÃO PAULO, 2021).

Por não poder contar com ações positivas por parte do governo federal, governadores de 21 Estados formalizaram um pedido ao Congresso de autorização para agirem nas áreas que seriam de competência federal. O autor acrescenta esse pedido em sua argumentação, que é realizado por uma projeção de locução em (90).

(90) Em carta ao Congresso, governantes de 21 unidades da Federação pleiteiam **que parlamentares preencham o vácuo deixado pela Presidência e liderem um pacto nacional pela vida e pela saúde** (FOLHA DE SÃO PAULO, 2021).

Na carta encaminhada ao Congresso, consta a criação de um comitê nacional para desempenhar a função que deveria ser do governo federal na área da gestão e no combate à pandemia. O objetivo do comitê é incorporado ao texto como uma voz alheia por intermédio de uma extensão por intensificação do tipo causa: propósito em (91).

(91) Pedem a criação de um comitê nacional com representação dos três Poderes e dos três níveis de administração, assessorado por especialistas, **para prover a coordenação solapada pelo governo federal** (FOLHA DE SÃO PAULO, 2021).

A expansão de uma oração por elaboração permitiu ao editorialista agregar uma voz externa em seu discurso que constata que o país atravessava a pior crise durante a pandemia. A expansão por intensificação do tipo causa: razão, por outro lado, propiciou acrescentar a voz alheia referente ao que a sociedade está se organizando para agir na área do governo federal por meio de um comitê. A oração por intensificação do tipo causa: propósito incorporou ao argumento do editorialista uma voz externa a respeito das finalidades do citado comitê.

A projeção de oração garantiu a inclusão das reivindicações dos 21 governadores que pleitearam ao registrar em carta ao Congresso com relação à inércia do governo federal no combate à pandemia.

5.15 Editorial 15

O editorial 15, publicado no jornal *O Globo*, em 24/3/21, aborda as dificuldades de articulação entre os poderes ao longo da pandemia. Reproduz-se, a seguir, o décimo quinto editorial:

Momento crítico da pandemia exige articulação entre esferas de poder

Não custa lembrar que o presidente Jair Bolsonaro acionou o Supremo contra o toque de recolher decretado por governadores

A desconcertante falta de coordenação entre os governos no combate à pandemia de covid-19 no Brasil levou a Organização Mundial da Saúde (OMS) a fazer um alerta às autoridades do país. “O número de casos aumenta, o número de mortes aumenta. O Brasil tem de levar isso a sério, seja o governo ou o povo”, disse o diretor-geral da OMS, Tedros Adhanom. “É um esforço conjunto de todos os atores que realmente reverterá a tendência de crescimento, que está muito rápida e se acelerando muito.”

A desarticulação entre as esferas de poder é flagrante. Não custa lembrar que o presidente Jair Bolsonaro acionou o Supremo contra o toque de recolher decretado pelos governadores da Bahia, Rui Costa; do Distrito Federal, Ibaneis Rocha; e do Rio Grande do Sul, Eduardo Leite — ação rejeitada ontem pelo ministro Marco Aurélio, como todos esperavam, inclusive o próprio governo. Ele viu na ação um “erro grosseiro”: não ter sido assinada pela Advocacia-Geral da União. Bolsonaro queria mesmo era marcar posição contra as restrições, eficazes para reduzir o contágio e, conseqüentemente, a pressão sobre a rede de saúde.

Fica difícil esperar ação coordenada entre Ministério da Saúde, estados e municípios se o próprio presidente Jair Bolsonaro não parece preocupado com isso. A troca do general Eduardo Pazuello pelo cardiologista Marcelo Queiroga na Saúde foi anunciada no dia 15 de março, mas Queiroga só tomou posse ontem, oito dias depois. Deixou um vácuo de poder de uma semana no momento mais crítico da pandemia, quando é fundamental diálogo permanente entre as esferas federal, estadual e municipal para resolver problemas urgentes, como falta de oxigênio ou remédios para entubação, cujos estoques estão em níveis críticos.

Falta também entendimento entre estados e municípios. O governador fluminense, Cláudio Castro, tem tido atritos com os prefeitos do Rio, Eduardo Paes, e de Niterói, Axel Grael, sobre as medidas de restrição. Depois das críticas de Paes, Castro autorizou que cidades adotem medidas mais restritivas que o estado. Em São Paulo, também houve curto-circuito entre o governador João Doria e o prefeito da capital, Bruno Covas. Doria disse que faltou bom senso à decisão de Covas de antecipar feriados sem acordo com prefeitos das cidades litorâneas.

Está claro que não se vencerá o vírus com bateção de cabeça. É sabido que o governo federal desde o início da pandemia abriu mão de exercer a liderança, fundamental para a coordenação. Foi o que levou estados e municípios, respaldados pelo STF, a tomar suas próprias decisões, cada um a seu jeito. A troca de ministro na Saúde pode ser uma oportunidade para estabelecer um mínimo de coordenação. Também no âmbito dos estados, é preciso haver consenso. Não faz sentido que cidades de uma mesma região metropolitana, que têm dinâmicas semelhantes, adotem medidas distintas para combater o vírus. Gestores deveriam entender que o momento é grave demais para dissensões.

Fonte: <https://cidadania23.org.br/2021/03/24/veja-as-manchetes-e-editoriais-dos-principais-jornais-hoje-24-03-2021/>

Em seguida, no quadro 37, apresentaremos os complexos oracionais com a identificação em negrito das respectivas relações que duas orações podem realizar: relações lógico-semânticas, interdependência ou encaixamento.

Quadro 38 — Seleção do complexo oracional do Editorial 15

Complexo oracional	Eixo lógico-semântico	Eixo tático	Encaixamento
(92) “O número de casos aumenta, o número de mortes aumenta. O Brasil tem de levar isso a sério, seja o governo ou o povo” , disse o diretor-geral da OMS, Tedros Adhanom.	Projeção de locução	Parataxe	
(93) “É um esforço conjunto de todos os atores que realmente reverterá a tendência de crescimento, que está muito rápida e se acelerando muito.” [disse também]	Projeção de locução	Parataxe	
(94) Depois das críticas de Paes, Castro autorizou que cidades adotem medidas mais restritivas que o estado.	Projeção de locução	Hipotaxe	
(95) Doria disse que faltou bom senso à decisão de Covas de antecipar feriados sem acordo com prefeitos das cidades litorâneas.	Projeção de locução	Hipotaxe	
(96) É sabido que o governo federal desde o início da pandemia abriu mão de exercer a liderança, fundamental para a coordenação.	Projeção de Fato		Encaixamento

Fonte: O autor, 2022.

5.15.1 Análise das ocorrências no editorial 15

O editorial 15 foi publicado no jornal *O Globo* para registrar recorde de 3.158 mortes por covid em um só dia, alcançado em dia 24 de março de 2021, segundo fontes do próprio jornal. A Organização Mundial da Saúde (OMS) fizera um alerta ao país e o editorialista inclui por citação em seu argumento duas falas do diretor-geral da instituição com o propósito de trazer a avaliação de uma autoridade externa ao país. Essas duas falas são acrescentadas por meio de duas projeções de locução paratáticas em (92) e (93).

(92) **“O número de casos aumenta, o número de mortes aumenta. O Brasil tem de levar isso a sério, seja o governo ou o povo”**, disse o diretor-geral da OMS, Tedros Adhanom.

(93) **“É um esforço conjunto de todos os atores que realmente reverterá a tendência de crescimento, que está muito rápida e se acelerando muito.”** [disse também] (O GLOBO, 2021).

Os desajustes se refletem também no relacionamento entre governadores e prefeito. A fim de atestar a informação de seu argumento, o editorialista inclui em seu texto um recuo estratégico tomado pelo governador do Rio de Janeiro, aliado político do presidente, após sofrer críticas do prefeito do Rio. A autorização que garante a autonomia dos prefeitos do interior do estado é respaldada pelo STF. Essa discordância também ocorre entre os governantes do Estado e da cidade de São Paulo. Tanto o comando do governador do Rio quanto a crítica do governador de São Paulo são realizados, respectivamente, na léxico-gramática por meio de projeções de locução hipotática em (94) e em (95). Tais inserções serviram ao propósito argumentativo de comprovar as informações apresentadas pelo editorialista.

(94) Depois das críticas de Paes, Castro autorizou **que cidades adotem medidas mais restritivas que o estado.**

(95) Doria disse **que faltou bom senso à decisão de Covas de antecipar feriados sem acordo com prefeitos das cidades litorâneas** (O GLOBO, 2021).

Por fim, estamos diante de uma projeção fato por encaixamento em (96), que contém uma voz externa. A acusação de abandono da coordenação nacional por parte do governo federal é difundida não só no país como no mundo. Essa denúncia serviu de argumentação para o editorialista defendesse a ideia de que existe uma desordem nas tentativas de contenção da pandemia e para que o autor faça sua avaliação sobre os últimos acontecimentos, contando com o status de instituição confiável do veículo de comunicação.

(96) É sabido **que o governo federal desde o início da pandemia abriu mão de exercer a liderança, fundamental para a coordenação** (O GLOBO, 2021).

As orações projetadas de locução ou por encaixamento permitiram ao editorialista a inserção de vozes externas ao seu texto que contribuíram em sua argumentação da seguinte forma, segundo a ordem que aparecem no editorial: as projeções de locução iniciadas contaram com a fala do diretor-geral da Organização Mundial da Saúde (OMS), representando uma autoridade de grande peso no mundo no que se referem às recomendações para controle da pandemia.

Ao iniciar a abordagem sobre a desarticulação de ações no país, o editorialista agrega vozes de governantes das principais cidades do país por meio de projeções de locução. Por fim, surge um episódio de conhecimento geral e o acrescenta por meio de uma projeção de ideia fato por encaixamento.

5.16 Editorial 16

O editorial 16 foi publicado no jornal *O Globo*, em 9/10/21, e discorre sobre uma cobrança relativa aos trabalhos da Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI), no que se refere à responsabilização de agentes públicos pelas 600 mil mortes por covid-19 no país.

CPI precisa apontar responsabilidades pelas 600 mil mortes

É um dever cívico da comissão explicar aos brasileiros tamanha barbaridade

A marca macabra de 600 mil mortos pela covid-19, alcançada ontem pelo Brasil, contingente superior à população de Juiz de Fora, em Minas Gerais, dá a dimensão exata do desastre que foi — e continua sendo — a gestão da pandemia do novo coronavírus pelo governo de Jair Bolsonaro.

É verdade que hoje o número de mortes (inferior a 500 por dia) está em declínio, graças ao avanço da vacinação. Em setembro, mais da metade dos 5.570 municípios do país não registrou nenhum óbito, o que é um alento. Cerca de 70% dos brasileiros já receberam a primeira dose, e quase 50% foram totalmente imunizados.

Esse recuo só reforça como foi irresponsável e temerária a demora do governo em acordar para a importância da vacinação. Vacina nunca foi prioridade no país em que o presidente da República até hoje não se vacinou e sabotou a campanha de imunização, brincando até que os vacinados poderiam virar jacaré. O governo estava mais preocupado em propagandar medicamentos ineficazes contra a covid-19, como cloroquina ou ivermectina. E em

incentivar a descabida “imunidade de rebanho”, estimulando que todos saíssem às ruas para se contaminar.

Como mostrou a CPI da covid, as ofertas de vacinas feitas pela Pfizer para entrega ainda em 2020 foram desprezadas pelo então ministro da saúde, Eduardo Pazuello. A CoronaVac, que sustentou o início da campanha, foi torpedeada por Bolsonaro. Enquanto cozinhava em banho-maria propostas de laboratórios idôneos, o governo recebia no Ministério da Saúde, em negociações subterrâneas, aventureiros que ofereciam vacinas que não tinham. Ao mesmo tempo, teve pressa em firmar um nebuloso contrato de R\$ 1.6 bi para compra da indiana Covaxin, que acabou cancelado após denúncias de irregularidades.

Os efeitos perversos de tudo isso são conhecidos. Por falta de doses, compradas tardiamente, a vacinação custou a deslanchar. Enquanto isso, brasileiros morriam aos milhares. Em depoimento à CPI da covid, em junho, o epidemiologista Pedro Hallal, da Universidade Federal de Pelotas, calculou que 400 mil mortes poderiam ter sido evitadas com a celeridade na vacinação e medidas de controle — na época, o país somava 508 mil mortes.

Não deixa de ser simbólico que o Brasil chegue aos 600 mil mortos no momento em que a CPI da covid se prepara para encerrar seus trabalhos, após 163 dias. O relatório será apresentado em 19 de outubro. Apesar dos exageros, de discussões inócuas e depoimentos irrelevantes, a comissão dissecou para o país os erros, as omissões e os crimes que nos levaram a ostentar o segundo maior número de mortes em todo o planeta. Nesse rosário de horrores, nenhuma conta está ali por acaso.

A dimensão da hecatombe joga mais responsabilidade sobre a CPI. Espera-se, no mínimo, que os crimes sejam apontados, e os responsáveis indiciados, independentemente dos cargos que ocupam. Sabe-se que, com Augusto Aras na Procuradoria-Geral da República, dificilmente haverá punição à cúpula do governo. Não importa. A CPI tem obrigação de explicar aos brasileiros por que produzimos a maior tragédia sanitária do país e de apontar todos os responsáveis. É um dever cívico. Para usar as palavras do próprio presidente Jair Bolsonaro, “a História e a ciência saberão responsabilizar a todos”.

Fonte:(CPI precisa apontar responsabilidades pelas 600 mil mortes (Editorial). O Globo. Rio de Janeiro, 9 de outubro de 2021. Ano XCVII nº 32.205. Pág 2. 2021)

Em seguida, no quadro 38, apresentaremos os complexos oracionais com a identificação em negrito das respectivas relações que duas orações podem realizar: relações lógico-semânticas, interdependência ou encaixamento.

Quadro 39 — Seleção do complexo oracional do Editorial 16

Complexo oracional	Eixo lógico-semântico	Eixo tático	Encaixamento
(97) Como mostrou a CPI da covid, as ofertas de vacinas feitas pela Pfizer para entrega ainda em 2020 foram desprezadas pelo então ministro da saúde, Eduardo	Projeção de locução	Hipotaxe	

Pazuello.			
(98) Em depoimento à CPI da covid, em junho, o epidemiologista Pedro Hallal, da Universidade Federal de Pelotas, calculou que 400 mil mortes poderiam ter sido evitadas com a celeridade na vacinação e medidas de controle — na época, o país somava 508 mil mortes.	Projeção de ideia	Hipotaxe	
(99) Sabe-se que, com Augusto Aras na Procuradoria-Geral da República, dificilmente haverá punição à cúpula do governo.	Projeção de fato		Encaixamento
(100) Para usar as palavras do próprio presidente Jair Bolsonaro, “a História e a ciência saberão responsabilizar a todos”.	Projeção de locução	Parataxe	

Fonte: O autor, 2022.

5.16.1 Análise das ocorrências no editorial 16

O editorialista inicia o parágrafo ambientando o leitor sobre o tema que é o alcance do triste número de 600 mil mortos pela covid-19 no país, apresentando, ainda, a diminuição do número de casos de mortes. O foco do editorialista é que o leitor perceba que a vacinação tem influência direta nesses dados.

Na sequência, o editorialista expõe outros dados sobre a vacinação a partir de fontes externas não identificadas. No quarto parágrafo, as revelações da CPI da covid durante sua atuação são apontadas no texto. Este parágrafo dedica-se às ações do governo que contribuíram para o crescente número de mortes, nele nos deparamos com uma projeção hipotática de locução, conforme pode ser visto a seguir em (97).

(97) Como mostrou a CPI da covid, **as ofertas de vacinas feitas pela Pfizer para entrega ainda em 2020 foram desprezadas pelo então ministro da saúde, Eduardo Pazuello** (O GLOBO, 2021).

Temos em (98) a inclusão de uma voz externa revelando-nos um comentário extraído do relatório da CPI (a fonte da informação), que investigou o assunto e cuja presença no texto

dá credibilidade aos argumentos do editorialista. A hipótese sugerida no depoimento é realizada na léxico-gramática por meio de uma oração projetante, que contém o processo mental cognitivo calcular. Embora o epidemiologista estivesse verbalizando seu depoimento, nele fora construída uma realidade semiótica que foi trazida à tona pelo enunciador. Em outras palavras, a ideia de ter pelo menos “400 mil mortes evitadas com a celeridade na vacinação e medidas de controle” foi criada pelo epidemiologista por um processo de calcular (examinar por antecipação). Portanto, a ideia não existia antes do início desse processo (calcular) (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2006, p.134).

(98) Em depoimento à CPI da covid, em junho, o epidemiologista Pedro Hallal, da Universidade Federal de Pelotas, calculou **que 400 mil mortes poderiam ter sido evitadas com a celeridade na vacinação e medidas de controle — na época, o país somava 508 mil mortes** (O GLOBO, 2021).

É difícil atestar se haverá punição ou não aos integrantes do governo que contribuíram para que se chegasse ao número de mais de 600 mil mortes. O próprio editorialista incorpora em seu texto uma voz externa de consenso geral em (99), realizada por meio de uma projeção de fato por encaixamento. Entretanto, sendo ou não o presidente responsabilizado criminalmente pelo número de mortes por covid em nosso país, o editorialista faz uso de uma citação do próprio presidente (100) para nos confirmar que a História será implacável em indicar os responsáveis. Para melhor compreender o excerto a seguir, realizado por meio de uma projeção de locução paratática, faz-se necessário considerar a forma como o autor se referiu à marca de 600 mil mortes ao longo do texto.

Essas formas estão presentes nas seguintes estruturas temáticas: “a marca macabra de 600 mil mortes pela covid-19” (1º parágrafo), “os efeitos perversos de tudo isso” (indiretamente tratando dos mortos, no 5º parágrafo), “não deixar de ser simbólico” (tratando o número total e expressivo como simbólico, no 6º parágrafo) e como “a dimensão da hecatombe”, no último. Tais escolhas não foram aleatórias para o contexto de situação do texto e reforçam a ideia defendida pelo editorial de que Bolsonaro tem responsabilidade direta no elevado número de mortes.

(99) Sabe-se **que, com Augusto Aras na Procuradoria-Geral da República, dificilmente haverá punição à cúpula do governo.**

(100) Para usar as palavras do próprio presidente Jair Bolsonaro, “**a História e a ciência saberão responsabilizar a todos**” (O GLOBO, 2021).

A inserção de vozes externas por meio de combinação de orações projetadas de locução permitiu ao editorialista dar mais credibilidade às afirmações feitas. A projeção de ideia utilizada pelo editorialista no texto facilitou a incorporação de algo que havia sido pensado pelo depoente na CPI sobre a possibilidade de se evitar mortes. Por fim, a projeção

de fato por encaixamento contribuiu para registrar um consenso no país de como parte da população não acredita que o atual procurador geral da República cumprirá suas atribuições.

5.17 Tabulação das ocorrências e resultados

Apresentaremos o resumo do quantitativo de complexos oracionais que permitiram a inserção de vozes externas em dezesseis editoriais analisados nesta dissertação, na tabela 1. A numeração de cada editorial corresponde a mesma ordem em que aparecem os 16 textos do *corpus* de análise e a tabela registra, na linha horizontal, a quantidade de vezes em que a introdução das vozes alheias se deu no eixo lógico-semântico por expansão, subdivididas em extensão, elaboração, intensificação; e no eixo tático, por hipotaxe ou por parataxe; ou ainda se a expansão ocorreu por encaixamento. A incorporação de vozes externas pode também ter ocorrido no eixo lógico-semântico por projeção, dividida em projeção de locução ou projeção de ideia; e no eixo tático, se foi por hipotaxe ou se foi por parataxe. Com relação aos encaixamentos na projeção, se ocorreram na projeção de locução, na projeção de ideia, por oração-fato, ou por nome.

Nos dezesseis editoriais — quatro do jornal *O Globo*, quatro do *Estado de São Paulo*, quatro da *Folha de São Paulo* e quatro do *Valor Econômico* — foram encontradas 19 inserções por meio do processo de expansão de orações e 81 por intermédio do processo de projeção de orações. A tabela 2 registra não só o quantitativo de complexos oracionais correspondente a cada subdivisão do eixo lógico-semântico para expansão e projeção, como também o percentual de ocorrências. Por fim, na tabela 3, aparecem separados por classificação dos tipos de ocorrências de expansão de orações: extensão, elaboração e intensificação; o mesmo ocorrendo na projeção: por locução, por ideia e por encaixamentos: de locução, de ideia, de fato e de nome.

5.18 Análise dos resultados

A tabela 2 mostra-nos que, nos textos dos editoriais analisados, foram empregados, como um dos recursos mais recorrentes para a inclusão de vozes externas, o uso de projeções

de locução, já que o procedimento tem o propósito de reforçar a confiança do editorialista por meio de testemunho ou opinião de autoridades sobre um dado assunto.

A escolha pelo eixo tático da hipotaxe nas projeções de locução, constituindo relações de dependência entre as orações, requer mais cuidado por parte do produtor para construir o texto e mais esforço por parte dos leitores para interpretá-lo do que requereria a escolha pela parataxe (EGGINS, 2004). O uso do eixo tático da hipotaxe nas projeções de locução representou a maior incidência com 80,24% de inserções por esse expediente, sendo 65,53% por hipotaxe e 11,11% por parataxe.

A opção pelo eixo tático paratático nas projeções de locução, estabelecendo citações (sendo a segunda construção com maior número de ocorrências), mantém as duas orações com igual status como figuras independentes. Halliday e Matthiessen (2006) entendem que a figura citada é projetada como se ainda fosse parte da mesma realidade da primeira ordem.

A projeção de locução por hipotaxe permite ao produtor do texto que sua estratégia argumentativa seja embasada em depoimentos de autoridades ou que seja apresentada a fonte diretamente, retirando do editorialista a responsabilidade do que fora dito. Por outro lado, o conteúdo introduzido passa por um “filtro” do redator, dependendo da intenção, da filosofia ou da ideologia do veículo de comunicação. Logo pode-se retirar, avaliar, criticar, elogiar o que fora dito, artifício facilmente percebido por um leitor proficiente.

Já o uso de projeção de locução por parataxe, na qual o que está sendo citado se aproxima ao máximo do que realmente fora dito, é um recurso para assegurar confiança e credibilidade ao que está sendo discutido no editorial, bem como para comprovar o que determinada autoridade dissera. Com relação aos textos do *corpus*, o que poderia parecer duvidoso de que tivesse sido dito pela autoridade máxima do país, é de fato ser apresentado aos leitores entre aspas para se comprovar que não sofreu modificações ou fora suavizado.

O segundo recurso mais usado para o acréscimo de vozes externas está na opção por expansão por elaboração (12), o equivalente a 63,15%, expansão por intensificação (6), o equivalente a 1,57%, totalizando 19 tipos. As vozes adicionadas por esse expediente retratam fatos ocorridos (ou a vir a ocorrer, em um deles).

Projeção de ideia, na quase totalidade pelo eixo tático por hipotaxe, representou 11,11%. Convém destacar que estamos tratando da inserção do pensamento de alguém no discurso. Isto só é possível por meio de processos mentais do tipo lembrar, estimar, prever, calcular, defender, saber, descobrir etc. (processos do *corpus*) realizados por humanos (o experienciador) que constroem algo por meio de uma realidade semiótica (o fenômeno), pois, fenômeno é a categoria experiencial mais ampla — tudo que pode ser construído como parte

da experiência humana. Os fenômenos de experiência são de três ordens de complexidade: elementar (um simples elemento), configuração (de elementos, ou seja, uma figura) e complexo (um complexo de figuras, isto é, uma sequência). Portanto, com o auxílio de um processo cognitivo algo, um ato ou um fato, são postos à existência por um enunciador (o editorialista) de acordo com suas intenções argumentativas.

Os editoriais se valem de um recurso para a inserção de vozes externas que a GT denomina orações subordinadas adverbiais conformativas, indicando a fonte da informação e, dessa forma, também tirando do produtor do texto a responsabilidade de certas proposições feitas. Sob a perspectiva da GSF, os complexos oracionais correspondentes às orações conformativas foram analisados como projeções de orações verbais ou mentais. A indicação da fonte é considerada uma circunstância de ângulo (fonte ou opinião) da projeção e, como a relação no eixo tático se estabelece de diferente estatuto, indica-se uma relação de dominante + dependência, a hipotaxe.

5.19 Lista dos tipos de relações lógico-semânticas que possibilitaram a inserção de vozes externas

Expansão por:

- elaboração — exemplo extraído do editorial 1:

Enquanto o Brasil registra as primeiras mortes provocadas pela covid-19, o governo Jair Bolsonaro toma, em meio a um discurso errático, suas primeiras medidas mais drásticas — entre **as quais se destaca, pela carga simbólica, o pedido ao Congresso de reconhecimento do estado de calamidade pública.** (FOLHA DE SÃO PAULO, 2020)

- elaboração não finita — exemplo extraído do editorial 7:

Mencionando detalhes da gestão Bolsonaro, o texto cita números do Instituto Nacional de Pesquisa Espacial (Inpe) sobre aumento das queimadas na Amazônia (O ESTADO DE SÃO PAULO, 2020).

- elaboração por encaixamento — exemplo extraído do editorial 11:

Grave também é a revelação **de que o governo federal está decidido a exercer toda sua capacidade de pressionar os laboratórios a fim de travar a venda de vacinas para Estados e municípios**, mesmo que a legislação permita a descentralização do combate à doença (VALOR ECONÔMICO, 2021).

- extensão (encaixamento) — exemplo extraído editorial 1:

A providência vai ao encontro **do que defendeu esta Folha**, mas ainda carece de detalhamento. (FOLHA DE SÃO PAULO, 2020)

- intensificação do tipo causa propósito — exemplo extraído do editorial 1:

O presidente Jair Bolsonaro usou seu tempo **para defender medidas para estimular a economia e destacar os supostos progressos no desenvolvimento de uma droga à base de hidroxicloroquina para conter o novo coronavírus** (ESTADÃO, 2020).

- intensificação do tipo causa: razão — exemplo extraído do editorial 14:

Como o atordoado militar a cada instante dá previsões díspares de fornecimento de vacinas, **já se organizam em paralelo para tentar suprir as doses de imunizantes que o governo federal não cuidou de garantir no tempo devido** (FOLHA DE SÃO PAULO, 2021).

- intensificação do tipo condição: concessiva — exemplo do editorial 6:

Embora tenha negado que estivesse fazendo críticas à adoção da quarentena, o secretário de Política Econômica, Adolfo Sachsida, disse, (O ESTADO DE SÃO PAULO, 2020)

Projeção de:

- locução — exemplo extraído do editorial 11:

[O presidente] disse **que é hora de deixar de “mimimi” e “frescura”** (VALOR ECONÔMICO, 2021).

- locução não finita — exemplo extraído do editorial 11:

[O presidente] Queixou-se **de ter sua autoridade “castrada” pelo STF (...)** (VALOR ECONÔMICO, 2021).

- locução por encaixamento — exemplo extraído do editorial 2:

Espera-se que tenha ouvido o barulho dos painéis, replay dos ocorridos em 2016 na fase de agravamento da crise cujo desfecho foi a aprovação do impeachment de Dilma pelo Congresso. Inclusive o de ontem à noite, enquanto, em rede nacional, voltava a defender a delirante tese **de que a covid-19 só é perigosa para idosos, sendo inofensiva para o resto da população** (O GLOBO, 2020).

- ideia — exemplo extraído do editorial 11:

No próprio Ministério da Saúde, projeta-se **que o número de mortes por covid-19 ultrapasse a barreira dos três mil por dia** (VALOR ECONÔMICO, 2021).

- ideia não finita — exemplo extraído do editorial 13:

A acreditar no cronograma do Ministério da Saúde, **até o final de maio seria possível aplicar pelo menos uma dose a cerca de 63,7 milhões de pessoas, cerca de 40% da população adulta** (FOLHA DE SÃO PAULO, 2021).

- ideia por encaixamento — exemplo extraído do editorial 5:

A bravata foi convenientemente esquecida, e os dispêndios realizados por meio do mimo presidencial permaneceram incógnitos mesmo quando o Supremo Tribunal Federal, em 7 de novembro, considerou inconstitucional um dispositivo do regime militar **que permitia à Presidência manter segredos do gênero**. (FOLHA DE SÃO PAULO, 2020)

- nome — exemplo extraído do editorial 8:

A questão se torna mais grave diante do anúncio **de que o governo iria recontar o número de mortos** (O GLOBO, 2020).

- fato — exemplo extraído do editorial 11:

A projeção mais pessimista resulta **do que se considera a tempestade perfeita: a rápida disseminação do vírus na segunda onda, a dificuldade de a população manter-se em isolamento social, a circulação de novas variantes mais contagiosas e com grande carga viral, o colapso do sistema hospitalar em diversos Estados, além da falta de vacinas** (VALOR ECONÔMICO, 2021).

Tabela 1 — Quantificação dos tipos de combinações de orações no *corpus* da pesquisa

EXPANSÃO							PROJEÇÃO							
Editoriais	Eixo Lógico-Semântico			Eixo tático		Expansão por Encaixamento	Eixo Lógico-Semântico		Eixo Tático		Projeção por Encaixamento			
	Expansão			Hipotaxe	Parataxe		Projeção		Hipotaxe	Parataxe	Locução	Ideia	Fato	Nome
	Extensão	Elaboração	Intensificação				de locução	de ideia						
Nº 1	1	1		1		1	1		1					
Nº 2		3		1		2					1			
Nº 3			1	1			5		2	3				
Nº 4							5	1	3	3				
Nº 5							5	2	5	2		1		
Nº 6		1	2	3			10	2	6	6				
Nº 7		1		1			4			4				
Nº 8							8		8					1
Nº 9		1		1			2		1	1				
Nº 10							1		1					1
Nº 11		4		1		3	11	2	10	3			1	
Nº 12			1	1			5		3	2				
Nº 13							1	1	2					
Nº 14		1	2	2	1		1		1					
Nº 15							4		2	2			1	
Nº 16							2	1	2	1			1	

Fonte: O autor, 2022.

Tabela 2 — Quantificação percentual dos tipos de combinações de orações no *corpus* da pesquisa

PERCENTUAL GERAL POR EXPANSÃO E PROJEÇÃO				PERCENTUAIS POR INTERDEPENDÊNCIA						
					Total	%		Total	%	
Eixo lógico-semântico	Expansão	19		→	Parataxe	1	5,56	Hipotaxe	18	94,73
	Projeção	81		→	Parataxe	25	30,86	Hipotaxe	40	49,38
Expansão por	Extensão	1	5,26%	→	Parataxe	-	-	Hipotaxe	-	-
	Elaboração	12	63,15%	Eixo tático	Parataxe	1	8,33	Hipotaxe	10	83,33
	Intensificação	6	31,57%		→	Parataxe	-	-	Hipotaxe	6
Projeção de	Locução	65	80,24%	→	Parataxe	25	41,53	Hipotaxe	40	61,53
	Ideia	9	11,11%	→	Parataxe	1	11,11	Hipotaxe	8	88,88

PERCENTUAIS POR ENCAIXAMENTOS			
	Encaixamentos	13	
Encaixamentos	Expansão	6	46,15%
	Projeção ideia	1	7,69%
	Projeção locução	1	7,69%
	Projeção fato	3	23,07%
	Projeção nome	2	15,38% 1

Fonte: O autor, 2022.

Tabela 3 — Detalhamento dos tipos de combinações de orações no *corpus* da pesquisa

EXPANSÃO			Total de ocorrências em 16 editoriais	PROJEÇÃO		Total de ocorrências em 16 editoriais
Extensão	adição		1	Locução	citação	26
	contraste		-		relato	46
	variação		-	Ideia	citação	1
	alternância		-		relato	7
Elaboração	exposição		3	ENCAIXAMENTO		
	descrição		7	Expansão		6
	clarificação		2	Projeção	de locução	1
Intensificação	modo	comparação	-		de ideia	1
		meio	-		de fato	3
	temporal	mesmo tempo	-		de nome	2
		tempo diferente: depois	-			
		tempo diferente: antes	-			
	espacial	mesmo lugar	-			
	causal condicional	causa: razão	1			
		causa: propósito	4			
		causa: resultado	-			
		condição positiva	-			
condição negativa						
	condição: concessiva	1				

Fonte: O autor, 2022.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A dissertação apresentada teve por objetivo ser mais uma ferramenta de ampliação das perspectivas sobre os estudos da combinação de orações. A visão funcionalista de Halliday em sua GSF permitiu lançar um novo olhar sobre os processos de articulação de orações a partir de uma abordagem semântica.

Uma questão importante a ser destacada é a ampliação do limite do período, definido pela GT pelo ponto final, ponto de interrogação, exclamação ou reticências. Para Halliday (1994), o complexo oracional pode avançar esses limites no texto escrito, justificando que, se o mesmo texto fosse verbalizado, a compreensão do ouvinte sobre possíveis relações lógico-semânticas ali existentes ultrapassaria os limites impostos pela pontuação.

Ter nos afastado da dicotomia coordenação x subordinação na formação de períodos compostos foi importante para a conclusão da pesquisa, pois conforme nos adverte Azeredo em sua *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa* (2018), “a tradicional unidade máxima da análise — a oração — perdeu este status e passou a ser descrita no contexto maior de sua ocorrência”, o que vai ao encontro do que vemos na gramática de Halliday, que leva em consideração em uma análise a língua em uso em um dado contexto.

Em vez de considerar a língua simplesmente como um conjunto de estruturas, a LSF nos permitiu explorar o funcionamento da língua como forma de expressão e de combinação de ideias, interação com os outros e organização de textos (falados ou escritos). Esse novo olhar sobre a articulação de orações e seu potencial para veiculação de vozes externas é muito útil para o processo de aprendizagem da escola básica e pode ser empregado com o objetivo de alcançar a proficiência na leitura dos alunos e ajudá-los na tarefa de produção textual.

Por fim, a análise confirmou a hipótese levantada de que as vozes externas realizadas por meio das relações lógico-semânticas de projeção de locução, por intermédio do eixo tático hipotático e paratático, seriam de maior incidência em editoriais de jornais. Proporcionou-nos também conhecer outras estruturas léxico-gramaticais no referido gênero, como a expansão de orações, que promove o acréscimo de voz externa, atingindo, dessa forma, o propósito principal.

Os objetivos específicos foram igualmente alcançados, uma vez que foram identificados 100 recursos léxico-gramaticais responsáveis pela identificação de vozes externas nos 16 editoriais. Relacionamos a incidência das vozes indetificadas ao propósito

social do gênero editorial e identificamos as estruturas do complexo oracional concebido por Halliday e que foram responsáveis pela veiculação de vozes nos editoriais do *corpus*.

Certamente, uma análise em *corpora* que pertençam à “família” dos gêneros jornalísticos de natureza argumentativa será fundamental para examinar se os resultados obtidos aqui são recorrentes (ou não) em textos inseridos em outros contextos. Essa observação viabilizará uma investigação mais ampla, objeto de outros estudos futuros, uma vez que o potencial de significado dos dados em uma língua propicia novas perspectivas de investigação.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Antônio Suárez. Coordenação e subordinação-uma proposta de descrição gramatical. **ALFA: Revista de Linguística**, v. 41, p. 13-37. 1997. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/107747>. Acesso em: nov. 2021.
- ADAM, Jean Michel. **Textos: tipos e protótipos**. São Paulo: Editora Contexto, 2019.
- ANTUNES, C. Irandé. **Gramática contextualizada: limpando “o pó das ideias simples”**. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.
- ANTUNES, C. Irandé. **Textualidade: noções básicas e implicações pedagógicas**, São Paulo: Parábola Editorial, 2017.
- AZEREDO, José Carlos de. **Gramática Houaiss da Língua Portuguesa**. São Paulo: Publifolha, 2018.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BATISTA, Ronaldo de O. (org.). **O texto e seus contextos**. São Paulo: Parábola, 2016.
- BUT, David et al. **Using function grammar: an explorer's guide**. 2nd. ed. Sidney: Macquarie University, 2004.
- CABRAL, Sara Regina Sotta *et al* (org.). Lista de termos da linguística sistêmico-funcional em português brasileiro : léxico-gramática. **Organon**, Porto Alegre, RS, v. 36, n. 71, p. 483-495, 2021. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/114042>. Acesso em: 4 jun. 2022.
- CASTILHO, Atabila T. de. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2014.
- Cidadania 23 “C”** 2021. Disponível em: <https://cidadania23.org.br/tag/jornais/>. Acesso em: 5 nov. 2021
- CRESWELL, John.W. **Research design: qualitative and quantitative approaches**. London: Sage publications, 1994.
- CUNHA, Maria Angélica F; TAVARES, Maria A. (org.). **Funcionalismo e ensino de gramática**. Natal: EDUFRN, 2016.
- DIK, Simon C. **Functional grammar**. Dordrecht-Holland; Cinnaminson: Foris Publications, 1978.
- DUTRA, Vania Lúcia R; SILVA, Liliene M. N. P. O Ensino de Língua na Escola Básica – Orientação Funcional. *In: SILEL. Anais do SILEL*. v. 2, n. 2. Uberlândia: EDUFU, 2011. Disponível em: http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/wp-content/uploads/2014/04/silel2011_1532.pdf. Acesso em: nov. 2021.

EGGINS, Susan **An introduction to systemic functional linguistic**. 2nd. ed. Londres: Continuum, 2004.

FAWCETT, Robin P. **A theory of syntax for systemic functional linguistics**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2010.

FUZER, Cristiane. Realizações linguísticas e instanciação de gêneros na perspectiva sistêmico-funcional. **Revista DELTA**, n. 34.1, p. 269-304, 2018.

FUZER, Cristiane; CABRAL, Sara Regina Sotta. **Introdução à Gramática Sistêmico-Funcional em Língua Portuguesa**. Campinas: Mercado de Letras, 2014.

GARCIA, Othon Moacir. **Comunicação em prosa moderna**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2007.

GOUVEIA, Carlos A. M. Texto e gramática: uma introdução à linguística sistêmico-funcional. **Matraga**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 24, jan./jun. 2009.

GOUVEIA, Carlos A. M. **Universais e particulares culturais**: reflexões sobre LSF em português. Santa Maria, RS: Grupo Sal – Sistêmica, Ambiente e Linguagens, da Universidade Federal de Santa Maria, [2020]. 1 vídeo (82 min.). Publicado pelo canal Grupo Sal. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=96KOB-_kJ2E&t=830s. Acesso em: nov. 2021

HALLIDAY, Michael A. K.; **An introduction to functional grammar**. 2nd. ed. London: Arnold, 1994.

HALLIDAY, Michael A. K.; MATTHIESSEN, Christian. **Construing experience through meaning**. London: Continuum International Publishing Group, 2006.

HALLIDAY, Michael A. K. **Halliday's Introduction to Functional Grammar**. 4th. ed. London; New York: Routledge, 2014.

HALLIDAY, Michael A. K. 2002. Text semantics and clause grammar: how is a text like a clause? *In*: HALLIDAY, M.A.K.; WEBSTER, J.J. **On grammar**. London; New York: Continuum International Publishing Group, 2002. p. 219-260.

HALLIDAY, Michael A. K. 2005. Computing meanings: some reflections on past experience and present prospects. *In*: HALLIDAY, M.A.K.; WEBSTER, J.J. **Computational and Quantitative Studies**. London : Continuum International Publishing Group, 2005. p. 239-267.

HALLIDAY, Michael A. K. Methods – techniques – problems. *In*: HALLIDAY, M.A.K.; WEBSTER, J.J. **Continuum companion to systemic functional linguistics**. London: Continuum International Publishing Group, 2009. p. 59-86

HASAN, Ruqaiya. The structure of a text. *In*: HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. **Language, context, and text**: aspects of language in a social semiotic perspective. Oxford: University Press, 1985.

HASAN, Ruqaiya. Part B. *In*: HASAN, Ruqaiya. **Language, context, and text: aspects of language in a social semiotic perspective**. Oxford: University Press, 1989.

HE, Qingshun. **A corpus-based approach to clause combining in English from the Systemic Functional Perspective**. Singapore: Springer, 2019.

HE, Qingshun. **Absolute clauses in English from the systemic functional perspective**. Singapore: Springer, 2015.

HUMPHREY Sally et al. **Working grammar: an introduction for secondary English teachers**. Sydney: Pearson, 2011

KOCH, Ingedore. V. **Argumentação e linguagem**. São Paulo: Cortez, 2011.

KOCH, Ingedore V. **Introdução à linguística textual: trajetória e grandes temas**. São Paulo: Contexto, 2018.

LAVID, Julia; et al. **Systemic functional grammar of Spanish: a contrastive study with English**. New York: Continuum International Publishing Group, 2010.

LIMA, Rocha, **Gramática normativa da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: José Olympio Ed., 2011.

LONGACRE, Robert E. The discourse strategy of an appeals letter. *In*: MANN, T.; THOMPSON, S. (ed.). **Discourse description: diverse linguistic analysis of a fund-raising text**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1992.

MARTELOTTA, Mário E. *et al* (org.). **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2017.

MARTIN, James R.; MATTHIESSEN, Christian. M. I. M.; PAINTER, C. **Working with functional grammar**. London: Arnold, 1997.

MARTIN, James R; **English text: system and structure**. Amsterdam: J. B. Publishing Company, 1992.

MARTIN, James R.; ROSE, David. **Working with discourse: meaning beyond the clause**. London: Continuum International Publishing Group, 2007.

MARTIN, James R.; WHITE, Peter R. **The language of evaluation: appraisal in English**. New York: Continuum, 2005.

MATTHIESSEN, Christian M.IM, 2002, Combining clauses into clause complexes: A multi-faceted view. *In*: BYBEE, J; NOONAN, M. John. **Complex sentences in grammar and discourse: essays in honor of Sandra A. Thompson**. Amtersdam: Benjamins B.V, 2002.

MATTHIESSEN, Christian M.IM, **Lexigrammatical cartography: English systems**. Taiwan: MEADEA Enterprise, 1995.

MATTHIESSEN, Christian M.I.M.; M.A.K. Halliday. **Systemic functional grammar: a first step into the theory**. Beijing: Higher Education Press, 1997.

MEURER, José L. *et al* (org.). **Gêneros: teoria, métodos, debates**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

NEVES, Maria Helena M. **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

NEVES, Maria Helena M. **Texto e gramática**. São Paulo: Contexto, 2011a.

NEVES, Maria Helena M. **Gramática de usos do Português**. São Paulo: Editora Unesp, 2011b.

NÓBREGA, Adriana. N. **Narrativas e avaliação no processo de construção do conhecimento pedagógico**: abordagem sociocultural e sociosemiótica. 2009. 244 f. Tese (Doutorado em Letras) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009. Disponível: https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/13947/13947_1.PDF. Acesso em: nov. 2021

NUNES, Glívia G. **Relações lógico-semânticas na organização sequencial da argumentação**: um estudo sistêmico-funcional. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/14179> Acesso em: nov. 2021.

SCHLEE, Magda B.; DUTRA, Vania Lúcia. R. **A dimensão acima da oração**: o complexo oracional. Santa Maria, RS: Grupo Sal – Sistêmica, Ambiente e Linguagens, Universidade Federal de Santa Maria (RS), [2021]. 1 vídeo (143 min.). Publicado pelo Canal Grupo Sal. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-6CqRS-XkGM&t=6067s>. Acesso em: nov. 2021.

SCHLEE, Magda B. **A modalidade em português**: uma abordagem sistêmico-funcional das orações principais. 2008. 168 f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <https://www.btdt.uerj.br:8443/handle/1/6086>. Acesso em: nov. 2021.

SOARES, Neiva Maria M. **Gêneros textuais em foco**. Curitiba: Appris Editora e Livraria Eireli-ME, 2016.

THOMPSON, Geoff. **Introducing functional grammar**. London: Routledge, 2014.

ANEXO

**LISTA DE TERMOS DA LINGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL EM
PORTUGUÊS BRASILEIRO: LÉXICO-GRAMÁTICA**

inglês português

A

ability [modality] habilidade [modalidade]

Accompaniment [circumstance] Acompanhamento [circunstância]

act clause oração-ato

active [voice] ativa [voz]

Actor Ator

addition [logico-semantic relation] adição [relação lógico-semântica]

Additive Aditivo(a)

adjectival group grupo adjetivo

Adjunct Adjunto

adverbial group grupo adverbial

adversative [logico-semantic relation] adversativa [relação lógico-semântica]

affective [mental process] afetivo [processo mental]

agency agência

Agent [participant] Agente [participante]

agentive agentivo(a)

agnate agnato(a)

agnation agnação

agreement concordância

alternation [logico-semantic relation] alternância [relação lógico-semântica]

alternative alternativo(a)

Angle [circumstance] Ângulo [circunstância]

angle [circumstantial clause] ângulo [oração circunstancial]

ascribe inscrever

ascriptive inscritivo(a)

asseverative asseverativo(a)

Assigner Designador

Attribute Atributo

attributive clause oração atributiva

attributive process processo atributivo

Attributor Atribuidor

B

Behalf [circumstance] Benefício [circunstância]

Behaver [participant] Comportante [participante]

Behaviour Comportamento

behavioural clause oração comportamental

behavioural process processo comportamental

Beneficiary Beneficiário

bidirectionality [property of the mental processes of emotion]

bidirecionalidade [propriedade dos processos mentais de emoção]

binder conector nas orações hipotáticas

bound preso(a)

bracketing agrupamento

C

Carrier Portador

case [noun of fact] acontecimento [nome de um fato]

Cause Causa

Cause Adjunct Adjunto de Causa

certainty [modality] certeza [modalidade]

chance [fact noun] possibilidade [nome factual]

Circumstance Circunstância

circumstance [modulation] circunstância [modulação]

circumstance [transitivity role] circunstância [papel de transitividade]

circumstance type [adverbial group] tipo de circunstância [grupo adverbial]

circumstantial relational clause oração relacional circumstantial

circumstantial Adjunct Adjunto circumstantial

circumstantial Attribute Atributo circunstancial
 circumstantial clause oração circunstancial
 circumstantiation [circumstantial transitivity]
 circunstancialização [transitividade circunstancial]
 clarification [elaborating logico-semantic relation]
 clarificação [relação lógico-semântica de elaboração]
 class [of grammatical unit] classe [de unidade gramatical]
 Classifier Classificador
 class-membership membro de classe
 clause oração
 clause as exchange oração como troca
 clause as message oração como mensagem
 clause as representation oração como representação
 clause complex complexo oracional
 clause nexus nexo oracional
 cleft clause oração clivada
 Client Cliente
 cline contínuo
 cline of delicacy contínuo de detalhamento
 cluster agrupamento
 cognitive [mental process] cognitivo [processo mental]
 comitative comitativo(a)
 command [speech function] comando [função de fala]
 comment Adjunct Adjunto de comentário
 commodity [speech function system] mercadoria [sistema de função de fala]
 common noun nome comum
 common verb verbo comum
 comparative conjunction conjunção comparativa
 comparison [logico-semantic relation] comparação [relação lógico-semântica]
 Complement [modal function] Complemento [função modal]

complementarity complementaridade
 complex clause complexo oracional
 compound noun nome composto
 conation [hypotactic verbal group complex] conação [grupo verbal complexo hipotático]
 Concession [circumstance] Concessão [circunstância]
 concession [enhancing relation] concessão [relação de intensificação]
 concessive [logico-semantic relation] concessivo [relação lógico-semântica]
 Condition [circumstance] Condição [circunstância]
 condition [enhancing relation] condição [relação de intensificação]
 conflation confluência
 conflate confluir
 congruence congruência
 congruent congruente
 conjunction [word class] conjunção [classe de palavra]
 conjunction group grupo conjuntivo
 conjunctive [word class] conjunção [classe de palavras]
 conjunctive Adjunct Adjunto conjuntivo
 conjunctive marker marcador conjuntivo
 consequence [logico-semantic relation] consequência [relação lógico-semântica]
 Contingency [circumstance] Contingência [circunstância]
 continuative continuativo(a)
 copular verb verbo copulativo
 correlative [conjunction] correlativa [conjunção]
 count noun nome contável
 coupling acoplamento
 creative [material clause] criativa [oração material]

D

declarative clause oração declarativa
 declarative [mood] declarativo [modo]
 Default [circumstance] Falta [circunstância]

defining relative clause oração relativa definidora

Degree [circunstância] Grau [circunstância]

Deictic Dêítico

deicticity deiticidade

deixis dêixis

delicacy detalhamento

demanding solicitação

determiner determinante

demonstrative demonstrativo

deontic [modality] deôntica [modalidade]

dependent clause oração dependente

depictive depictivo(a)

describe, description descrever, descrição

desiderative [type of sensing] desiderativo [tipo de sentimento]

determiner [nominal word class] determinante [classe de palavra nominal]

direct speech discurso direto

discourse Adjunct Adjunto discursivo

doing [field of activity] fazer [campo de atividade]

dominant clause oração dominante

downranked [clause] rebaixada [oração]

downranking rebaixamento

duration/inception [phase] duração/incepção [fase]

dynamic [modality] dinâmica [modalidade]

E

effective [agency] efetiva [agência]

elaboration [logico-semantic relation] elaboração [relação lógico-semântica]

element elemento

embedded encaixado(a)

embedded clause oração encaixada

embedded expansion expansão encaixada

embedding encaixamento
 emotive emotivo(a)
 engendered causado
 enhancement [logico-semantic relation] intensificação [relação lógico-semântica]
 entity entidade
 Epithet Epíteto
 equative equativo(a)
 equivalence [identifying clause] equivalência [oração identificativa]
 ergative model modelo ergativo
 ergative/non-ergative pairs pares ergativos/não ergativos
 ergativity ergatividade
 Event [verbal group function] Evento [função do grupo verbal]
 exchange [move] troca [movimento]
 exchange process processo de troca
 exclamative [mood] exclamativo [modo]
 exemplification [logico-semantic relation] exemplificação [relação lógico-semântica]
 Existent Existente
 existential clause oração existencial
 existential process processo existencial
 expansion expansão
 expansion as logical-semantic relationship expansão como relação lógico-semântica
 explaining explicar
 Expletive Expletivo
 explicit explícito(a)
 explicit/implicit orientation orientação explícita/implícita
 exposition [logico-semantic relation] exposição [relação lógico-semântica]
 extension [logico-semantic relation] extensão [relação lógico-semântica]
 Extent [circumstance] Extensão [circunstância]

F

fact clause oração-fato

figure figura

Finite Finito

finite [clause] finita [oração]

finite operator operador finito

finite verbal group grupo verbal finito

finite verbal operator operador verbal finito

flow fluxo

Frequency [circumstance] Frequência [circunstância]

frequency [modulation] frequência [modulação]

function [stratification matrix] função [matriz de estratificação]

G

Given [information unit function] Dado [função de unidade informacional]

giving/demanding [speech function] dar/solicitar [função de fala]

Goal Meta

goods-&-services/ information bens e serviços / informação

grammatical intricacy intrincacia gramatical

grammatical metaphor metáfora gramatical

grammaticalization gramaticalização

grammatical Subject Sujeito gramatical

grammatics gramaticologia [teoria gramatical]

greeting [minor clause] saudação [oração menor]

group grupo

group function função de grupo

group complex complexo de grupo

Guise [circumstance] Aparência [circunstância]

H

Head [group function] Núcleo [função no grupo]

hyper-New hiper-Novo

hyperphenomenal hiperfenomenal

hyper-Theme hiper-Tema

hypotatic hipotático(a)

hypotaxis hipotaxe

I

Idea Ideia

idea clause oração ideia

ideational metaphor metáfora ideacional

Identified Identificado

Identifier Identificador

identifying clause oração identificativa

identifying process processo identificativo

imperative [mood] imperativo [modo]

imperfective/perfective [aspect] imperfectivo/perfectivo [aspecto]

implicit implícito(a)

inceptive [attribution clause] inceptivo [oração atributiva]

inclination [modality] inclinação [modalidade]

incongruent [realization] incongruente [realização]

independent clause oração independente

indicative [mood] indicativo [modo]

indirect question pergunta indireta

indirect speech discurso indireto

indirect statements/questions afirmações/perguntas indiretas

Inducer [participant] Indutor [participante]

information focus foco de informação

information unit unidade de informação

Initiator [participant] Iniciador [participante]

intensification intensificação

intensifier intensificador

intensity intensidade

intensive intensivo(a)

intensive attributive clause oração atributiva intensiva

intensive clause oração intensiva

intensive identifying clause oração identificativa intensiva

interdependency [taxis] interdependência [taxe]

interpersonal Adjunct Adjunto interpessoal

interpersonal metaphor metáfora interpessoal

interpersonal projection projeção interpessoal

interpersonal Theme Tema interpessoal

interrogative [mood] interrogativo [modo]

interval [circumstance of extent] intervalo [circunstância de extensão]

J

jussive [imperative] jussivo(a) [imperativo]

L

lexical density densidade lexical

lexical ergativity ergatividade lexical

lexical grammar gramática lexical

lexical verb [word class] verbo lexical [classe de palavra]

lexicogrammar léxico-gramática

lexis léxico

like/please, mental clause oração mental do tipo gostar/agradar

linker conector de orações paratáticas

Location [circumstance] Localização [circunstância]

locative demonstrative [word class] demonstrativo locativo [classe de palavra]

locution locução

logical function função lógica

logical metafunction metafunção lógica

logical mode modo lógico

logical relation relação lógica

logical Subject Sujeito lógico

logico-semantic type tipo lógico-semântico

logico-semantic relation relação lógico-semântica

M

macrophenomenon macrofenômeno

major clause oração maior

Manner [circumstance] Modo [circunstância]

manner [logico-semantic relation] modo [relação lógico-semântica]

marked Theme Tema marcado

mass noun nome de massa

material clause oração material

material process processo material

matrix matriz

Matter [circumstance] Assunto [circunstância]

mean [logico-semantic relation] meio [relação lógico-semântica]

meaning significado

Means [circumstance] Meio [circunstância]

Medium [role in ergative model] Mediador [papel no modelo ergativo]

mental clause oração mental

mental process processo mental

message mensagem

metaphor metáfora

metaphorical metafórico(a)

meteorological clause oração meteorológica

middle [agency] média [agência]

middle voice voz média

minor clause oração menor

minor Process Processo menor

modal Adjunct Adjunto modal

modal assessment avaliação modal

modal operator operador modal

modality modalidade

modalization modalização

modal value valor modal

mode [contextual parameter] modo [parâmetro contextual]

mode [verbal category] modo [categoria verbal]

Modifier [in the group] Modificador [no grupo]

modifier modificador

modulation modulação

MOOD system sistema de MODO

Mood [verbal] Modo [verbal]

mood modo

mood Adjunct Adjunto de modo

N

need [noun of modulation] necessidade [nome de modulação]

nesting aninhamento

New [information unit function] Novo [função unidade de informação]

nexus nexo

nominal clause oração nominal

nominal group grupo nominal

nominalization nominalização

non-agentive não agentivo

non-defining relative clause oração relativa não definidora

non-finite não finito

non-finite clause oração não finita

non-interactant não interactante

non-marked Theme Tema não marcado

non-projecting não projetante

noun [word class] nome [classe de palavra]

nucleus, clause núcleo, oração

Numerative [nominal group function] Numerativo [função de grupo nominal]

O

obligation [modulation] obrigação [modulação]

offer [speech function] oferta [função de fala]

operative/receptive [voice] operativa/receptiva [voz]

order of elements ordem dos elementos

Ordinative [nominal group function] Ordinativo [função de grupo nominal]

orientation orientação

P

paratatic paratático(a)

parataxis parataxe

participant [transitivity function] participante [função de transitividade]

passive [voice] passiva [voz]

patient [as term for participant] paciente [como termo para participante]

perception percepção

perceptive clause oração perceptiva

perfective/imperfective [aspect] perfectivo/imperfectivo [aspecto]

phase fase

Phenomenon Fenômeno

phrase sintagma

Place [circumstance] Lugar [circunstância]

place [logico-semantic relation] lugar [relação lógico-semântica]

point of departure [of the clause] ponto de partida [da oração]

polarity polaridade

possession as participant posse como participante

possessive possessivo(a)

possessive clause oração possessiva

post-Deictic Pós-Dêítico

Postmodifier Pós-Modificador

post-posed Subject Sujeito posposto

predicate predicado

Predicate Predicado

Predicator Predicador

Premodifier Pré-Modificador

preposition group grupo preposicional

present-in-present [tense] presente-no-presente [tempo]

primary/secondary clause oração primária/secundária

primary/secondary group grupo primário/secundário

primary/secondary tense tempo primário/secundário

probability [modality] probabilidade [modalidade]

procedure procedimento

process type tipo de processo

Product [circumstance] Produto [circunstância]

progressive progressivo(a)

projection projeção

projected clause oração projetada

projecting clause oração projetante

proof [noun of indication] prova [nome de indicação]

proposal proposta

proposition proposição

pseudo-cleft sentence [use of term in formal grammar]

oração pseudoclivada [uso do termo na gramática formal]

psychological Subject Sujeito psicológico

Purpose [circumstance] Propósito [circunstância]

purpose [logico-semantic relation] propósito [relação lógico-semântica]

Q

Qualifier [nominal group function] Qualificador [função de grupo nominal]

Quality [circumstance] Qualidade [circunstância]

quality [logico-semantic relation] qualidade [relação lógico-semântica]

Quantitative [nominal group function] Quantitativa [função de grupo nominal]

question [speech function] pergunta [função de fala]

quoting citação

R

Range [participant] Alcance [participante]
 rank nível
 rank scale escala de nível
 rankshift; rank-shift mudança de nível
 readiness [modality] prontidão [modalidade]
 Reason [circumstance] Razão [circunstância]
 reason [logico-semantic relation] razão [relação lógico-semântica]
 Receiver [participant] Receptor [participante de oração verbal]
 receptive receptivo(a)
 receptive clause oração receptiva
 Recipient [participant] Recebedor [participante de oração material]
 relational clause oração relacional
 relative clause oração relativa
 relational process processo relacional
 replacement [logico-semantic relation] substituição [relação lógico-semântica]
 report relato
 Residue Resíduo
 response resposta
 result [logico-semantic relation] resultado [relação lógico-semântica]
 resultative attribute atributo resultativo
 reversibility reversibilidade
 Rheme Rema
 Role [circumstance] Papel [circunstância]
 root [modality] raiz [modalidade]

S

salience saliência
 Sayer [participant] Dizente [participante]
 Scope Escopo
 secondary tense tempo secundário
 semantic indeterminacy indeterminação semântica

Senser [participant] Experienciador [participante]
 sentence [graphological unit] sentença [unidade grafológica]
 simple clause oração simples
 spatial [logico-semantic relation] espacial [relação lógico-semântica]
 spatio-temporal enhancement intensificação espaço-temporal
 speech role papel de fala
 statement [speech function] declaração [função de fala]
 stratum estrato
 structural function função estrutural
 structural Theme Tema estrutural
 Subject [modal function] Sujeito [função modal]
 subtraction [logico-semantic relation] subtração [relação lógico-semântica]

T

tactic relations relações táticas
 Target [participant] Alvo [participante da oração verbal]
 taxis taxae
 temporal Adjunct Adjunto de tempo
 temporal sequencing sequenciamento temporal
 tenor [contextual parameter] relações [parâmetro contextual]
 textual Adjunct Adjunto textual
 textual Theme Tema textual
 thematic category categoria temática
 thematic dependent clause oração dependente temática
 thematic equative equativa temática
 Theme [textual clause function] Tema [função oracional textual]
 theme predication predicação de Tema
 Theme selection seleção de Tema
 Thing [grammatical] Ente [gramatical]
 thing[phenomenon] ser [fenômeno]
 Time [circumstance] Tempo [circunstância]

Token [participant] Símbolo [participante]

topical Theme Tema tópico

Topic-Comment Tópico-Comentário

transferred transferido(a)

transformative transformativo(a)

transitive model modelo transitivo

transitivity [clause system] transitividade [sistema oracional]

U

unmarked [type of Theme] não marcado [tipo de Tema]

usuality usualidade

utterance enunciado

V

Value Valor

value [modality: high, median, low] valor [modalidade: alta, média, baixa]

variation [logico-semantic relation] variação [relação lógico-semântica]

verbal clause oração verbal

verbal group grupo verbal

verbal operator operador verbal

verbal process processo verbal

Verbiage [participant] Verbiagem [participante]

viewpoint [type of Angle] ponto de vista [tipo de Ângulo]

Vocative [interpersonal clause function] Vocativo [função interpessoal da oração]

vocative [minor clause] vocativo [oração menor]

voice system sistema de voz

W

WH-element elemento Qu?

WH-interrogative interrogativa Qu?

wh-selection seleção Qu?

word [rank] palavra [nível]

word group grupo de palavras

wording fraseado

Y

yes/no interrogative interrogativa sim/não

Organon, Porto Alegre, v. 36, n. 71, p. 483-495, jan./jun. 2021.

DOI: 10.22456/2238-8915.114042 487